

TATIANA CARVALHO ASSADI

O LAÇO E O NÓ NA MONTAGEM PERVERSA:

um estudo sobre a perversão feminina.

CAMPINAS

2007

TATIANA CARVALHO ASSADI

O LAÇO E O NÓ NA MONTAGEM PERVERSA:

um estudo sobre a perversão feminina.

*Tese de Doutorado apresentada à Pós-Graduação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual
Campinas, para obtenção do título de Doutor em Ciências
Médicas, área de concentração em Saúde Mental*

ORIENTADOR: Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira

CAMPINAS

2007

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNICAMP**

Bibliotecário: Sandra Lúcia Pereira – CRB-8ª / 6044

As71L Assadi, Tatiana Carvalho
O laço e o nó na montagem perversa: um estudo sobre a perversão
feminina / Tatiana Carvalho Assadi. Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Mario Eduardo Costa Pereira
Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade
de Ciências Médicas.

1. Perversão. 2. Laço social. 3. Psicanálise. I. Pereira,
Mario Eduardo Costa. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

**Título em inglês : The tie and the knot in the perverse montage: a study on
feminine perversion**

Keywords: • Perversion
• Social tie
• Psychoanalysis

Titulação: Doutor em Saúde Coletiva
Área de concentração: Saúde Coletiva

Banca examinadora: Prof Dr Mario Eduardo Costa Pereira
Prof Dr Christian Ingo Lenz Dunker
Prof Dr Nelson da Silva Júnior
Profa. Dra. Joyce Marly Gonçalves Freire
Profa. Dra. Luciana Balbo Portella

Data da defesa: 16 - 02 - 2007

Banca examinadora da Tese de Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira

Membros:

1. Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira -

2. Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker -

3. Prof. Dr. Nelson da Silva Júnior -

4. Profa. Dra. Joyce Marly Gonçalves Freire -

5. Profa. Dra. Luciana Balbo Portella -

Curso de pós-graduação em Ciências Médicas, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 16/02/2007

DEDICATÓRIA

*À Sofia e Lucca, meus filhos, porque há experiências
que somente têm importância diante
dos encontros amorosos.*

Doroth, a personagem dos contos infantis, em seu sonho encantado teve como objetivo alcançar o Castelo de Oz. Na trajetória encontrou grandes amigos, aprendeu várias lições e resgatou temas imprescindíveis à sua vida que o cotidiano havia abafado. Graças ao caminho das esmeraldas pode, inclusive, driblar a bruxa do Oeste e chegar até Oz. Acordada do lindo sonho certificou-se que coragem, inteligência e amor sempre estiveram ao seu lado e passou a validar seus singulares encontros.

Agradeço aos leões, espantalhos e homens de lata que me conduziram no trajeto do Castelo de Oz -doutorado.

Mário, orientador, você soube com muito cuidado me dar a mão nas horas de medo e retirá-la quando foi preciso que eu batesse as asas e arriscasse uma primeira revoada. Sua voz afável em alguns momentos e rigorosa em outros está presente em meus ouvidos a cada instante que a produção escrita se impõe.

Duas pessoas foram absolutamente decisivas no meu percurso científico. Christian, professor, orientador e amigo, foi com você e o desafio de estudar o seminário XVII de Lacan em tempos da formação acadêmica que tudo começou. Ter, constantemente sua presença e interlocução nestes longos anos me deixa lisonjeada e ensina-me e encoraja-me na continuidade do percurso da psicanálise. Obrigada a você e ao Nelson que desde a época do mestrado tanto me fortaleceu, especialmente, nos enfrentamentos das discussões clínicas. Com sua subjetividade aberta me apontou a possibilidade de prosseguir e procurar o caminho para Oz. Vocês foram decisivos nesta escolha.

Vários foram os momentos em que parava, me escutava e a desistência era minha única possibilidade, as portas eram abertas para muitas bruxas e a sensação que tinha era de que a qualquer momento os sapatinhos de rubi seriam roubados e mergulharia, invariavelmente, nos odores das papoulas para o adormecimento da escrita e da leitura. Alguns amigos surgiram nestes momentos e me acalantaram, outros se tornaram grandes interlocutores e houve ainda aqueles que pontualmente me lembraram da minha escolha.

A grande maioria foi descoberta no momento mesmo do início do doutorado e deixam marcas tão incríveis que posso dizer que esta foi a maior conquista deste percurso acadêmico. São estes:

Joyce, grande amiga e profissional brilhante, com sua escuta cuidadosa e dedicação esteve e está tão presente no meu texto e, mais ainda, em minha vida.

Agradeço especialmente ao Edson Sousa, interlocutor, amigo e confidente que com seus elogios e presença, mesmo a distância, me trouxeram muitos ganhos e me proporcionaram tantos encontros artísticos que pude transformar o rigor da ciência em momentos poéticos.

Joyce, Edson e Christian convidados para a banca de qualificação deste texto, fizeram muito mais do que minha expectativa poderia alcançar. Pela ajuda que me ofereceram tive forças para chegar até o final deste percurso, as contribuições foram valiosas e muito do que disseram transformaram minhas idéias. Obrigada!

Adriana e Luciana, vocês além de exemplos de perseverança e escuta clínica me abraçaram e me foram solidárias quando foi preciso. Quanto à Virgínia aprendi, especialmente, com você, a marca da persistência e do apaixonamento científico. Agradeço-te pelas possibilidades e pelas portas abertas junto à Universidade Federal do Paraná.

Há ainda outras pessoas muito especiais do Laboratório de Psicopatologia Fundamental da Unicamp. Débora, querida, minha admiração por você cresce a cada dia e te agradeço, sobretudo, por apresentar-me a outros pensamentos, tornando-me menos ortodoxa e rígida. Vera Colucci, com sua doçura maternal, Maria Vera, com seus lindos elogios e as demais meninas recebam meu agradecimento mais profundo.

Helô, amiga e companheira de tantos trilhamentos, bom poder contar com você que junto com a Joëlle e a Dora, foram exemplos tão particulares de vida e de direção intelectual.

As meninas do consultório, especialmente, Iara, Tatinha e Márcia, que escutaram minhas dores, ajudaram em questões burocráticas e compreenderam minhas ausências em momentos de decisões organizacionais.

Obrigada também aos sempre amigos, Ramona, pela confiança, Ana Paula, pela esperança, Lucy pela admiração, Toninho e Renato pelo humor e Fatiminha pela coragem e inteligência.

Houve ainda momentos absolutamente nostálgicos. Diante dos três caminhos para chegar a Oz era preciso tomar uma decisão e escolher apenas um. Neste tanto recorri a minha família tão presente e acolhedora.

Paulo, meu marido, não há forma de saber que seja lícita senão houver amor e compreensão. Obrigada!

À minha pequena Sofia, filha tão desejada e querida, sem perceber você me encorajou a continuar nos lentos e longos passos deste percurso.

Lucca sua chegada foi uma linda surpresa e muito me fez antecipar a conclusão do texto. Obrigada pelo ponto de basta.

Mãe, obrigada por todo acolhimento e cuidado e pai por ter me ensinado que o estudo poderia ser uma possibilidade de vida.

Aos meus irmãos Tâmade e Talirson, vocês estiveram presentes na disponibilidade e na descontração em momentos tão tensos.

Mesmo sem estar mais aqui, duas outras pessoas foram e são muito especiais: o vô Maneco que sempre me encorajou e trouxe lindas lições de vida e a vó Elvira que com sua presença para além de seu tempo, tanto me ensinou e me acrescentou.

Doroth, a menina, pôde admirar junto com o leão, o homem de lata e o espantalho e, claro, seu cachorrinho Totó, àquilo que a estrada impunha-lhe através dos detalhes da natureza. Pode contemplar e deixar-se envolver pelos encantamentos do caminho e pela abertura de sua escuta.

Cecília Ferreti, obrigada pelas pontuações analíticas. Com sua escuta delicada soube dosar a angústia que muitas vezes me envolveu neste momento da tese.

Outros me conduziram à poesia, à música, à dança, às artes plásticas e à literatura. A todos estes tantos, embora não nomeados, mas cuidadosamente lembrados, meu mais sincero carinho. O mecanismo do sonho produz deslocamentos e condensações, isso quer dizer que cada um e todos mudam de lugares ou mesmo são esquecidos em um trajeto e encontrados em outro. À vocês perdidos na nomeação, mas absolutamente lembrados no coração.

Finalmente cheguei a Oz, descalça e muito mais crescida do que quando adormeci no celeiro, todavia, acrescida de marcas indeléveis e de uma profundidade *sui generis*.

Há o que agradecer àqueles que cuidaram do percurso burocrático: a Unicamp em especial que me recebeu e me autorizou a pensar sobre o tema escolhido, ao pessoal da secretaria do Departamento, especialmente a Lílian que sempre esteve disponível e me tolerou tantas outras vezes. Aos revisores do português Aldina e Zezé e outros interlocutores deste caminho. Obrigada!

Mas, imersa em muita ambigüidade pude começar e terminar este sonho diante daquilo que me foi imposto e que é minha verdadeira escolha profissional: a clínica. Aos analisandos, supervisionandos e alunos meu mais fiel agradecimento.

Obrigada aos leões, aos espantalhos e aos homens de lata, há um pouco de cada um neste texto e, muito mais, em mim.

A MULHER E A SOMBRA

Vinicius de Moraes

(Em sua incessante busca pela descoberta do desvelamento do feminino).

TENTEI, um dia, descrever o mistério da aurora marítima.

Às cinco da manhã a angústia se veste de branco

E fica como louca, sentada espiando o mar...

Eu a vira, essa aurora. Não havia cor nem som no mundo. Essa aurora, era a pura ausência. A ânsia de prende-la, de compreende-la, desde então me perseguiu. Era o que mais me faltava á Poesia:

E um grande túmulo veios

Se desvendando no mar...

Mas, sempre em vão. Quem era ela de tão perfeita, de tão natural e de tão íntima que me dava inteira e não me via; que me amava, ignorando-me a existência?

És tu, aurora?

Vejo-te nua

Teus olhos cegos

Se abrem, que frio!

Brilham na treva

Teus seios tímidos...

O desespero inútil das soluções... Nunca a verdade extrema daquela falta absoluta de tudo, daquele vácuo da Poesia:

Desfazendo-se em lágrimas azuis

Em mistério nascia a madrugada...

Lembrava uma mulher me olhando no fundo da treva:

Alguém que me espia no fundo da noite

Com olhos imóveis brilhando na noite

Me quer.

E fora essa a única verdade conseguida. A aurora é uma mulher que surge da noite, de qualquer noite _ essa treva que adormece os homens e os faz tristes. Só a sua claridade é amiga e reveladora. Ao poeta mais pobre não seria dado desvenda-la em sua humilde extrema. O poeta Carlos, maior, mais simples, a revelaria em sua pulcritude, a aurora que unifica a expressão dos seres, dá a tudo o mesmo silêncio e faz bela a miséria da vida:

Aurora,

Entretanto eu te diviso, ainda tímida,

inexperiente das luzes que vais acender

e dos bens que repartirás com todos os homens.

Sob o úmido véu das raivas, queixas e humilhações,

Adivinho-te que sobes, vapor róseo, expulsando a treva noturna.

O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,

teus dedos frios, que ainda não se modelaram

mas que avançam na escuridão como um sinal verde e peremptório.

Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,

minha carne estremece na certeza de tua vinda.

O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam.

os corpos hirtos adquirem uma fluidez,

uma inocência, um perdão simples e macio...

Havemos de amanhecer. O mundo

se tingem com as tintas da antemã

e o sangue que escorre é doce, de tão necessário

para colorir tuas pálidas faces, aurora.

A aurora dos que sofrem, a única aurora. Aquela mesma que eu vira um dia, mas cujo segredo não soube revelar. Uma mulher que surge da sombra...

Bem haja aquele que envolve sua poesia da luz piedosa e tímida aurora!

	<i>PÁG.</i>
RESUMO	<i>xxix</i>
ABSTRACT	<i>xxxiii</i>
INTRODUÇÃO	37
1- Menina. Mulher com.....	39
2- Perversões ou perversão?.....	45
3- Re- finando o tema.....	54
4- Uma perversão feminina. A jovem homossexual.....	63
5- Construindo a tese.....	65
METODOLOGIA	67
1- A tessitura do método.....	69
2- O caso clinico.....	73
3- Psicanálise e artes.....	78
4- Edificação do texto.....	81
PARTE I- A CLÍNICA	83
Capítulo I- Os casos e suas interrogações	84
1- E no principio era o ato – o caso Carmem.....	86
2- Theresa e sua (ir) responsabilidade gozante.....	92
Capítulo II- Carmem: o gozo intimado	99
Capítulo III- Vivas-mortas nas pegadas da dor: o masoquismo e a mulher...	111
Capítulo IV- Theresa: A mulher e (im) possível	123
Capítulo V- Theresa e Wanda confrontadas	135

PARTE II- A TEORIA.....	141
Capítulo VI- Uma polissemia do uso do termo perversão.....	143
1- Esqueleto arquitetônico: o encontro com a estrutura.....	144
2- Aparições e remissões do conceito de gozo em Lacan.....	156
3- Traços de fantasia ou traços de caráter.....	161
4- Os laços sociais.....	163
Capítulo VII- Maldade e perversidade: intercorrências e possibilidades ao feminino.....	168
1- O mal como fundamento desiderativo e singular ao feminino.....	171
2- Construções do mal na relação com o Outro.....	174
3- O mal capturado na montagem perversa como resposta as injunções do Outro.....	178
4- O mal e suas verdades.....	181
5- O mal e a perversidade feminina: distinções e construções.....	184
6- Mulheres e maldades.....	186
PARTE III- CONCLUSÕES.....	191
Capítulo VIII- O laço social: uma possibilidade de posicionamento subjetivo diante Do mal-estar social.....	193
1- O retorno (e)terno.....	193
2- O enfadonho olhar para o social.....	194
3- A busca pelo pai destruído.....	196
4- Uma nova sociedade: a pós.....	198
5- O assassinato da alma.....	200
6- Uma possibilidade: a palavra e sua supremacia.....	203

Capítulo IX- O laço e o Nó na perversão feminina.....	206
Capítulo X- Fechamentos e aberturas na clínica da perversão feminina.....	210
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	217

NOTAS SOBRE A EDIÇÃO

Os textos de Freud foram consultados na Edição Standard Brasileira. A referência completa foi feita na primeira vez em que a obra foi citada. Nas demais vezes, o nome e a data do artigo foram acompanhados de abreviações “ESB”, acrescidos da referência ao volume e à página (s) do texto citado.

RESUMO



O tema perversão vem sendo estudado desde o século XV com afinco, seja para designá-la como uma doença ou uma afronta social. Nos cânones sociais o caráter exclusivista da perversão sempre foi o desvio sexual. Todavia, com a introdução da psicanálise, a perversão recebeu um corte epistemológico em sua origem. De desvio, a perversão assumiu um lugar propício para sua discussão no cerne da clínica e incômodos foram gerados em relação ao seu uso. A esta discussão Freud atribui o tom estrutural. A partir da chamada primeira clínica de Lacan algumas categorias foram construídas para a utilização do termo o quê nos serve para pensar sobre a perversão feminina. O objetivo deste trabalho é investigar como a perversão feminina surge no contexto clínico. Através de dois casos, Carmem e Theresa, motes desta pesquisa, quatro categorias foram construídas para introduzir o tema no feminino. São estas: a perversão como estrutura clínica, como montagem narcísica ou laço social, como forma de gozo e, finalmente, como traço de fantasia. Considerou-se que a perversão feminina está mais próxima de uma forma de laço social do que de estrutura, de traço ou de gozo, endereçando ao que se pode chamar de montagem perversa.

Palavras-chaves: perversão, psicanálise, laço social.

ABSTRACT



The theme perversion has been seriously studied since the fifteenth century, whether to appoint it as a disease or a social insult. For social principles the exclusive feature of perversion has always been that of a sexual deviation. However, with the prelude of psychoanalysis, perversion received an epistemological cut in its origin. From deviation, perversion has now taken on a convenient position for its discussion in the core clinic, causing discomfort to its usage. Freud, peculiarly, introduced to that discussion a structural tone. From the so called first Lacan's clinic as couple of categories have been built for the application of the term which way help us think about the feminine perversion. Thus, the objective of this work is to study how feminine perversion emerges in the clinic setting. By means of two clinic cases, Carmem and Theresa, themes of the research, four categories seemed obvious to introduce the feminine theme. They are: perversion as a clinic structure; as a narcissistic montage or social tie; as a way of *jouissance* and at last, as a fantasy trait. The existence of feminine perversion is much closer to a form of social tie than to a structure, trait or way of *jouissance*, to what could be called perverse montage.

Key-words: perversion, psychoanalysis, social tie.

INTRODUÇÃO

*Ah, na minha alma sempre chove.
Há sempre escuro dentro de mim.
Se escuto, alguém dentro de mim ouve
A chuva, como a voz de um fim...*
Fernando Pessoa

1- Menina. Mulher com

A fala de Geoff é incisiva: isto é uma brincadeira – Joke, um jogo. Hilary desmente a afirmação dizendo que se engana ao acreditar no joke, aquele ato é tão quente que é preciso ser escondido. Esta é uma das cenas mais marcantes do filme *Menina má.com*, em exibição nos cinemas brasileiros a partir do mês de outubro de 2006. O filme, primoroso por excelência, é composto de dois ou três atos em que os únicos personagens no cenário são Geoff, o fotógrafo, numa média 35 anos, e Hilary, uma adolescente no auge dos 14 anos, ardente em sua pouca idade. O encontro entre eles, primeiramente, acontece por ocorrência de passeios em salas de bate-papo da internet, travam conversações constantes arriscando em falas sedutoras até que decidem, por proposta da menina, em um segundo tempo, abrirem ao incerto e encontrarem-se em uma lanchonete da cidade. Ela uma menina maliciosa, estilo a famosa Lolita de Vladimir Nabocov, com seu jeito infantil e faceiro apresentado em um corpo em transformação, deixa preciosidades da ingenuidade e da malícia em gestos certos e calculados. Ele um homem de fala doce, tom agradável e belo fisicamente, sobretudo, experiente com meninas, seus objetos fotográficos de maior admiração e renome. Em meio a conversas e seduções dirigem-se até o estúdio fotográfico de Geoff, onde reside. O lema de Hilary é *Carpe Ominus* - eis o verdadeiro encontro de uma menina e de um suposto pedófilo. Diante desta aparição abre-se lugar para a cena trazida logo acima, a riqueza do detalhe deste filme é a surpresa com que o espectador recebe os atos de Hilary. Ela o entorpece, o amarra e começa executar um ritual de castração. Em princípio ele acredita ser uma técnica de sedução, até que o ato é desenrolado e a cena deixa seu tom cômico e enfrenta um caráter de realidade *sui generis*.

Ainda no campo das artes, Vargas Illosa, neste mesmo ano, publica uma de suas obras primas: *Travessuras da menina má*¹. A ex-Lily, ex-guerrilheira, ex-Sra. Robert Arnoux, ex-Mrs. Richardson, ex-Sra. Fukuda, ex- Sra Somocurcio, ex-senhora..., deixa seu fiel apaixonado Ricardo embasbacado e mergulhado em suas travessuras amorosas durante toda a travessia de sua vida, desde sua primeira década até a última delas. A menina má, codinome que recebe de Ricardo Somocurcio, recosta seus desejos em busca de uma frenética aventura regada a riqueza, luxúria e beleza. Desde o tempo em que se conheceram, no Peru da antiga escola primaria, o encantamento por Lily foi o norte da vida de Ricardo. De lá se mudou para Paris e em sua formação como tradutor encontrou a menina má, que o recusou por diversas vezes e em diversas situações. Trocaram alguns beijos, ou melhor, beijou-a algumas vezes e com ela fez sexo - ele o fez, ela o recebeu. Desaparecia diante de seus olhos e nos reencontros estava sempre com outro homem, e com outro nome. Encontraram-se em Lima, em Paris, em Tóquio, em Barcelona. Desencontraram-se nestes e noutros lugares, mesmo naqueles por eles não freqüentados. Ricardo era um objeto nas mãos da menina má. Ela usava seu apaixonamento e satisfazia-se sexualmente quando dele precisava, até que, num momento diferente, em um destes encontros, ela mergulhava em desejos na cama com o garoto - homem e, sem ele dar-se conta, afinal, seu objetivo era ser amado por ela, estava sendo observado por Fukuda. Este foi um dos homens da menina que dela se apoderou, machucou-a e rasgou-lhe o ventre. A ele ela estava presa. Fukuda era sua doença e seu vício, suas agruras a enalteciam e a encantavam. Foi para Ricardo o ponto para o basta e quem desapareceu, desta vez, diante dos olhos da menina, fora ele. Anos adiante ela retorna pedindo seu socorro e mais uma vez ele a recebe, e, assim, as travessuras continuam.

Duas meninas, Hillary e Lily, em pleno século XXI, no ápice da internet, dos contatos fáceis e dos escassos encontros denunciam com suas vozes e seus atos um excesso que incomoda aqueles que adentram as salas escuras do cinema ou mesmo aqueles que viram as páginas do graúdo livro de Llosa. Estariam os dois autores construindo uma ficção tão distante das ruas do continente americano, seja ele norte ou sul ou denunciam uma verdadeira aparição do feminino?

¹ Llosa, Mario Vargas. **Travessuras da menina má**. Rio de Janeiro: Objetiva: 2006.

O tema da maldade do feminino, neste ano, ocupou grandes cenários. Em outro contexto artístico, uma exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, Manobras Radicais foi sua nomeação, Heloisa Buarque de Holanda, a curadora, delicadamente convidou mais de 60 mulheres que pudessem apresentar ao público, através de suas obras artísticas, temas relativos ao feminino. Eram artistas brasileiras representadas desde a semana de 22 até às várias semanas de 2006. Mulheres que expuseram esculturas, instalações ou quadros retratando o feminino, ou melhor, a condição da mulher em cada momento histórico da criação artística. Em uma destas instalações, ocupante de uma parede de uns nove metros quadrados, facas foram postas em todas suas dimensões e formas. Uma das melhores representações do sublime e do adjeto estava retratada nesta instalação, traduzindo o duplo sentido da escatologia. Ali, e a leitura cabe, sobretudo, ao admirador, associações tomaram o lugar da sobreposição dos objetos. Facas cortantes, cortadas, cortes feitos no corpo feminino, no masculino, convocavam ao horror do olhar. Aqui, de frente para o painel, exatamente em um espaço interditado por fitas amarelas, o observador ficava distante da obra, provavelmente pelo seu perigo. Uma mulher que retrata o perigo de ser mulher pode-se escutar em dupla inscrição, seja como cuidando dos atos contra ela ou mesmo dos atos dela. A obra de arte fala por si mesma, ela convoca o observador em seu ponto cego, no mais íntimo do ser. Obra que retrata fielmente o feminino na atualidade.

Estes são três encontros absolutamente contemporâneos em três proposições artísticas: cinema, literatura e arte contemporânea. Estas três convocações do olhar e da escuta endereçaram-me diretamente ao tema da tese: perversão feminina.

Causaria ao leitor uma certa estranheza esta ligação visto que, especialmente, os dois primeiros trabalhos dizem da maldade do feminino, o que cairia em uma cilada do senso comum, ou seja, articular maldade, crueldade com perversão. Outra confusão que saltaria ao leitor cuidadoso seria a tomada de cena das peripécias sexuais da menina má de Llosa e sua ligação com a perversão no sentido de aberração sexual, de prática sexual. Nem pelo viés da maldade, tampouco pelo da prática sexual que estas cenas me saltaram aos olhos. Coube-me uma pergunta, levantada em anos atrás sobre uma dramaturgia de Nelson Rodrigues. A tragédia carioca em questão era *Perdoa-me por me traíres*. Texto denso e intenso. Ao mergulhar em seu estudo me indagava se Glorinha, a personagem

principal seria perversa, seus atos o seriam, ou mesmo o que traduziria uma prática perversa seriam seus modos de gozo? A mesma questão impôs-se ao passear pelas salas cinematográficas, exposições de arte e leituras romanescas. Logo, fui capturada pela polivalência² do uso das denominações de perversão em distintos contextos.

Outro cenário impunha-se a minha escuta. Na clínica recebia duas analisandas que, de certa forma, me intimaram à mesma questão. Carmem e Theresa, assim as nomearei, na transferência, me causaram incômodos tamanhos que me fizeram escrever sobre seus casos. Durante as primeiras garatujas fui me apercebendo de formas de subjetivação, de atuações que colocavam o tema do excesso nesta clínica, em particular, para não dizer diretamente da clínica da perversão, objeto de questionamento deste texto. Assim, a figura da tese – pela exposição clínica- foi tomando forma e sendo recheada pelos elementos artísticos. Para acompanhar este percurso de investigação convido os leitores para algumas reflexões.

Antes da construção sobre o tema da perversão optei em falar sobre a feminilidade, inerente e fundamental ao tema da tese. Seria insustentável dizer da perversão feminina sem tampouco construir a idéia de feminilidade.

Freud percorreu, além das escutas advindas do divã, encontros e desencontros com mulheres que lhe indagavam freqüentemente. A importante correspondência com Martha, a então noiva foi tradutora de préstimo e, tornou a relação dos dois inabalável. A cunhada Mirna transformou-se em companheira de discussões e questionamentos; as filhas, especialmente, Anna, foram marcas pontuais em sua trajetória da vida e da obra. Vale lembrar a encantadora participação de Lou Andréa-Salome e Marie Bonaparte em sua construção teórica. Lou ocupou um lugar singular para Freud, por ela a admiração era tecida diariamente, o encantamento intelectual e a convocação estética foram os rastros de seus grandes encontros, mesmo que em sua maioria fossem realizados por cartas. Estas mulheres, grandes e pequenas, envolvidas pela e na clínica freudiana, simultaneamente,

² E absolutamente prudente ressaltar que foi durante o exame de qualificação desta tese, no qual foram membros da banca Edson Luis André de Sousa, Joyce Marly Freire e Christian Ingo Lenz Dunker que, me foi nomeada estas distinções. Christian apontou quatro formas de uso do tema, inclusive presentes em meu texto que optei em didaticamente separa-los e investigar a noção.

recheada de vozes femininas, fizeram o mestre vienense questionar-se sobre o querer feminino.

O tema da feminilidade foi freqüente em seus estudos desde os primórdios psicanalíticos até suas últimas conclusões intelectuais. Em conferência pronunciada em 1933, sobre a feminilidade, ele declara um imenso pesar visto que a psicanálise era impotente no avanço e contribuição específica sobre este tema. Diante desta impotência caberia aos leitores indagar a si próprios, ou seja, enfrentarem suas próprias análises; procurarem na ciência, em seus avanços ou mesmo indagarem os poetas, apenas eles saberiam dizer do feminino. Sua humildade é admirável, mesmo depois de ter escrito *Sexualidade feminina*, texto anterior à *Feminilidade*, lugar em que deixa claro e evidente as saídas para os infortúnios do feminino ele ainda arrisca em dizer de sua incapacidade em enfrentar o tema. Os destinos propostos por ele relativos ao engodo do feminino, seriam revelados ou pelo recalque da feminilidade; pela ascensão à masculinidade ou mesmo pela maternagem. Esta hipótese é a mais credibilizada por Freud.

Em outro texto por mim edificado³, este tema foi investigado. Uma das idéias que me colocaram em sintonia com esta escuta, acrescida do convite freudiano de buscar uma espécie de testemunho do inconsciente na arte poética, relatava que:

...feminino, criação artística e psicanálise dizem respeito a uma Outra cena, àquilo que permanecia excluído da objetividade e da materialidade dos fatos.

E em Freud achamos um bonito complemento:

Os escritores estão submetidos à necessidade de criar prazer intelectual e estético, bem como certos efeitos emocionais. Por este motivo eles não podem reproduzir a essência da realidade tal como é, senão que devem isolar partes da mesma, suprimir associações perturbadoras, reduzir o todo e completar o que falta⁴...

³ O texto citado é a dissertação de mestrado, defendida em 2000 na universidade São Marcos, sob orientação do PROF.DR. Christian Ingo Lenz Dunker, como título: **A efígie da feminilidade: uma trama de Machado de Assis a Freud.**

⁴ Freud, Sigmund. **Escritores criativos e devaneio** (1908). In *Obras completas*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago: 1980. vol.IX. p. 149.

Neste percurso, busquei em Machado de Assis, e sua fascinante personagem da rua Matacalvos, Capitolina, uma espécie de ética da feminilidade. Foi justamente com os escritores criativos que Freud encontrou traduções para a feminilidade e, ainda, como já mencionado, a ciência tornar-se-ia outra possível abertura dessa investigação, embora... *A ciência é afinal, a renúncia mais completa ao princípio de prazer de que é capaz nossa atividade mental*⁵.

Retomando, a feminilidade, naquele texto anterior, foi pensada e concluída em sua possibilidade de construção e de enigma do feminino. Aquela feminilidade proposta por Freud traduzia um sintoma social da modernidade, revelada brilhantemente pelas históricas freudianas e pela personagem Capitu. Ambas personagens foram reveladoras desta feminilidade em seu aspecto de negatividade e de *abertura ética* e suscetível de transformações constantes.

A construção da feminilidade moderna é caracterizada por duas únicas possibilidades, que são iminentes enquanto bifurcações realistas em Machado de Assis, a saber, a maternidade e a sexualidade privada na esfera domiciliar. Um terceiro elemento, o de complemento triangular colapsou as mulheres modernas. Marta, esposa de Freud, já mencionava uma terceira possibilidade para suas escolhas, quando dizia que gostaria de ganhar dinheiro - trabalhar. Aí denunciados estão os temas da construção do feminino: sexualidade, maternidade e trabalho. Todavia, coube ainda, o enigma do feminino, representado pelo olhar, pela voz, pelo gesto, pelas artimanhas que completam aquilo que já foi pronunciado por Freud e estampado nos folhetins femininos e no mais íntimo dos divãs.

Endereço-os à música de Joyce para aproximar mais um conceito sobre o que vem a ser a feminilidade. A música diz: *ó mãe, me ensina, me ensina a ser feminina, não é no cabelo, no gesto ou no olhar, mas é ser menina por todo lugar*. Encontramos a construção e o enigma da feminilidade atrelados nestas linhas acima, pena que Freud não conhecia esta letra tão melódica!

⁵ Idem. P. 149.

Talvez Hilary e Lily, as meninas, além de Carmem e Theresa possam nos ensinar muito sobre a feminilidade. O que destas construções e enigmas apontaria para a perversão: seria uma estrutura subjetiva, um traço, uma maneira de laço social ou simplesmente uma forma de gozo?

A idéia desta tese é rastrear estas formas de aparição do tema da perversão e tentar enfrentá-las, tanto na clínica como nas artes, em geral, sobretudo na particularidade da literatura e das artes plásticas.

2- Perversões ou Perversão?

Crimes, atrocidades e vinganças, atos direcionados contra alguém são referenciados pelo senso comum como sendo de caráter perverso. Há alguns anos, um incômodo invadiu as lentes das televisões e as páginas dos jornais brasileiros delatando um *serial killer*, que além de matar, estuprava suas vítimas. O mal-estar foi generalizado e a condenação era sua única saída. Conhecido como o *maníaco do parque*, diagnóstico providencial para uma sentença de insanidade mental, o homem arquitetava estratégias, armava ciladas e manipulava as vítimas para o seu prazer. Outro exemplo de combinatória de planejamento e de uso de angústia de pessoas para seu prazer apareceu estampado na mídia há um pouco mais de dois anos, quando um estudante de medicina invadiu um *shopping center* e, munido de uma arma, atirou em pessoas dentro de um espaço de lazer - o cinema - algumas foram mortas e outras feridas gravemente. Mas, incômodo maior, de tônica não fatal, foi a delação de março de 2002, sobre um médico pediatra que sedava seus pacientes adolescentes do sexo masculino, fazia com eles brincadeiras sexuais e filmava esses atos. Mais de 34 fitas foram encontradas e o horror invadiu a população brasileira pela pedofilia, voyerismo e deboche da categoria médica que o renomado profissional, reconhecido internacionalmente, sinalizava⁶.

⁶ Essas cenas foram estampadas nos principais jornais, impresso e falado, do estado de São Paulo.

Citações como estas são elencadas em jornais e revistas e tornam-se cenas triviais do mal estar da civilização. Alguns acreditam que a saída para estes seres *sem alma, sem coração*⁷, seria a morte, única possibilidade de contenção da barbárie aterrorizante; outros, mais tementes, acenam para a prisão perpétua como forma de punição para os atos incontroláveis; além dos que acreditam que os denominados perversos, mesmo pelo senso comum, são o sustentáculo do *status quo* social; contudo, em um momento sequer escuta-se a cura como forma de posicionamento necessário para a interdição destes atos excedidos.

Um dos maiores exemplos da dificuldade de cura, da interdição dos excessos, sobretudo daquilo que se denomina em linguagem corriqueira de perversão, encontra-se em Marquês de Sade, depositado em um hospício por ser considerado *imbatível*⁸. A Igreja já não possuía maiores recursos para detê-lo, a medicina espantava-se e, enquanto isso, seus livros, ditos libertinos, circulavam pela sociedade e aprazeiravam as donzelas e os moços parisienses.

Por volta de 1794, conta a história, que Marquês de Sade e seu aforismo sexual, de prazer ao extremo e de vontade de gozo envolviam a sociedade e produziam estados encantatórios e de horror simultaneamente. Seus debates sexuais e bestiais eram causadores de angústia e prazer com a mesma intensidade, sendo a dor sua especialidade em seu requinte mais perverso. Dizia o Marquês...*Não criei o mundo, só faço o seu registro*⁹. Assim, denunciava e incomodava a visada napoleônica com uma retratação explícita da hipocrisia francesa e da barbárie dos feitos em nome da Liberdade, Fraternidade e Igualdade. Com a *Filosofia na Alcova*¹⁰, *Justine* e *Crimes de Amor* foi considerado um perverso sexual, fruto da degenerescência ou habitado pelo demônio, como acreditavam os clérigos. Cabe distinguir que Sade era condenado e condenável por sua escrita ter este tom transgressor, de excessos, seu crime estava em sua escrita e pouco presente ou, quase inexistente, em seus atos. Estes eram escassos em Sade.

⁷ Denominações usuais, usadas no senso comum, para dirigirem-se aos tais maus-caracteres.

⁸ Denominação usual para evidenciar o descontrole social que os atos de Sade produziam.

⁹ Pronunciamento de Sade com aparição no filme: Contos proibidos do Marquês de Sade.

¹⁰ Obras escritas pelo Marquês de Sade.

Seus fiéis leitores deleitavam-se em suas cenas atrozes e pronunciavam que quando imersos naquele continente lascivo, transfiguravam-se em suas personagens. Fator preponderante e necessário, era a fantasia que barrava o ato, pois ao transformarem seus desejos em idéias e pensamentos, em ficção, evitavam realizá-los, consumir o ato, na vida real.

Dois séculos mais tarde, Sigmund Freud também escandalizou a sociedade vienense -invariavelmente a ocidental - ao trazer a tona suas idéias da perversão polimórfica infantil. Sade denunciou uma fantasia que fora descoberta no mais íntimo dos divãs em início do século XX. Freud descobriu aquilo que Sade já transcrevera em seus livros, a fantasia dos sujeitos. Todavia, aquilo que em tempos freudianos mantinha-se salvaguardada no confinamento do divã, em pleno século XXI, perdeu seu foro íntimo e transformou-se em banalização explodindo-se em atos, denunciando um século aprendiz da perversão masculina generalizada, segundo o dito de Soler (2005)¹¹.

Neste contexto é necessário fazer uma digressão e apresentar, brevemente, a idéia enunciada sobre o termo ato, visto que vários destes exemplos apontam para a clínica do ato. Na psiquiatria é reconhecido como uma violência ou brusquidão de certa conduta que promovem um curto-circuito na vida mental e precipitam o indivíduo em uma ação¹². Freud, em 1914, no texto sobre o Narcisismo¹³ conduz a idéia de que o conteúdo recalçado em sua impossibilidade de lembrança retorna a cadeia em forma de ato. Contudo, nessa espécie, Lacan é mais contundente em 1963¹⁴, no seminário sobre a angústia quando musicaliza que o ato é considerado uma saída de cena, um salto no vazio em que o sujeito se reduz a um objeto excluído ou rejeitado.

Retornando ao Marquês, seu verdadeiro crime, se assim é possível dizê-lo, foi o das suas palavras que invadiam as entranhas da sociedade de Paris do século XVIII, pela escrita surgiu sua maior perversão, ou melhor, seu maior ato elevado à condição perversa, foi todavia, utilizar algumas mulheres, em especial Madelaine ou mesmo Émilie, manipulá-las e induzi-las aos feitos, servindo-se delas como via de acesso ao seu prazer.

¹¹ Soler, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005. p143.

¹² SCHULTE, W. & TÖLLE, R. *Manual de psiquiatria*. São Paulo, EPU, Springer, 1981.

¹³ Freud, S. **Sobre o Narcisismo: uma introdução** (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1980. ESB., vol XIV.

¹⁴ Lacan, J. **O seminário: a angústia** (1962-63).Centro de Estudos Freudiano do Recife, 2000.

Esta mesma dinâmica pode ser apreciada em *La Condanna* -O processo do desejo- filme do italiano Billochio, em que uma mulher encontra-se trancada, após o horário de visitação, em um museu e resolve, pois lhe resta apenas isto, atravessar a noite apreciando as obras de arte. Durante seus momentos de deleite artístico, encontra um homem que, supostamente, também permaneceu fixado no encantamento da exposição a ponto de não perceber o término da visitação. Os dois cantarolam pelos corredores do museu, enaltecem-se com a beleza das obras, divertem-se e, finalmente, mergulham em prazeres sexuais. Ao amanhecer, antes das portas do museu serem abertas, a confissão salta aos ouvidos da senhora. O homem confessa-lhe que durante todo o tempo portou as chaves, e poderia ter aberto, a qualquer momento, as trancas do prédio. Pode-se então considerar este uso do outro como meio de obtenção do prazer como um ato perverso.

As duas últimas construções oferecem um distanciamento da articulação da perversão com o desvio sexual tal qual comumente é sinalizada nos arroubos sociais. Contudo, nestes cenários citados coube, exclusivamente, ao homem o caráter perverso e às mulheres o lugar de objeto. Lendo uma revista semanal de meados de 2004, uma reportagem saltou-me aos olhos: *Mentira que destrói*   o nome do texto. Em referência a uma síndrome, conhecida como de Münchhausen, homenagem ao Barão de Münchhausen, que, por suas diversas aventuras, ofertou lugar a uma série de desvairada ficção. Contam os especialistas que as mulheres acometidas por esta tal síndrome edificam mentiras e maus-tratos às suas crianç as, provocando constante adoecimento em seus rebentos.

Nesta aparição, intragável pela sociedade e dificultosa de enfrentamento nas clínicas médicas, ali aonde o Outro é tomado e usado como objeto, a mulher, mais precisamente a mãe, é o sujeito da a o e o algoz. Desta feita, sua atitude, sobretudo, diante dos filhos é justificada pelo emblema da doenç a. Essa síndrome tem como marca principal a simulação. As mulheres *acometidas* pela doenç a levam, constantemente, seus filhos ao médico expondo-lhes uma afecção ou um ferimento que não se cicatriza. O tratamento é feito e a negligência é seu ponto mais forte, sendo que tanto a recidiva quanto o surgimento de novos sintomas aparecem misteriosamente no *infans*. Logo, seguindo o vetor dos especialistas, o prognóstico é usual: as mulheres ao invés de cuidarem das doenç as das crianç as, as produzem, ou seja, mascaram seus maus tratos numa encenação de presteza

excessiva. Este texto, dentre outros, nos remete a pensar, todavia, nos tais atos praticados por mulheres e que enfrentam os ditames e normas sociais.

Recapitulando, nestes cenários propostos, desde as aparições das meninas más, da obra de arte, dos homens transgressores sociais, até Sade, o filme de Billochio e mulheres acometidas pela síndrome de Munchausen, o que verificamos é uma possibilidade ampla de uso do tema da perversão. Investiguemo-lo:

A distinção entre perversidade, psicopatia, sociopatia ou qualquer outra denominação deste porte não tem profundidade clínica suficiente para enfrentar o tema da tese. A idéia do trabalho e a recuperação da perversão a partir da clínica psicanalítica não é de manchetes de jornais ou de aparições sociológicas ou jurídicas, além das denominações médicas. Estas me fazem pensar em aparições exclusivamente descritivas. Deste tanto, trazer estas cenas para o cenário da discussão e apresentar recortes diferenciados poderá ajudar a elucidar o tema da perversão feminina que nos interessa.

Continuando. Embora tenha Sade sido considerado um pervertido sexual pela sua escrita me parece que não seja este o ponto de sua máxima perversa, assim como o personagem de Billochio, o que evidencia uma possibilidade perversa, nestes casos, é o estatuto de seus atos elevados ao uso e angústia do Outro. A escrita sadiana é demarcada pelo traço de fantasia o que comumente é escutado nos consultórios analíticos. No caso particular do *maníaco do parque* cabe-me arriscar em dizer de uma estruturação subjetiva perversa, assim como do tal médico pedófilo. Depois de lermos esses clássicos perversos citados acima, calcula-se que o perverso confirma sua existência na ordem do significante pela convocação maciça pela busca do real.¹⁵, desmistificando-se o aspecto exclusivista do imaginário. Quanto aos casos apresentados pela literatura encarnados em Hilary e Lily, indagá-los quanto a uma montagem narcísica é seu destino. Neste ínterim algumas formas distintas da perversão podem ser verificadas, a saber: como traço de fantasia; como estrutura psíquica ou mesmo como montagem narcísica. Outra forma trivial pode ser a apresentada também nas imagens literárias reveladas: como forma de gozo.

¹⁵ Colette Soler faz um pequeno comentário sobre a abertura do real do ato no perverso em seu livro: **O que Lacan dizia das mulheres**. Op. Cit., p. 162.

Vista a polivalência de utilização do termo perversão um saber sobre esse tema ligeiramente me convocou à investigação. O privilégio que a falta traz é, sem sombra de dúvidas, a vantagem da abertura que ela autoriza: a procura, a pesquisa, a investigação, a indagação. Coloquei-me diante dessa questão e, no enfrentamento da clínica, principalmente de Carmem e Theresa, pude levantar o ponto de pesquisa: *existe mulher perversa?* Seriam perversas as mulheres, sobre quais circunstâncias? Quais as exigências, termos e condições para a utilização desta nomeação?

Qual seria a verossimilhança dessa possibilidade? De fato, a perversão seria evidenciada como masculina e, conseqüentemente, em ausência no feminino? Se assim fosse qual seria seu motivo principal? Estaria a diferença, exclusivamente, calcada no anatômico da espécie? Ato ou estrutura perversa, o que estaria escutando? Ou quem sabe, estaria ainda com resquícios das construções sociais?

Na psicanálise, considerada uma teoria sobre o psiquismo, simultaneamente, um método de investigação e, sobretudo, uma técnica terapêutica, o tema da perversão fica cabível, exclusivamente ao homem, pela questão fetichista, paradigma desta estrutura. Desta forma, sendo indiscutível em sua insustentável aparição no feminino. Segundo Freud, e mesmo Lacan, psicanalista francês, a idéia da existência da mulher perversa é praticamente nula. Veremos adiante quais as formas de utilização desta categoria empossada pelos dois psicanalistas que não outorgariam a perversão ao feminino.

Ainda no âmago da própria psicanálise algumas confusões conceituais são estampadas no que tange ao campo da perversão, essas, especificamente, baseiam-se no fenômeno da conduta distinto daquilo que foi proposto por Freud-Lacan com a vertente lógico-estrutural enfocando a ética do desejo¹⁶. Alguns supõem, edificados na cronologia das fases do desenvolvimento e suas falhas, que o perverso é aquele que não atingiu a perfeição do estágio fálico, enquanto outros tomam a fase genital como índice de normalidade das escolhas subjetivas. Assim sendo, esse estaria deposto com seu investimento no objeto amoroso dessa possibilidade, desolando o semelhante. Tanto a

¹⁶ Discussão primorosa apresentada no texto de doutorado de Márcia Mello de Lima: **Gozo e perversão: um percurso na teoria de Freud com Lacan**. Tese defendida no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo em 2001.

primeira quanto a segunda afirmação em relação a essa clínica mergulham no engodo imaginário, quando, de fato, negligencia-se o tema da perversão pelas aberturas do real e do simbólico.

As contribuições freudianas tendem a desfazer esse engodo construído ao longo de toda o percurso do desígnio da estrutura perversa. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*¹⁷, Freud defenderá a tese de que toda sexualidade é perversa e nomeará os sujeitos de perversos polimorfos. Deste tanto, a perversão diria respeito a todos, de uma forma ou de outra. O desejo, inserido a partir da falta tem a conotação de perverso porque tende à sua realização, buscando o gozo perdido, o que não caracteriza uma perversão. No entanto, a partir do texto sobre o *Fetichismo*¹⁸, a especificidade da clínica da perversão será construída.

Em Freud, as perversões denotam características sexuais desviantes que categoricamente seriam representadas pelo Fetichismo e pelo Homossexualismo. No fetichismo ocorre a renegação –*Verleugnung*¹⁹ - uma dupla negação, da ausência de pênis na mãe, ao mesmo tempo, imaginariamente, um fetiche é posto para substituir esta ausência. Enquanto que na homossexualidade existe a crença de que a renegação, aquilo que é desmentido é a distinção anatômica entre os sexos, atribuindo-se a si o lugar de objeto de completude do outro. Por esta razão, em especial, relativa ao fetichista, é que a possibilidade da natureza perversa na mulher é descartada, haja vista que, segundo Freud, só é possível desmentir aquilo que já está lá, ou seja, o pênis - representante do falo. Diante desta impossibilidade, é notório que, na obra freudiana, apresentada neste pequeno fragmento, a premissa mestra do estudo sobre a perversão é desvendada como relativa ao órgão sexual.

¹⁷ Freud, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. (1905). Rio de Janeiro: ESB.: 1980?vol. VII, p.

¹⁸ Freud, S. **Fetichismo**. (1927). Rio de Janeiro: ESB., vol. XXI, 1980..

¹⁹ O termo é comumente traduzido por recusa, rejeição, no entanto, toma o tom de desmentir e renegar. Hanns, Luiz. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago:1996. p303. *“O termo quase sempre se refere a uma tentativa de negar algo afirmado ou admitido antes. Freud o descreve como mecanismo de defesa em diversos contextos, notadamente quando aborda a psicose e no artigo Fetichismo (1927).*

Cabe abrir um parêntese a despeito da idéia sustentada por Freud sobre o tema da perversão. Neste estudo, em particular, sobre o fetichismo, trata-se da perversão enquanto estrutura, ou seja, da organização subjetiva diante da Lei do incesto. E disso categoricamente que Freud fala ao pronunciar o caso clássico *ein Glanz auf die Nase*²⁰.

Todavia, é esta literatura vigente que traduz a impossibilidade da perversão no feminino. Sobremaneira, na escuta da clínica da atualidade há casos que adentram as portas dos consultórios e em suas construções psíquicas emanam atos perversos, intencionais, gozantes do Outro; manejos perversos diante de agruras supostas; formas de laços sociais perversos ou quiçá estruturações perversas. Perversidades são arquitetadas e tornam-se, deveras, marcos fundantes das posições psíquicas: mulheres e homens retratam e relatam suas peripécias e artimanhas contra si ou contra outrem. Estas questões de certa maneira colocam em cheque a premissa freudiana da perversão feminina. Estaria a apresentação da teoria vigente isentada de sentido para a clínica da atualidade ou as confusões propiciadas pelo tema da perversão tamponariam as escutas a ponto de deixar buracos na escuta do diagnóstico e direção do tratamento?

Com a apresentação de dois casos clínicos, que interrogam a teoria, este texto objetiva investigar a posição psíquica feminina frente à perversão e verificar se essas questões poder-se-iam traduzir-se como de fato uma perversão.

Carmem²¹ está repleta de *atos maldosos* enquanto que Theresa se faz representar por uma *sexualidade incontrolável*. A primeira visa destruir ao outro em detrimento de sua própria destruição; a segunda angustia o parceiro com atos insuportáveis e almeja ser transfigurada em homem.

No primeiro caso clínico o enlace fundamental é a posição que a analisanda assume diante dos outros e em relação ao seu próprio corpo, não necessariamente seus atos, o que conotariam para uma clínica exclusivista do fenômeno. Carmem, quando criança,

²⁰ um olhar sobre o nariz. Esta expressão alemã transpunha a expressão inglesa a *galnce of the nose* que vinha dos primeiros anos do senhor fetichista que Freud atendeu. Texto do fetichismo

²¹ Vale relevar o aspecto ético do uso desses fragmentos: os dados que pudessem apontar para um certo reconhecimento das pacientes foram banidos; coube, a pesquisadora, exclusivamente, permanecer com falas importantes para a condução do tema da pesquisa.

cometia sempre atos maldosos e repletos de perversidade contra as outras pessoas, em especial, as crianças e os pais adotivos. Na adolescência, perante o afastamento destes atos, evidenciou-se uma nova construção: dores por todo o corpo a acompanhavam em seu cotidiano. Procurou análise porque já havia processado vários médicos que traduziam a inexistência de uma nosografia patológica e, evidentemente, ela não suportava a impossibilidade de um diagnóstico preciso e nomeador de sua doença incurável. Durante o processo analítico as dores foram se dissipando e ofertando lugar aos atos maldosos novamente, desta vez contra o namorado, a irmã e mesmo a analista.

Quanto a Theresa, a questão perpassava por outra via. Realizava atos sexuais que angustiavam o marido com frequência. Passeava por zonas de prostituição e todos que atravessassem seu caminho e impedissem-na de realização de seus anseios eram, por ela, destruídos. Muitos dela afastavam-se por não suportarem seu gozo excessivo, respirava um gozo transgressor e avassalador. Foi para análise por causa de uma queixa sexual: era frígida. No desenrolar do processo se verificou que sua procura havia se dado porque ouvira de um médico a sugestão do auxílio de uma psicanalista: esta seria *sua amiga*. Ser amiga a remetia para uma *mulher* que amou durante toda sua vida, uma prostituta. Todo o tema deste caso está ligado às relações homoeróticas que a analisanda demandava e que passavam ao longe de contatos sexuais, mas vetorizavam para identificações amorosas.

Outro caso clínico, atendido por outra analista²² também provocou o questionamento. Era uma moça, mãe recente de um menino de apenas um ano de idade. Em suas sessões de análise levava questões dos excessos construídos e erogenizados entre ela e o filho. A forma de sucção do mamilo, os apelos sexuais ao corpo do pequeno e a completude exacerbada que o gozo que dali emanava lhe propiciavam. Isso autorizava a expulsão do homem que tentava retirar-lhe o voraz rebento e mesmo da analista na intervenção de interdição dos excessos. Este último fragmento de caso, embora instigante para uma investigação não aparecerá nesta tese, visto que muito se pesquisou a cerca da perversão na maternidade, inclusive nomeada de perversão normal²³.

²² Discussões feitas com frequência com a psicanalista Heloísa Helena Aragão e Ramirez.

²³ Lacan, J. (1957-58). **O seminário: livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

A partir destes fragmentos clínicos e dos exemplos transportados das artes em geral e da cultura em específico, quatro questões fundamentais sobre a utilização e representação do tema da perversão aparecem:

- 1- Como estrutura clínica;
- 2- Como montagem narcísica ou forma de laço social;
- 3- Como prática de gozo ou modo específico de satisfação;
- 4- Como traço de fantasia: seja no ato ou no traço de caráter.

3- Re-finando o tema

Tomando estas quatro aparições do uso do tema perversão, tentarei construir idéias fundamentais para edificar cada uma destas categorias.

Iniciarei pela aparição freudiana da impossibilidade da mulher perversa. Este uso se faz subjacente à idéia central de Freud de que anatomia é destino²⁴. Estaria Freud trazendo para o cenário, ao dizer da perversão no feminino, exclusivamente, o embate anatômico, de gênero ou de alma feminina?

O feminino tem sido discutido e indagado por diversos pensadores, dentre eles os psicanalistas, como mencionado de início. O obscurantismo sobre o enigma do feminino e a construção da feminilidade²⁵, põe em encontros filosóficos profissionais das áreas mais variadas, de pintores a jornalistas. Degas^{26,27} em suas envolventes esculturas era incansável em retratar o corpo feminino e sua resplandecência nos movimentos de bailarinas. Renoir (1903) desenhava e pintava uma série de banhistas numa tentativa de deciframento constante de despir a mulher e depositar seus adornos em pedras que beiravam os rios e riachos, e perguntando-se o que havia por detrás daquelas indumentárias que sempre lhe

²⁴ Freud, Sigmund. **O ego e o id (1923)**. In Obras completas, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

²⁵ Assadi, Tatiana carvalho. Op. Cit.

²⁶ Degas e o movimento. Masp- São Paulo.

²⁷ Valéry, P. **Degas Dança Desenho**. São Paulo: Cosac & Naify Edições: 2003

escapava aos olhos. Vale trazer ao debate Courbet e *A criação do Mundo*, obra de arte que tem seu início e fim nas genitálias femininas, um verdadeiro clássico sobre o tema. Há muitos outros que ocuparam-se deste enigma, entre eles Ingres e Manet. Enquanto isto os poetas mergulham num universo de amor e traição feminina. Vemos, então, homens e suas tentativas de decifração do feminino, seja através da sutileza, da delicadeza, seja melancolicamente ou mesmo brutalmente. Falar da mulher, ou melhor, do feminino, ainda hoje se tornou uma constante nos bancos acadêmicos e eventos culturais.

Em contos infantis a mulher surge como indefesa ou megera dilaceradora, e na mídia seus atos são tomados pelo horror e descaso. Tomemos o famoso conto da Branca de Neve²⁸, obra prima dos Irmãos Grimm. Lá a rainha, tendo como Outro um espelho habitualmente consultado para declarar e atestar sua beleza, fôra por ele traída, em conseqüência de seu *mau-dito*. Anunciou naquele reinado haver uma menina, branca como a neve, que era esplendorosa para além da própria rainha. Pega pela imagem e pelo narcisismo atravessado por um punhal ordenara a destruição da menina e esta passou a correr perigo. No antagonismo desta cena surge Branca, a névoa menina de olhos e cabelos negros, indefesa e ameaçada pela maldade da rainha. Desprotegida recebe ajuda dos sete anões, pequenos e distantes de serem salvadores da menina-mulher. Foi preciso surgir um lindo príncipe para resgatá-la das agruras da invejosa mulher-rainha.

Por outro lado, na mídia apareceu Suzanne Richtofen, planejou a morte dos pais e está sendo julgada - culpada ou inocente. Esta não pode aguardar nenhum príncipe para salvá-la porque aquele que trotava no cavalo branco virou sapo. Foi o namorado sapo quem executou o assassinato de seus pais. Ela planejou e ele executou. Estaríamos diante de uma princesa às avessas? Isto me faz pensar em outro conto de fada, ou melhor, anti-conto, o desenho animado Shrek. O monstro difere do príncipe, sobretudo, pelas questões estéticas, mas a estória continua sendo de encantamento e magia. A função das estórias infantis perpetua o final feliz e a paz reinando sobre as nações. Retomando o famoso caso dos Richtofen, a menina rica, culta, viajada e com um lar *estruturado* rebela-se

²⁸ Grimm, Wilhelm. **Os contos de Grimm: Branca de Neve**. Tradução do alemão de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus: 1989. p: 48-61.

e torna-se a vilã dos sonhos infantis. Realiza em ato aquilo que as fantasias tentam sequer explicitar, o desejo de parricídio e matricídio.

Indicações como essas, além da clínica em primeira instância, coloca-nos diante do mesmo questionamento: haveria mulheres perversas? Em primeiro plano vale trazer à tona as discussões teóricas sobre o conceito de perversão para que os mal entendidos não vetorizam o trabalho.

A etimologia da palavra perversão advém do latim *perversione*: ato ou efeito de perverter-se, de produzir um contrário, de corromper-se. Dessa forma uma sinalização jurídica banha os primórdios do conceito. No distanciamento desta possibilidade encontra-se um diferencial entre alguns idiomas deste sinônimo. Em francês *perversion* significa depravação ou desvio, em inglês a palavra *perversion* quer dizer perversidade, capricho e birra e, finalmente, no português *perversão* é o ato ou o efeito de perverter-se, de corromper-se e depravar-se, mais uma aproximação da primeira menção do termo. Logo, o perverso é significado, pelo senso comum, como aquele que possui malíssima índole, repleto de perversidade. Perverter-se é tornar-se perverso ou mau, corromper e depravar. A perversidade é a ação desempenhada por aquele que é cruel, de índole ferina ou ruim.

O conceito de perversão, nesse âmbito, adquire formatações especialmente jurídicas e sociais: o perverso é o fora de lugar, *para além* dos princípios básicos que regem uma sociedade; é o efeito de negatividade da normalidade.

Nesse íterim a conotação da perversão enquanto desvio sexual é fruto dos estudos sexológicos. Um de seus primeiros usos foi datado de 1444 com a conotação de retornar ou reverter; em seguida, passou a ser anexado ao seu sinônimo o sentido de deplorável²⁹. Mas foi somente no século XIX que a palavra perversão surgiu nos compêndios médicos, em princípio, vinculada à noção orgânica de degeneração ou loucura moral, depois veiculada à sexualidade e suas psicopatias.

No Manual de Psiquiatria³⁰ (1981) a definição de perversão apareceu como... *Uma inversão ou deturpação do instinto sexual (p.138)*, sendo sinônimo, nesse caso, de parasssexualidade e parafilia. Nesse compêndio psiquiátrico a ênfase é no desvio do

²⁹ Ferraz, F.C. **Perversão**. Coleção clínica psicanalítica. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2000.p.110.

³⁰ SCHULTE, W. & TÖLLE, R.. **Manual de psiquiatria**. São Paulo, EPU, Springer, 1981.

indivíduo caracterizado como correlativo ou ao seu desenvolvimento sexual ou ao destino provável do instinto sexual. Em relação à segunda construção, salienta-se que o instinto sexual pode assumir três formas distintas. A primeira seria relativa às *alterações do ato sexual ou do parceiro ou da escolha do objeto*; a segunda como uma *falha no sentido e do objetivo manifesto da sexualidade*, e, a terceira, com o *caráter vicioso das atividades sexuais*.

Do DSM IV (1995) foram apagadas as designações: perversão e homossexualidade, surgindo diretamente em seus lugares o termo *parafilia*. Assim, a apresentação estereotipada de seu uso, associada à perversidade como concepção moralista e discriminatória, desvincula o conceito da patologia mórbida, do moralismo social e religioso e do preconceito sexual.

De qualquer maneira, embora o DSM IV aproprie-se de uma construção menos pré-conceituosa, o Manual de Psiquiatria e a CID 10³¹ colocam a perversão num âmbito meramente sexual, ainda considerando-a como desvio, tal qual uma prática criminosa, moralmente insana. Palavras como: homossexualismo, sadomasoquismo, pedofilia, necrofilia, frotteurismo, travestismo, dentre outros, são as designações encontradas nestes compêndios médicos para indicar as chamadas parafilias. De tal feito, na psiquiatria a perversão emparelha-se com a personalidade psicopática, sendo que o diferencial é a forma de encontro com a relação sexual: *se o desequilíbrio converte-se ao meio é uma psicopatia, se for íntimo é uma perversão*³². Nesse campo científico o perverso é considerado organizado, auto-centrado, narcísico e performático, ao ponto que o psicopático, um borderline, sem controle, lábil e desprovido de emoção, estaria em um estágio bruto, primário, não aperfeiçoado da sexualidade.

No que diz respeito ao psicopata, comumente julgado pelas vertentes pedagógicas é aproximado do psicótico a partir da escuta psicanalítica, isso produz uma digressão em relação ao campo da psiquiatria. O trajeto da pulsão nos casos psicopáticos obedece a uma ordem pura, sem filtros, sem desvios, colocando, sobremaneira, em ação a

³¹CID 10- *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento*.(1993). Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Coordenação Organização Mundial de Saúde, Porto Alegre, Artes Médicas.

³² Lima, M.M. **Gozo e perversão: um percurso na teoria de Freud com Lacan**. Op. Cit., p. 5

sexualidade patológica. Durante a execução do ato o sujeito em crise psicopática denuncia o vazio no plano existencial, destituindo-se de responsabilidade moral.

Do mesmo modo, tanto na psiquiatria como timidamente na psicanálise, a palavra perversão é relegada; em alguns casos mais veementemente, acabou por ser mergulhada no limbo, noutros, posta em suspenso. Enquanto que na psiquiatria o termo desapareceu dos manuais sendo substituído pela palavra parafilia, na psicanálise pouco se trabalha esta forma de posicionamento psíquico, quiçá de estrutura. Logo, indagar a existência da mulher perversa redimensiona a clínica da atualidade e pergunta sobre as novas formas de subjetividade e de direção do tratamento.

Nos discursos coloquiais, no que tange às decorrências da inconstância e do uso da noção de perversão a confusão é instalada. Sempre atribuída de uma fama deplorável, ela é banhada por articulações complexas e de uso trivial. Em primeiro, é necessária a investigação das razões psíquicas de sua ocorrência, e, em segundo, a investigação de seu caráter desconcertante para diluir seu pré-conceito. Comumente, o termo perversão é associado ao ato de lesar alguém ou é relegado ao estatuto de perversidade, como já dito. Sua distinção é gritante neste âmbito porque sempre a perversão é ancorada na corrosão de um objeto; o conceito somente porta em si uma produção de maldade e perversidade nos casos mais potencialmente designados como perversos. Contraditoriamente, não são estes dois estatutos que caracterizam sua existência.

A maldade sempre está ligada a atos específicos, com finalidades providenciais, contra algo, por exemplo, contra a lei, contra a justiça, contra o homem. Enquanto que a perversidade pode ser considerada um estado, é uma potência do mal e utiliza-se de artimanhas diversas para a conquista de um fim. A perversidade é um jogo necessário entre o sujeito e seus assujeitamentos ao mundo, uma recusa às ofertas do humano e ao enfrentamento da Lei social. Enquanto que a perversão é tida como uma anomalia desviante, no contexto médico e jurídico, torna-se uma possibilidade de posicionamento psíquico diante da Lei, na psicanálise.

É notório o corte que a psicanálise consegue instituir no tema da perversão, que passa a ser pensado como uma das três possíveis posições que um sujeito assume diante do enfrentamento da Lei totêmica, diante da sexualidade, a saber: neurose, psicose e perversão.

A produção e diferenciação que a psicanálise introduz nesta noção é absolutamente salutar para perder seu viés conceitual. No entanto, estas rasuras trazidas sobre este tema indicam, especialmente a perversão com estrutura. Outros três empregos do termo também podem ser vislumbrados no próprio âmago da psicanálise.

Ao falar de montagem narcísica ou laço social, idéia bem construída por Ricardo Goldemberg em *Goza!*³³ e da tese de doutorado de Carlos Augusto Peixoto Junior³⁴ enfatizam a perversão como possibilidade ao laço social, evidenciando as teorias sociais de Freud e Lacan.

Ainda pode-se trabalhar ou levantar outras duas categorias deste uso que permeiam os fragmentos apresentados até aqui, a saber: como prática de gozo ou como traço de fantasia. O conceito de gozo toma diversas conotações ao longo dos textos de Freud e, especialmente, em Lacan. Sobre este último tomaremos sua vertente lógico-formal. Em relação ao traço de fantasia, Sade e sua vontade de gozo podem traduzir explicitamente a teoria a perversão sobre este tema.

Escutando estas quatro categorias caberia a indagação de que seria Carmem impudente? Sabe-se que suas idéias são articuladas e confabuladas contra seu próximo rotineiramente. Alegria-se ao chegar ao médico e esse não supor uma cura para suas doenças, constrói situações para que as pessoas penalizem-se com ela, enquanto isto, ri da estupidez alheia. Theresa arquiteta e é consciente de seus atos, sabe o que faz e imputa a dor machucando o outro com seus atos. Estas duas mulheres usam de atos maldosos ou repletos de perversidade para se representarem ao Outro? Seriam seus atos tradutores da sexualidade (da) mascarada?

O tema da mascarada decorre da dialética fálica que dirige o que é chamado de comédia dos sexos. A mulher, muitas vezes, diante do horror que a castração produz, substitui o ter um falo pelo parecer, por um lado para proteger-se e por outro para mascarar

³³ Goldemberg, Ricardo. (org). **Goza! Capitalismo, globalização, psicanálise.** Coleção discurso psicanalítico. Salvador, Bahia, Ágalma: 1997.

³⁴ Peixoto Junior, Carlos Augusto. **Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica** sobre a perversão. Rio de Janeiro: civilização brasileira: 1999.

sua falta³⁵. A mascarada acaba por trair o desejo que a orienta tomando seus adereços como ponto de afinidade e invólucro³⁶, contudo, é objeto na medida em que o Outro reconhece suas marcas. Estariam Carmem e Theresa delatando a mascarada feminina? Ou o gozo emanado seria perverso?

Em 1960³⁷, no seminário sobre a ética da psicanálise, Lacan diria que o que versa sobre o campo do gozo seria traduzido como a distribuição do prazer pelo corpo. Prazer pelo corpo adoentado ou mesmo pelo corpo transexualizado? Essas questões ainda estão abraçadas e confundidas entre si: mascarada, gozo ou traço perverso, uma marca única que confunde a escuta na transferência ou apontaria, ainda, para o tema da estrutura?

Mais uma vez estes questionamentos nos sinalizam ao mergulho nos ensinamentos de Freud com Lacan para desfazer o engodo. Retomemos Freud.

A perversidade infantil, tematizada por Freud³⁸, em 1905, surge como inerente a toda criança, considerada perversa polimorfa. Todavia, a perversidade representada pelo adulto é absolutamente anti-social, logo, deve ser banida. Masud Khan³⁹ ressalta a face dupla do perverso: forte e secreta intimidade emotiva de um lado e tendência a intimar, no sentido ditatorial desse verbo: as leis, o parceiro e o outro, do lado oposto. Assim, estes conceitos aproximam-se e distanciam-se, simultaneamente, da idéia de perversão.

Intimidade, intimação, ação íntima, temas convincentes e persistentes na estória do sujeito, Logo, o tema da perversão é um dos mais polêmicos e instigantes conceitos levantados pela psicanálise. Embora recaindo rotineiramente no senso comum ou é, ainda, invadido por interpretações médico-psiquiátricas, ou mesmo por enfoques religiosos e ou moralistas como já discutidos. O termo corriqueiramente designa práticas sexuais desviantes, sendo objeto de estudo da medicina ou da criminologia por este sinônimo. Na psicanálise o conceito é diferenciado e, ainda, obscuro.

³⁵ Soler, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Op. Cit., p. 31-32.

³⁶ Ibid. p. 40

³⁷ Lacan, J. **O seminário: livro 7: a ética da psicanálise**. 1959-1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1988.

³⁸ Freud, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 1905. Op. Cit., p.

³⁹ Khan, M. **Alienación en las perversiones**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión: 1987.

O conceito de perversão, no próprio âmago da psicanálise, sofre transformações e deixa indagações constantes. Ao longo da obra de Freud, o termo enfrenta algumas evoluções e decantações. Num primeiro plano a perversão apresenta-se como um modo de satisfação pré-genital da sexualidade humana (1905), e em segundo plano, inclusive a partir de um refinamento teórico com os textos da metapsicologia e das noções de pulsão de vida e de morte, surge como categoria diagnóstica e psicopatológica (1920). Segundo Janine Chasseguet-Smirgel⁴⁰ (1984), o tema da perversão poderia ser encontrado sob três prismas diversos na obra de Freud: o primeiro reconhecido a partir da afirmação da neurose como negativo da perversão (1905) e sustentado até a Conferência XXI (1917) sobre o desenvolvimento da libido; o segundo caracterizado pela teoria do Complexo de Édipo como núcleo tanto da neurose como da perversão e, um terceiro e último momento, poderia ser encontrado a partir da idéia de desmentido e clivagem do eu apresentadas no texto sobre o Fetichismo de 1927.

Freud, ao iniciar seus estudos sobre o tema, recorrente em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), recebeu fortes influências dos legados médicos do século XIX, os quais salientavam as perversões sexuais como patologias mentais, construções literalmente presentes desde Sade em sua *Filosofia na Alcova*⁴¹ (1795). Buscou em Havelock Ellis e Krafft-Ebing, considerados os primeiros sexólogos, as caracterizações e classificações das perversões. Lacan⁴² (1959-60) questionou veementemente este uso, alertando para o perigo de pensar a perversão a partir de uma concepção estereotipada da noção freudiana da genitalidade como índice de maturação.

Mas, somente, a partir dos brilhantes apontamentos de Freud que as perversões afastaram-se dos campos jurídico, moral/social e médico para revelar uma localização psíquica, a sexualidade determina-se no âmbito psíquico. Surge deste preceito a questão ética de que o *objeto sexual não é natural, é contingente*.

Durante seu percurso clínico, Freud esteve diante das idéias de René Laforgue e Édouard Pichon, em especial a de escotomização, que se aproximaria da idéia da posição perversa. Escotomização é um mecanismo inconsciente ou uma cegueira, pelo qual o

⁴⁰ Chasseguet-Smirgel, J. **Ética e estética da perversão**. Porto Alegre: Artes Médicas:1991.

⁴¹ Sade, M. **A filosofia na alcova**. 1795.Salvador, Bahia: Ágalma:1995.

⁴² Lacan, J. (1959-60) O seminário: livro 7: op. Cit.

sujeito faz desaparecer da memória ou da consciência certos fatos desagradáveis. No entanto, o próprio Freud afastou este conceito para caracterizar a perversão. O que está em jogo no cenário da perversão não é a percepção ou não da privação materna, todavia, seria o mecanismo do qual o sujeito perverso se utiliza para lidar com esta percepção, ou seja, uma denegação – *Verleugnung*. Na perversão há duas realidades opostas e simultâneas: de um lado, a negação da castração; e, de outro, diante da ausência de pênis na mãe, a solicitude de um fetiche surge para escamotear esse fato.

Outro ponto que contribui, imprescindivelmente, com este estudo é o relativo a distinção anatômica entre os sexos, a partir de sua descoberta em 1908⁴³. Há, no célebre texto uma apresentação criteriosa de Freud sobre três saídas para o encontro com esta distinção. A primeira é quando a criança aceita, bem ou mal, a castração e a lei de interdição ao incesto, assim pode, mais tarde, desenvolver sintomas para suportar essa perda. Chama-se a essa operação de saída neurótica. As outras duas, são, respectivamente, a fixação (associada à regressão) e a renegação da realidade, que parecem apontar para dois tipos especiais de perversão caracterizados naquele texto por Freud: homossexualidade e fetichismo. A homossexualidade resultaria de uma reação de defesa narcísica diante da castração, enquanto isto o fetichismo seria caracterizado por um processo psíquico mais complexo: o sujeito se recusa a reconhecer a existência da percepção traumatizante da ausência de pênis na mãe (na mulher), há uma reação por uma formação substitutiva e um fetiche advém nesse lugar, como já mencionado anteriormente.

Retomando, Lacan⁴⁴, lendo Freud, sequer fala de escotomização, mas de denegação. Conclui-se então que o perverso denegará ou desmentirá a castração, permanecendo-se fixado na sexualidade infantil, anterior a distinção anatômica entre os sexos. Ainda com Lacan, em sua releitura de Freud, a perversão ganha estatuto de estrutura, da relação do sujeito com a lei da castração, uma *père-version*, versão do Pai ou mesmo ao pai. Diz que a perversão é um componente do funcionamento psíquico do homem e da mulher, um desafio permanente à lei. Em 1956⁴⁵, a inversão, deslocamento do simbólico para o imaginário, é sua conceituação da perversão. Como consequência, a perversão vai se

⁴³ Freud, S. **Sobre as teorias sexuais das crianças**. 1908. ESB: Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. IX.

⁴⁴ Lacan em substituição a escotomização fala de denegação.

⁴⁵ Lacan, J. **O seminário: livro 4: a relação de objeto**. 1956-1957. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

caracterizar pela dessubjetivação: o sujeito fica reduzido a ser o espectador dos seus próprios atos.

Mais adiante, no seminário XX⁴⁶, Lacan comenta que as trocas simbólicas são transmitidas tanto pela ausência como pela presença e que o falo está para além de toda relação entre o homem e a mulher. É na dialética de ter ou não ter o falo que a criança entra na diferença dos sexos, marcada pela estrutura fundamental da Lei do incesto. Neste momento de seu trabalho, debruça-se sobre o que ele denota de as fórmulas da sexuação (posicionamento psíquico do sujeito diante do Outro). Constrói um gráfico em que de um lado oferece o lugar aos homens, e do outro, às mulheres. No lado das mulheres comenta duas fórmulas, a saber: toda a mulher é castrada e não-toda mulher está submetida à castração. É nesse resto, no que escapa a castração, do não toda, que é possível, inclusive, pensar num gozo Outro e há a partir dessa fissura uma hipótese, mesmo que sublime de traçar algo relativo à perversão: seja um traço, uma estrutura, uma máscara ou mesmo um gozo. É no escape ao gozo fálico, distanciando-se da idéia de mulher como gênero, de um posicionamento isento dos determinantes sociais da edificação das mulheres no uma a uma que essa pesquisa debruçar-se-á.

4- Uma perversão feminina? A jovem homossexual

Basicamente discutidos, nessa introdução, todos os estudos relatados por Freud citavam como ponto central a perversão masculina. Em um primeiro e singular momento de sua obra enfatiza um tipo especial de escolha objetal feita por uma mulher, caracterizando o caso clínico como perversão. A temática é trazida pela jovem homossexual⁴⁷, apresentada em 1920, que endereçava total préstimo e dedicação a uma dama em suposta vingança contra o seu pai. A jovem faz um *ato*, joga-se de uma ponte e machuca - se, contudo, safa-se ilesa. Neste caso estava ela até os primórdios de sua adolescência diante de uma escolha objetal heterossexual, permanecia em identificação com o falo e pretendia esquivar-se dessa situação tendo um filho do pai, como em qualquer saída neurótica do

⁴⁶ Lacan, J. **O seminário: livro 20: Mais, ainda.** (1972-73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

⁴⁷ Freud, S. **A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher.** 1920. ESB: Rio de Janeiro, 1980. v. XVIII.

feminino, tematizada por Freud, sobretudo nos textos posteriores de 1931⁴⁸ e 1933⁴⁹. A mãe engravida e a vinda de um irmão barra sua saída conflitante. Ocorre, então, uma inversão na escolha de objeto. É um fenômeno reativo, como nomeado por Freud, em resposta ao ressentimento com o pai, ou melhor, pela traição do pai, que para ela não ofertou uma criança, mas o fez para a sua mãe, sua rival. O mesmo jogo cruel que fez com o pai, na transferência surgiu quando tentava despistar Freud no processo analítico. Sua subjetivação era praticamente nula e sua única questão era que nada estava acontecendo com ela.

Lacan, no seminário IV⁵⁰ (1956/57), comentando o caso da jovem homossexual de Freud (1920), enfatiza a relação de ordem simbólica da jovem com o pai - no momento em que se vê frustrada, assume um caráter imaginário, provocando, desta forma, uma inversão. Na relação imaginária com a dama, tem-se uma relação “perversa”, segundo Lacan. No interior da homossexualidade a temática é a de gerar um filho do pai, então a jovem mostra ao pai como pode se amar alguém não pelo que tem, mas pelo que não tem. A jovem homossexual foi frustrada e tolerou isto através da presença da dama, numa proposição imaginária, ao escutar *o não nos veremos mais*. Sua condição, única naquele momento, caiu por terra e ela tentou o suicídio porque seu objeto se encontrou definitivamente perdido, a queda simbolizou sua privação absoluta.

Pode-se hipotetizar que o caso é caracterizado como perversão, segundo Freud, porque a jovem ao invés de equivaler falo a pênis, constrói uma nova equivalência, que poderia ser formulada como: *falo=saber amar uma mulher*⁵¹. Contudo, me parece pouco tranquilo ler a jovem homossexual como uma estruturação perversa. É necessário discutir profundamente as quatro categorias do uso de perversão para caracterizar sobre que tipo de perversão Freud está debruçado.

⁴⁸ Freud, S. **Sexualidade Feminina**. 1931. ESB: Rio de Janeiro, 1980. v. XXI.

⁴⁹ Freud, S. **Feminilidade**. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. 1933. ESB: Rio de Janeiro, 1980. v. XXII.

⁵⁰ *Ibidem*. P. 95-152.

⁵¹ OPÇÃO LACANIANA. *Há perversão nas mulheres?* Leda Guimarães (Salvador). Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, abril de 2000, n. 26-27.

5- Construindo a tese

Esse trabalho, desta maneira, tem como objetivo questionar a possibilidade e existência da perversão no feminino. Seriam as mulheres consideradas estruturalmente perversas ou seus atos são representações da transgressão, do desmentido? A perversão na mulher poderia ser presentificada como uma perversão da libido, lugar em que essa não ocuparia um desembocamento genital, mas pré-genital? Ou pode-se considerar a perversão como um auto-erotismo, um excesso no corpo? Ou ainda, quem sabe, seria um deslocamento afetivo do amor e ódio para o ódio e a agressividade, produzindo atos maldosos e pervertidos? Ou uma montagem narcísica?

Nesta tese pretende-se discutir, em especial, os casos clínicos de Carmem posicionando-se diante do outro num aniquilamento constante, inversamente, mantendo seu corpo em auto-mutilamento; e de Theresa, que escorrega nas amarras de um emaranhado perverso e recorre a um excesso gozante desmentindo o falo como pênis e declarando o amor como sua única possibilidade subjetiva. Portanto, estas duas pacientes trazem cenas e atos que endereçam para a perversão feminina, questão obscura e inexistente na literatura sobre o tema.

Os objetivos específicos de pesquisa são:

- 1- Levantar dados de casos clínicos de uma paciente que usa seu corpo de maneira destrutiva seja por doenças ou por agressões, inclusive estéticas;
- 2- Verificar como as mulheres, ditas homossexuais, e mesmo as heterossexuais, desenvolvem suas redes de relações identificatórias com outras mulheres;

O que a clínica trouxe de novidade à investigação psicanalítica sobre este tema é que este lugar da inexistência da mulher perversa é questionável; esta tese objetivará estudar quais são as vias de acesso à essa psicopatologia. As hipóteses estão traçadas por essas idéias e podem ser resumidas da seguinte maneira:

Tomando-se a fórmula da sexuação proposta por Lacan em que denuncia que toda a mulher está submetida à castração e, inclusive, que não-toda a mulher é submetida à castração, uma das hipóteses é de que nesse resto se alojaria a perversão, o desmentido. Outras hipóteses poderiam ser traduzidas da seguinte forma:

Talvez falar de estruturação perversa no feminino seja inexistente, sobretudo, em função da dialética fálica proposta pelos psicanalistas Freud e Lacan;

A hipótese de gozo perverso no feminino é uma consideração muito enfraquecida para relevar a perversão no feminino, assim como a fantasia perversa, também, característica independente da distinção anatômica entre os sexos.

Uma hipótese provável seria tangenciar a perversão feminina paralela à aparição dos laços sociais.

METODOLOGIA



*Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.
Fernando Pessoa.*

1- A tessitura do método

Duas vias de abertura ocorreram no interesse por esta pesquisa: a primeira da literatura e a segunda da clínica. Certa data, no Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo, uma das dramaturgias mais renomadas de Nelson Rodrigues⁵² estava sendo encenada. Naquele momento e em discussões posteriores, a pergunta não cessou de não se calar: seria perversão o retrato daquilo explicitado pelo Anjo Pornográfico⁵³? Aquelas cenas rodrigueanas tomaram conta de alguns encontros e de leituras afins na tentativa de resolução da dúvida insistente e, simultaneamente, o encantamento com a explicitação da hipocrisia social retratada pelo autor tornou-se um grande ícone dos comentários sobre os laços sociais.

Anos adiante, em um trabalho clínico na Prefeitura de Mogi das Cruzes, casos chegavam ao consultório e em seus estudos incógnitas foram levantadas e não encontraram resposta junto à psicanálise freudo-lacaniana. Era uma clínica inusitada em que o tema central versava sobre os excessos, ou seja, clínica marcada por transgressões, atos maldosos, corpos dilacerados, drogadições e aniquilamentos sociais. Cito alguns exemplos: no meio de uma catástrofe social, enchente que destruiu várias favelas, pessoas foram alojadas no mesmo espaço geográfico. Ali inúmeros atos transgressores eram cometidos e tidos como triviais para aquela população. Priscila, adolescente em situação de risco, moradora de rua, chega trazida por policiais completamente *noiada*⁵⁴, como dizem os jovens, sobe as escadas da Prefeitura quebrando vasos, jogando objetos contra outros e

⁵² Rodrigues, N. **Perdoa-me por me traíres**. (1957). In Teatro completo de Nelson Rodrigues. Tragédias Cariocas I. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. .

⁵³ Rui Castro na biografia de Nelson Rodrigues o nomeia de Anjo pornográfico, pelo característica de seu texto como sorrateiro e avassalador ao mesmo tempo. Castro, Ruy. **O Anjo Pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: companhia das Letras: 1992. .

⁵⁴ abreviação da palavra paranóia, estado nomeado pelo senso comum diante do excesso de entorpecentes.

esmurrando os militares-que lhe temiam pela pouca idade, apenas 14 anos-; além de contaminações por HIV providenciais, vingativas ou cenas sexuais e, ou na relação da maternagem que escapavam da trivialidade da escuta. Simultaneamente, no consultório privado, Carmem e Theresa batiam a porta solicitando uma escuta que se distanciava da tradicional clínica da neurose: a primeira trazia um sofrimento intenso misturado a uma maldade incontrolável, enquanto a segunda depositava no amor homossexual sua inspiração de vida.

Foi necessário fazer uma re-significação dessas duas vias de interesse, literatura e clínica, até a formulação da pergunta para o início de uma pesquisa e o alinhavo de algumas hipóteses sobre o tema. Este processo pode ser resumido em: *instante de ver*⁵⁵ - ou instante de escutar, particularmente eclodido no momento mesmo da escuta clínica, no mais íntimo dos divãs; *tempo de compreender* - Clarice Lispector adverte seus leitores ao evitamento dos entendimentos justificando que a vida ultrapassa os entendimentos. Assim, naquele tempo não foi, de fato, a compreensão o ponto mais importante para a decisão de arriscar em uma pesquisa, esta se tornou secundária diante da decisão primeira em estudar a literatura vigente sobre o tema da perversão e navegar pelos rios literários da denúncia social. E, finalmente, como terceiro e último passo nas andanças investigativas, o *momento de concluir*- um sinal apareceu ao decidir por arriscar e fazer a hora chegar. A decisão de elaborar um projeto de pesquisa para o doutorado e candidatar-me à vaga na Unicamp com o Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira autorizou-me à escrita da tese. Retroativamente o que era o último passo sofreu uma retificação e passou a ser o primeiro, aquele que inicia.

Sobre a escolha do tema perversão feminina transformou-se em uma faca de dois gumes. Explico: o primeiro gume poderia ser lido como um fechamento estrutural para discutir exclusivamente este tema. Ou seja, já de antemão, antes mesmo do andamento do projeto de pesquisa, um diagnóstico antecipou-se - perversão. De fato, esta nomeação estaria no contrafluxo da própria psicanálise. Freud ensina que o caso clínico precisa ser escutado e somente assim a teoria será revisitada e reescrita, se preciso for. É só no depois

⁵⁵ Construção edificada a partir do texto de Jacques Lacan O tempo lógico e a asserção antecipada: um novo sofisma de.lacan nomeia esses três tempos propostos como necessários para a solução do sofisma dos três prisioneiros e também remonta os mesmos tempo para o processo de constituição subjetiva. Lacan, J. **O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada.** (1945). In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

que a clínica se faz. Eis a primeira cilada dessa escolha. Quanto à segunda, a de que se mantivesse o texto com a escrita da clínica, método absolutamente psicanalítico, a universidade não seria o horizonte próprio para sua construção. Na universidade, a urgência de um encadeamento lógico de idéias, de hipóteses e método de investigação são antecipações que fazem parte de seu roteiro. Neste tanto, mesmo diante dos dois gumes: antecipação e risco, a decisão foi certa. Assumi a probabilidade de ser questionada pelo tema perversão e, inversamente, decidi tentar fazer da tese uma explicitação da clínica. Isto não impede que ao final do texto o tema perversão caia por terra ou mesmo a clínica seja indagada em seu processo transferencial. Isto não ocupa a tônica maior do trabalho, sua máxima é a pesquisa de escuta/leitura e de discussão/escrita.

Para esta construção metodológica reportamos o leitor à leitura de Edson Sousa⁵⁶ sobre o teorema dos monocromos psíquicos. Questionando as cores psíquicas, em uma obra de Flávio de Carvalho, o autor destaca dois princípios nesse trabalho, a saber: 1- princípio do ler pelo não; 2- princípio do fora de foco. O primeiro é edificado sob uma poesia de Leminski em que o não se torna a possibilidade de apresentação. O poeta recomenda desler, tresler e contraler na advertência da afirmação e Sousa com uma escuta cuidadosa, no contrafluxo, *deslê* o não como pertinência à interpretação, sobretudo, suspensão de certezas⁵⁷. Quanto ao princípio do fora de foco, o psicanalista reporta-se ao trabalho de Carvalho e inspira-se em traduzir o ato criativo como uma abertura para outras possibilidades, sempre mais uma, no contato com o ponto de fuga que desfaz...*a imagem que aparece no senso comum para reconstruí-la de outra forma*⁵⁸.

Diante desse poético texto sigo as indicações do autor e as transporto para a tessitura da pesquisa: ler pelo não e no fora de foco. Evitar certezas e arriscar no ‘*mais um*’ tornaram-se os aportes desta investigação.

⁵⁶ Sousa, E. L. A. **Monocromos psíquicos: alguns teoremas**. In Sobre Arte e psicanálise. Orgs. Tânia Rivera e Vladimir Safatle. São Paulo: Escuta, 2006. p. 43-60.

⁵⁷ Idem. P. 58.

⁵⁸ Ibidem. P. 58.

Cabe ainda algumas palavras sobre o leitor/interlocutor. Freire⁵⁹, em sua tese de doutorado, trabalha o brilhantismo freudiano diante da escrita e sua fundamental e inevitável relação com Fliess. Segundo a autora o gosto insaciável de Freud em escrever só pode ser degustado a partir de seu único leitor Fliess, que abriu a porta para outro público. Este ato de escrita não simplesmente empreendeu a primeira análise freudiana, mais requintado que isto, poderia ser lido como uma *análise inaugural*⁶⁰. A escrita não foi sua coadjuvante na relação com Fliess, foi o ponto transferencial. Assim, Freud mais uma vez, com sua escuta, convoca o escritor à essencialidade do Outro escutador. A clínica, construída na experiência analítica, é um processo solitário e doloroso. Ao analisando cabe a decisão dos seus enfrentamentos, ao analista diante do seu desejo não encenado, ausente de ato, cabe o mergulho na sua análise particular e as discussões de caso. Assim, pode-se dizer que certo amparo é credenciado ao haver a abertura de apresentar a clínica, saindo dos confinamentos arquitetônicos e *reler* ou *desler* a teoria. A tese tem esta outra função, de autorizar uma abertura para as indagações, quiçá, para a própria escuta. É uma possibilidade de transmissão.

Freud, nas tentativas de aconchego da solidão da clínica e, além daquela que viria a ser a psicanálise anos depois, encontrou também em Fliess⁶¹, sua urgência de interlocução: *...Modificarei o que você quiser e aceitarei de bom grado as contribuições. Estou imensamente feliz por você estar me oferecendo a dádiva do Outro, do crítico e do leitor, e ainda por cima um Outro de sua categoria. Não consigo escrever inteiramente sem platéia, mas não me importo nem um pouco em escrever só para você.*

É para esse Outro que um texto, uma tese é escrita, para um outro com maiúscula e o simples ato da escrita, mesmo sem resposta como aconteceu com Freud e Fliess, antevê a interlocução. Um outro grande, com minúscula, desta vez é o próprio analisando – aquele que convocou-nos à escrita e à leitura. Este ato, o da escrita, funciona como uma transmissão, o que é um dos deveres do psicanalista.

⁵⁹ Freire, Joyce Marly Gonçalves. **Do delirante ao ficcional: um estudo sobre a situação psicanalítica em um caso de paranóia**. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Ciências Médicas da universidade Estadual de Campinas, área de Saúde Mental em 2004. p- 235-257.

⁶⁰ Idem. P. 246.

⁶¹ A correspondência completa de Sigmund Freud com Wilhelm Fliess (1887-1904). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

Escrever a clínica, como recomenda Renato Mezan⁶², é um desafio sutil aos psicanalistas. Ao escrevê-la, fato este marcado pelas formações do inconsciente, afinal é disso que as análises são constituídas, a própria subjetividade do autor é explicitada, o que me parece perigoso de afirmação. Segundo Mezan, não que seja viável ou mesmo possível escutar um texto e interpretar um autor, como fizeram muitos, todavia, nas linhas incompletas ou nas preenchidas com palavras ou, ainda, completas por espaços vazios a amplitude inconsciente está posta. Seja lá espaços entre uma palavra e outra, seja um ponto e um dito, dois pontos, reticências.

O autor/escritor em sua livre associação despeja palavras sobre um pedaço de papel, depois as reúne e constrói um texto, corta, recorta, desfaz ou refaz e é nesse corte e costura⁶³ que a vestimenta final poderá ser usada no baile. Contudo, a indumentária sempre precisará de acertos no corpo, afinal só as roupas prontas cabem sem necessitarem ajustes-exatamente aquelas que não nos pertencem.

Escrever sobre um caso clínico é, sobretudo, escrever sobre a presença e o lugar do analista - sua escuta, seu desejo suspenso, seus atravessamentos. Um risco que vale ser corrido diante do apaixonamento pela clínica e em nome da Ética da psicanálise.

2- O caso clínico

Dor, sofrimento, desamparo, maldade, perversidade e gozo marcam na carne a trajetória de Carmem e Theresa durante o processo analítico. Estes timbres fazem parte dos seus dramas: dos *Complexos familiares* apropriados de forma singular.

Escutar essas duas analisandas remeteu-me ao tema do narcisismo tratado por Sousa⁶⁴ ao falar da pesquisa em psicanálise. Sua preocupação - e a faz convocando Walter Benjamin - é o radical empobrecimento da experiência que a contemporaneidade nos

⁶² Mezan, R. **Escrever a clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

⁶³ Remeto o leitor a primorosa Nota da tradução ao livro de Nazio, J-D. **Psicossomática: as formações do objeto a**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1993, escrita por Miguel Kertzman

⁶⁴ Sousa, E. L. A. **Mimesis e Narcisismo em psicanálise**. In ciência, pesquisa, representação e realidade m psicanálise. Orgs. Raul Pacheco Filho, Nelson Coelho Junior e Miriam Debieux Rosa. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000. P.55-63.

imputa. Tomada por esta advertência e enveredada pelas questões éticas da psicanálise escolhi trabalhar a clínica, lugar possível de criações e experiências distanciadas da fixidez do ofício.

Outra complexidade que o autor coloca na estrada da pesquisa é a cena metafórica trazida através da obra prima de Velásquez - As meninas. Lá, o pintor constrói duas elipses, a do modelo e a da cópia. O admirador da obra entra no cenário no seu ponto cego como um excesso carecendo de deslocamento constante. Por aí Sousa adverte o lugar da dificuldade que é a de trabalhar a clínica. Ou seja, ser constantemente um espectador em sua troca de lugares. *...Talvez este seja um dos maiores impasses da clínica psicanalítica: deslocar os sujeitos (analista e analisando) de seus narcisismos iluminados, colocando-os no campo polissêmico e elíptico de um espaço sem um centro único...*⁶⁵

É isso que a clínica nos traz, desesperadamente: a ausência de um centro único. Os dramas, as singularidades engalfinham-se às tragédias da espécie e demarcam a cena analítica. Assim, Freud, para além de ser um pensador do sujeito, no sentido individual do termo, foi considerado um pensador da cultura. Afinal é deste sujeito imerso na cultura que ele trata. Um pensador. Em seu enfrentamento como pensador que Freud inventou a psicanálise, sua clínica impôs-se à epistemologia. Refletiu, escutou e nomeou aquilo que poderia denominar de *pathos*. Pode-se considerar *pathos* como tudo aquilo que implica as concepções de passividade, paixão e padecimento⁶⁶.

Exatamente é esta tradução do ditos destas mulheres: passividade, paixão e padecimento. Os dois casos clínicos, utilizados na lógica do um a um, quer dizer: serão estudados na sua singularidade, inversamente, o que for comum, o que puder fazer pertença ao conjunto das mulheres, será discutido como ponto também relevante da pesquisa. Ou seja, a idéia de usar a clínica é de denunciar as novas formas subjetivas apresentadas pela contemporaneidade e, simultaneamente, investigar a psicopatologia da perversão e sua ética de tratamento. Afinal,... *Se interessar pelo psicopatológico constitui uma questão ética e não apenas científica*⁶⁷.

⁶⁵ Idem. ps. 60 e 61.

⁶⁶ Pereira, M. E. C. **A paixão nos tempos do DSM: sobre o recorte operacional no campo da Psicopatologia**. In Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise. Op. Cit. P. 121-152.

⁶⁷ Idem. P. 146.

Adriana de Cerqueira Leite, em sua tese de doutorado, realça considerações sobre a noção de caso clínico. Sua escuta é embasada no campo da psicopatologia desde Freud, lugar em que duas vertentes deste uso são evidenciadas: *...De um lado aqueles que sob a influência da psicanálise fazem do caso clínico a demonstração do valor heurístico de seu modelo e, de outro, o grupo fortalecido com o avanço das neurociências e da psicologia experimental, que tenta ultrapassar a importância atribuída ao caso único e ao olhar clínico. Ambas as medidas são consideradas pouco confiáveis pelos critérios de um modelo positivista da ciência. Sabemos que essa corrente é a responsável pela grande importância atribuída a partir do final do século XX aos sistemas classificatórios supostamente ateóricos*⁶⁸.

O uso que a medicina faz do caso clínico é deportada ao *um caso*, remetendo inexoravelmente à doença em detrimento do sujeito. Utilizar o um a um do caso não o coloca diante de um caso, como os aportes médicos, todavia, sua formatação obedece a lógica d'O caso-singular e paradigmático, construção psicanalítica. Carmem e Theresa serão escutas nesta báscula, uma a uma, construindo o caso um + o caso outro e não dois casos clínicos.

Freire⁶⁹ alerta o leitor que, mesmo sendo enunciado e pesquisado o uso do caso clínico nas pesquisas científicas, isso não evita ao pesquisador/analista o encontro com a surpresa e o inesperado que a clínica produz. Neste tanto, seguindo as indicações de Nasio⁷⁰, o caso clínico demanda uma reconstrução fictícia para manter sua singularidade. O que está em pauta em sua investigação é ausentado do conceito de objeto das ciências naturais e considera como fio condutor da pesquisa, o sujeito e seu sofrimento.

O elemento ficcional dirigente da escuta do pesquisador toma como mestre dos mares a realidade psíquica daquele que nos fala sob efeito, ou melhor, experiência transferencial. Vale fazer uma digressão e passearmos pelo primeiro capítulo do

⁶⁸ Leite, A. C. de C. **Em busca do sofrimento histórico: a histeria e o paradigma da melancolia**. Tese de doutorado em regime de co-tutela- Unicamp e Universidade de Paris VII. Campinas:Unicamp, 2002.ps. 20-21.

⁶⁹ Freire, J. M. G. tese de doutorado. Op. Cit. P. 41

⁷⁰ Nasio, Juan-David. Os grandes casos de psicose. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2001.

Seminário 8⁷¹ de Lacan em que ele conta que o que existe na análise é uma experiência e não uma situação como ressalta a escola psicanalítica inglesa. *No começo da experiência analítica, vamos lembrar, foi o amor*⁷².

Ainda nos comentários de Freire sobre o estilo poético de Freud a advertência é certa:

*Deste modo, quando consideramos o relato do caso clínico como 'fictício' o fazemos no sentido de que nossa escrita encontra no paradigma do sonho a forma pela qual a linguagem desenha seu contorno. O adjeto 'fictício, distante do falso, aproxima-se da fantasia e do estatuto de realidade da vida psíquica do sujeito'*⁷³.

Convido novamente o leitor a fazer uma pequena embarcação pelo texto de Allouch⁷⁴ em que trabalha as diferentes formas de regular o escrito. São estas: transcrição, tradução e transliteração, ou seja, som, sentido e letra. Ao denunciar uma clínica psicanalítica do escrito, Allouch recupera estas três categorias para dizer da necessidade da interpretação, por exemplo, de um sonho e sua maneira de leitura.

Assim, considera a transliteração como:

*... o nome dessa maneira de ler promovida pela psicanálise com a prevalência do textual; ela é esta própria prevalência, ela a designa, a especifica, e a dá pelo que é, a saber, uma operação*⁷⁵.

Sua advertência recai sobre a *imbecilidade* de alguns psicanalistas em transformarem suas escritas em pontos cegos do senso comum, ou seja, de ler as linhas do discurso. Ao psicanalista cabe, enfaticamente, ler entre as linhas, ou seja, não basta ler Freud e Lacan e os reproduzir, é preciso ler entre os dois. Uma das boas propostas de leitura e escrita da clínica, segundo sua acepção, é aquele que Lacan faz de André Gide,

⁷¹ Lacan, Jacques. **O seminário: livro 8: a transferência.**(1960-61). Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 1992.

⁷² Idem. P. 12.

⁷³ Freire. Tese de doutorado. Op. Cit. P. 44.

⁷⁴ Allouch, Jean. **Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar.** Rio de Janeiro: Campo Matemico: 1995.

⁷⁵ Idem. P. 63.

traduzida tanto na Juventude de Gide⁷⁶ quanto no seminário sobre as formações do inconsciente⁷⁷. A respeito dos comentários de Lacan sobre o escritor, a delicadeza em evitar tachá-lo de fetichista, é sua maior qualidade, a despeito de que este é um dos maiores tratados lacanianos sobre o fetichismo.

Outro ponto inaugural em Gide lembrado por Allouch é que não há em André Gide nada mais suscetível de fazer ressoar o aforismo lacaniano de que: *o estilo é o objeto*⁷⁸.

Guardemos esta passagem, som, sentido e letra marcam a cena clássica da escrita clínica. Ao tentar ler e escrever transcrevendo, o que esta em jogo é o som, aquilo que estaria fora da linguagem, ou seja, é possível tentar transcrever os movimentos complexos da dança, o que não é verossímil para a clínica. Aqui encontramos o que Lacan chama de real, o impossível, transcrever é inacessível.

Ao escrever regulando o escrito pelo sentido é sobre a tradução que estamos versando. O ato é absolutamente Imaginário, visto que há muito mais suposição em uma tradução do que uma transposição de idéias. Os termos em diferentes línguas não são conciliáveis, tampouco as expressões idiomáticas. Até aqui é visto que som e sentido são maneiras difíceis de representar a clínica psicanalítica.

Cabe ao psicanalista transliterar a clínica, ou seja, escrever regulando o escrito pelo escrito. Transferir uma escrita para outra escrita é nossa mola propulsora. Escutar a escrita do analisando e escrever a nossa a partir de sua escrita primeira é uma passagem simbólica, portanto, passível de construção. Vale lembrar que o escrito pelo escrito não tem sequer autonomia, isto sim, marca um nó de união entre som, sentido e letra que estarão presentes em nossos consultórios. Dizer da clínica pela escrita é girar estes elos e possibilitar criar um estilo, próprio por excelência.

⁷⁶ Lacan, J. **Juventude de Gide ou a letra e o desejo**. (1958). In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1998.

⁷⁷ Lacan J. **O seminário** Livro 5. op. cit.

⁷⁸ Allouch, J. letra a letra. Op. cit. p. 104.

3- Psicanálise e arte

Clarice Lispector presenteia seus leitores com uma belíssima dica: *Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei*. Escutando este conselho tenho a nítida impressão de que Lispector está sorratamente bailando pela investigação em psicanálise.

Tanto Freud quanto Lacan muito ensinam sobre os arroubos e enfrentamentos do tema da literatura embebida pela psicanálise. Lacan comenta, em entrevista para estudantes da Universidade de Yale, que o uso que Freud fez do romance literário de Jensen - *Gradiva: uma fantasia pompeiana (1903)*⁷⁹ servia-lhe para franquear a via da idéia do inconsciente⁸⁰. Em suas vastas obras encontram-se inúmeras referências e citações à literatura, às artes, à poética. Freud mergulhou com Shakespeare na descoberta de Hamlet e trouxe a luz Édipo Rei - tragédia sofocliana; enquanto Lacan, por exemplo, restituiu a tragicidade como gênero literário advindo da Grécia antiga com seu célebre seminário VII⁸¹.

Um dos debates que invadem a psicanálise é sobre estes lugar da obra de arte, da literatura, da dramaturgia e da poética como fontes de conceitos que auxiliam na elucidação da tragédia da humanidade. Freud recuperou tragédias gregas clássicas para construir e nomear pontos de entrave na sua elaboração teórica. Da mesma forma, analisou obras artísticas e literárias, demonstrando a extensão de sua metapsicologia, como forma de procurar-lhe a arqueológica do sentido⁸²; construiu, além disso, uma análise semântica de conteúdo das obras estéticas. Lacan, por sua vez, apresentou o conteúdo estético como indutor da metapsicologia, além de recuperar os clássicos como fontes inspiradoras para suas aulas e seminários. Neste tanto, pode-se citar, dentre outras, duas obras primorosas e clássicas utilizadas em território francês nos anos de 1959-60. Então ao falar da ética da psicanálise, no seminário VII⁸³, Lacan potencializa a tragédia grega da trilogia

⁷⁹ Jensen, W. **Gradiva: uma fantasia pompeiana**. (1903). Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro: 1987.

⁸⁰ Lacan, J. **Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines**. Paris: Scilet 6/7: Seuil,; p.33.

⁸¹ Lacan, J. **O seminário: livro 7**. op. Cit.

⁸² Safatle, V. **O ato para além da lei: Kant com Sade como ponto de viragem do pensamento lacaniano**. In Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise. Org. Vladimir Safatle. São Paulo: Editora Unesp: 2003.

⁸³ Lacan, J. **O seminário 7: a ética da psicanálise**. Op. Cit.

sofocliano - Antígona⁸⁴, até essa data preterida frente a primeira da trilogia- Édipo Rei⁸⁵ e, no seminário proferido no ano seguinte, a tônica foi depositada sobre o célebre texto de Platão- o Banquete⁸⁶-, lugar escolhido para construírem hipóteses e teorizações sobre o tema do amor. Lá Lacan recuperando as falas de Sócrates presenteia seus leitores com o estudo da transferência na prática analítica, sobretudo, do lugar do analista.

De dois modos distintos Lacan utilizou a literatura para a construção de conceitos psicanalíticos. O primeiro é muito similar ao que Freud tratava – denominado por Vladimir Safadle de gramática do Desejo - o mesmo que Lacan fez na Carta Roubada⁸⁷ de Poe. Neste texto, Lacan demonstra uma clássica distinção entre Simbólico e Imaginário nas cenas, todavia, não faz uma análise estética do conto. Como segundo modo de articulação, este psicanalista marca o estatuto próprio do objeto estético na sua irredutibilidade. O artista, nessa segunda perspectiva do trabalho de Lacan, é aquele que abre uma via daquilo que não se sabe ver; é a arte como pensamento da opacidade - aquela que não se deixa pensar.

Longe de traçar questões mais intrínsecas ao estatuto da estética na psicanálise, vale salientar que este texto transitará nos modos iniciais segundo os quais Lacan mergulhou na obra estética. É preciso lembrar que em Lacan, ainda, que em pequenos e esparsos momentos a clínica foi retomada para a sua reconstrução teórica.

Em outro momento de investigação⁸⁸, uma fala de Garcia Roza foi evidenciada. Estava Roza concatenando hipóteses pertinentes à articulação psicanálise e literatura, e teceu a idéia de que o texto teórico é produzido no momento em que o literário é construído, inventado e ou criado. Enquanto o segundo é incerto, duvidoso e não possui metas a serem seguidas, o primeiro é norteador, formatado e bem seguro. Sua articulação é muito simples e pontual. Para ele tanto psicanálise quanto literatura estão submetidas às mesmas regras da escrita: ambas são ficções e precisam ser criadas, inventadas. Foi isto que

⁸⁴ Sófocles. **Antígona**. Tradução de Millôr Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1999.

⁸⁵ Sófocles. **Édipo Rei**. Trad. Mello e Souza. Rio de Janeiro: Ediouro: 1997.

⁸⁶ Platon. **Le Banquet. Ou De l'Amour: genre moral**. Texte établi et traduit par Paul Vicaire avec le concours de Jean Laborderie. Paris: Lés Belles Lettres: 1992.

⁸⁷ Lacan, J. **O seminário sobre "A carta roubada"**. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1998.

⁸⁸ Assadi, T.C. **A efígie da feminilidade: uma trama de Machado de Assis a Freud**. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade São Marcos, 2000.

Freud e Lacan fizeram com as cenas literárias que os aplacaram, criaram sobre elas tal qual o fizeram com a psicanálise.

Os textos literários, assim como os processos inconscientes aproximam-se de uma estrutura metafórica, tal qual o sonho, a poesia e o romance. Ainda, o mesmo deslocamento metonímico evidenciado no chiste pode ser encontrado nos romances. Ambas literatura e psicanálise carecem da *a-temporalidade* e podem ser convocadas simultaneamente.

Logo, não exclusivamente pela clínica, *stritu senso*, que esta tese caminhará em suas argumentações. Alguns encontros literários e ou artísticos estarão sendo convocados para brindar com sutileza a *insustentável leveza da clínica*.

Pereira, em sua trama sobre Clarice Lispector, compõe a idéia do texto da autora como: *A hora da estrela constitui um documento magistral que permite ao psicanalista pensar em termos metapsicológicos a incidência do outro-naquilo que ele tem de irredutível ao eu-come via de contato com aquilo que sustenta o próprio desejo*⁸⁹.

Dunker comentando o esquecimento de Freud sobre o nome do famoso pintor Signorelli brilhantemente constrói sobre o ver e o olhar uma tese inusitada aos comentadores sobre esse clássico exemplo clínico. Sua argumentação convida o leitor a um volteio pelo seminário livro 11 de Lacan em que um descompasso entre o que vemos e o que nos olha é produzido da releitura de Lacan por Dunker:

...um quadro deve ser considerado uma espécie de armadilha para o olhar. O sujeito, para apreender a imagem, deve colocar-se em uma dada distancia da tela. Nesta posição ele reconstrói o caminho da perspectiva proposta pelo quadro, as imagens ganham forma, o espaço se organiza segundo uma geometria que permite incluir o ponto de vista do pintor.

Mas se o sujeito da representação, tal qual Freud na catedral de Orvietto, organiza-se pelo caráter estável da visualidade, isso se faz à custa do esquecimento do olhar que surge do quadro. Ver-se sendo

⁸⁹ Pereira, M. E. C. **Solidão e alteridade em A Hora da Estrela**, de Clarice Lispector. In Leituras da Psicanálise, estéticas da exclusão. Campinas São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

*visto é uma impossibilidade ótica e, no entanto, uma experiência subjetiva própria da crença fantasmática. O olhar é organizado pela luz, não pela linha ou ponto*⁹⁰.

Aqui, literatura e arte estão engajadas nos braços e abraços psicanalíticos, logo o uso destes campos externos à clínica *stritu sensu* promove uma abertura ao diálogo e enfrentamento de questões metapsicológicas e distancia-se de uma psicanálise aplicada, falida por excelência.

As artes em geral, assim como a literatura e a arte plástica em específico, serão formas possíveis de auxiliarem nossa leitura sobre o tema da perversão, ou seja, escutando-as poderemos capturar aquilo que elas nos oferecem, nos presenteiam, para a escuta da perversão, de forma alguma procuraremos categorias clínicas em suas estampas, as estampas é que nos saltarão para olharmos o infinito.

4- Edificação do texto

Depois de discutidas as questões centrais sobre o método cabe dizer que este é evidenciado e traduzido na própria construção da tese que sumariamente será anunciada. Para tanto, o percurso da tese será dividido em questionamentos acerca dos temas da perversão em suas concepções gerais, em especial pela medicina/psiquiátrica e pela psicanálise. Em seguida, o enredo do caso clínico de Carmem trará dois momentos distintos da análise: o primeiro em que o discurso melancolizado produziu uma tentativa diagnóstica de histeria e o segundo giro, ou retificação subjetiva como diria Lacan, em que o processo do gozo foi explicitado e as ações da analisanda tomaram outro percurso. Tratar o tema de sua filiação é deveras rigoroso, pois, como alerta Mezan: *...é ponto nodal para o reconhecimento da vida psíquica*⁹¹. Não é o único ponto da escolha inconsciente, mas é de extrema importância. Em Theresa, abordar sua relação com o pai, com o filho e com as mulheres: a mãe e a analista, é imprescindível. Portanto, neste outro caso clínico, a idéia do Dom, do amor, será o vetor condutor da pesquisa. Todavia, convocar a Vênus das Peles de

⁹⁰ Dunker, C. I. L. **A imagem entre o olho e o olhar**. In sobre Arte e Psicanálise. Op. Cit. P. 35.

⁹¹ Mezan. **Escrever a clínica**. Op. Cit. P. 444.

Sacher- Masoch e fazê-la dialogar com Theresa é uma das propostas. A esta parte chamaremos de Clínica.

O texto ainda deverá contar, nesta sua primeira parte, em seus embricamentos, com uma varredura da literatura sobre o tema focando algumas questões fundamentais: a teoria da sexuação trabalhada por Lacan nos anos 70; a teoria do gozo apresentada pelo mesmo psicanalista a partir dos anos 70 e a escolha de objeto amorosa feita pelas mulheres.

Para contemplar esta construção, a tese foi dividida em três partes no corpo do trabalho, além deste percurso metodológico e da introdução. Após uma apresentação ampliada tanto da clínica, que coloca a pesquisadora em interesse investigativo, quanto de algumas amarrações teóricas sobre o tema da perversão e, mais ainda, os alinhavos na rendagem da metodologia, o texto comportará três momentos em sua estofagem. Ao primeiro caberá à clínica, como já mencionada, ao segundo, o traço teórico que é apresentado pela psicanálise de Freud e Lacan é sua próxima condução. Assim, a parte II será contemplada a partir das hipóteses que surgirem da clínica, a saber: a perversão como estrutura, como montagem narcísica ou laço social e como modalidade de gozo ou como traço de fantasia.

Feito isto, abrindo a terceira parte da tese contará com uma discussão sobre o tema da maldade e da perversidade deslizará pelas literaturas brasileiras de Clarice Lispector e Nelson Rodrigues propiciando uma outra apresentação das analisandas que tomarão conta do cenário da tese. Duas categorias foram criadas para flagrar esta maldade: o mal como fundamento desiderativo e singular do feminino e o mal capturado na montagem perversa como resposta às injunções do Outro. Após este capítulo, em um momento conclusivo será tratada a hipótese da existência da perversão feminina, a saber, como laço social, ou seja, desembocando na teoria social da perversão.

Finalmente, como última parte, conclusiva, portanto, as questões da inexistência d'A Mulher, do gozo Outro e do resto que escapa à castração serão as brechas para costurar as hipóteses levantadas.

PARTE I - A CLÍNICA

CAPÍTULO I - OS CASOS E SUAS INTERROGAÇÕES

*O ser busca o outro ser, e ao conhecê-lo
Acha a razão de ser, já dividido.
São dois em um: amor, sublime selo
Que à vida imprime cor, graça e sentido...⁹²
Carlos Drummond de Andrade*

Na clínica psicanalítica moderna baseada nos estudos de Sigmund Freud, tanto quanto na clínica contemporânea, edificada, em especial, nas idéias de Jacques Lacan, encontra-se estudos inúmeros que dizem respeito ao feminino. Freud indagava-se sobre o continente negro da psicanálise -a sexualidade feminina, enquanto Lacan questionava-se sobre o querer feminino. Passados mais de 20 anos da morte de Lacan- sua reviravolta da teoria freudiana ainda é marco para as escutas clínicas. Contudo, os dois levantaram o estandarte para construir referências sobre a sexualidade que ainda estão entravadas à premissa fálica.

Por esta razão, em especial, é que justificaram a impossibilidade da perversão feminina. A mulher por já ser castrada enfrentaria a impossibilidade em desmentir a castração na mãe - já que ambas são castradas no corpo. Tomando o fetiche como paradigma da perversão tornar-se-ia impossível articulá-lo à questão feminina, visto que a lógica da *Verleugnung*⁹³ é a de ocupar o lugar do desmentido ou ser objeto de completude do outro - inconcebíveis à mulher.

A partir de indagações oriundas da prática clínica, dois casos clínicos incomodam a escuta e colocam a questão da perversão feminina em suspenso. O discurso de Carmem e Theresa deixa rastros de um desmentido que não cessa de não se inscrever na clínica analítica. Cabe investigar se ali fazem semblante, estruturam-se, defendem-se, gozam ou seus discursos são ladeados pelo que há de mais perverso no íntimo dos sujeitos desejanτες.

⁹² Drummond de Andrade, C. **Amar se aprende amando**. Rio de Janeiro: editora Record:1985.5ª. Edição.

⁹³ O termo é utilizado por Freud para designar o desmentido, mecanismo da perversão.

Carmem foi adotada aos dez meses de idade, quando foi encontrada praticamente morta -foi a avó quem lhe salvou a vida. Deste dia em diante, sua estória⁹⁴ foi marcada por doenças e, na alternância da dor, uma maldade fenomenal invadia seu cotidiano. A moça é consumida por um excesso gozante em ambas as situações, as de dor e de maldade, não conseguindo conter-se diante do prazer incontrolável que lhe aplaca.

Quanto a Theresa, outra analisanda, em seu excesso, deposita toda sua energia psíquica nos atos sexuais, usa o homem como objeto de seu desejo e, simultaneamente, é nas mulheres que pode se ancorar. Também foi abandonada pela mãe quando pequena e até hoje está a sua procura para ser reconhecida como seu amor, objeto de sua completude.

Gozo auto-erótico, atos contra outrem, amor homossexual - são estes os entraves que indagam a teoria das perversões em Freud e Lacan e que instigam a pesquisar sobre estas *novas doenças d'alma*⁹⁵.

1- E no princípio era o ato – o caso Carmem

*Eu beliscava mesmo, chegava perto da minha sobrinha e a machucava, ninguém mandou ela estar lá*⁹⁶; e em outro momento: *Contei para minha irmã, deixei que ela ficasse desesperada, foi muito interessante porque ela entrou em depressão*. Carmem fala de situações em que seu objetivo fundamental é causar incômodo às pessoas que fazem parte de seu *Complexo Familiar*⁹⁷ pelas suas atitudes maldosas. Ela tenta a destruição do outro e ao ferir, machucar e angustiar, a sensação de prazer que sente é imensa isto aniquila as dores que se espalham constantemente por seu corpo. As doenças e os sintomas desaparecem e ela é invadida por um bem-estar *impressionante*.

Tudo começou quando engoli um chiclete e pensei que fosse morrer. É este o pronunciamento de Carmem ao chegar ao consultório para uma entrevista preliminar à análise. Segue em sua fala uma vasta passagem por médicos, especialistas das mais

⁹⁴ Utilizo ao longo do texto a grafia estória, ao invés de historia, já que nos dicionários a segunda foi abolida. Estória aqui abrange aquilo que trás em seu discurso, sobretudo, relativo a sua existência.

⁹⁵ Título do livro de Júlia Kristeva. Kristeva, Julia. **As novas doenças da alma**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

⁹⁶ Todas as frases em itálico são referentes às falas, na íntegra, das analisandas ou citações de autores.

⁹⁷ *Os complexos familiares* é um texto escrito por Lacan em 1938. Aqui a menção é usada como um jogo de palavras, mas ao mesmo tempo sinaliza para a questão familiar da analisanda, mais adiante abordada.

diversas áreas, diagnósticos, alguns com bom prognóstico, outros sem sequer alguma expectativa de melhora. Eram dores por todo o corpo, algumas crônicas como as de cabeça e coluna, outras sem *locus*, simplesmente se espalhavam e a impediam de viver bem. Os médicos eram todos *incompetentes*, nada diziam com certeza e ela resolveu arriscar um tratamento psicanalítico, embora já houvesse transitado por terapias corporais e inclusive pela própria psicanálise.

Sintomas eram o que não lhe faltavam: sentia-se sufocada, com dores no peito, taquicardias de tempos em tempos e não suportava olhar-se no espelho, era um verdadeiro *lixo*. Choro, grito, solidão tomavam conta do cotidiano de Carmem. O último médico que freqüentou diagnosticou uma possível Esclerose Múltipla. Deste dia em diante, suas pernas passaram a fraquejar, os movimentos vacilaram e ela mostrou-se angustiada e apavorada diante da perspectiva de interromper a marcha. *As dores me perseguem, elas não me deixam...* Dores, doenças tratadas como entes queridos, suas companheiras inseparáveis, acordava e dormia com elas.

Associar era quase impossível, falava, levantava, trazia a caixa de um remédio, chorava e o eterno questionar: *o que faço aqui? Você nada pode me ajudar*. As lembranças foram surgindo aos poucos, diante de uma lembrança uma nova dor e um novo encobrimento. Um pêlo encravado bem debaixo de seu umbigo produziu um abscesso e começou verter pus. *O cheiro é de coisa podre, estou podre, apodrecendo, sou suja, imunda, nem consigo olhar, sou um nada...*

A princípio sugeria uma dor imensa em sua fala, uma angústia que tomava o seu ser. Era como se estivesse impossibilitada em ser. Ao longo do processo analítico a dor que se localizava pelo corpo foi sendo metamorfoseada em sintomas psíquicos que a habitavam, ora era uma depressão profunda, ora a síndrome do pânico, além de outras síndromes menos conhecidas.

Contudo, diante desta melancolização constante os únicos momentos que lhe ofereciam um pouco de tranqüilidade e muita alegria eram as atrocidades e maldades que dirigia aos outros. Sentia um prazer imenso ao deixar as pessoas, em particular, o marido, as sobrinhas e as irmãs em angústia profunda. Vale ressaltar que inclusive a analista não

escapava de sua série produtiva. Certa data ligou no consultório e disse, dizendo-se outra pessoa, que Carmem havia morrido. Neste momento senti-me angustiada e tentei falar com o marido, que não respondeu ao telefonema. Procurei notícias na sessão de óbito do jornal e nada foi encontrado. Na data e no horário da suposta sessão seguinte ao telefonema, surge Carmem no consultório e já na sala de espera sua fala é a seguinte: *O que mais adoraria era que você se sentisse culpada por minha morte. E com certeza você pensaria: - Ela morreu por minha culpa, eu não quis que ela tomasse medicação e olha o que aconteceu, sou uma péssima profissional. É isto mesmo que eu penso, ia ser minha vingança... Afinal, você retirou minhas dores e precisa pagar por isto.*

Quanto ao marido, que fazia *tudo por e para* ela, eram somente insultos e situações vexatórias. O que a encantava era a mulher. Surpreendia-se com os corpos e as vozes, e a cada dia cultivava uma nova personagem feminina que pudesse se identificar e destruir. Era incompreensível como *as outras* eram felizes: trabalhavam, estudavam, cuidavam da casa e ela *nada* conseguia.

Numa sessão, após dois anos de análise aproximadamente, Carmem se queixou do marasmo de seu cotidiano com um tom diferenciado: *Quando tudo está tranqüilo não suporto, preciso arrumar umas brigas, provocar intrigas, fazer alguém se sentir triste. Houve uma substituição, antes eu necessitava das dores, elas eram minhas companheiras, minhas cúmplices, hoje preciso mesmo é irritar alguém.*

Há um ano, aproximadamente, separou-se do antigo marido e conquistou um novo namorado. Com este os entraves tornaram-se ainda mais agravados, especialmente pela existência de uma *filha*, com quem arruma as maiores encrencas. Briga por presentes, atenção e inclusive disputa com a menina na forma de se vestir ou de falar. Isto ocorre quando seu namorado está presente, quando se coloca mais ainda como pai da menina e menos como namorado-amante; na sua ausência ela interage de forma amigável com a garota de sete anos, *ela até é bonitinha.*

Sozinha, com as crianças me dou muito bem, brinco com elas, acho que sou uma delas, igual a elas. Mas sinto não ser autêntica. Beijo, abraço e faço cócegas quando na verdade adoraria enforcá-las uma a uma. Quando pequena eu batia em meus sobrinhos,

sem ninguém saber, eu adorava saber de estórias de crianças que apanhavam. Tinha uma prima que eu achava o máximo; quando a irmã dela nasceu ela dava de tudo para a menina comer: parafuso, porca, moedas, alfinete e a menina não morria. Achava muito legal, o pior é que ela não morreu. Eu ficava horas a imaginar planos e os executava com meus sobrinhos, da mesma idade que eu, queria que as crianças morressem.

Em associação livre, chega na questão de que é insuportável ver a alegria no outro, Carmem comumente mencionava adorar a tristeza e a angústia, *maltratar faz muito bem*. Quanto ao namorado são tapas e beijos (parece música!), mas com as crianças é um ódio- amor que é *mais forte que eu*.

É corriqueiro na clínica a expressão *mais forte que eu* surgir para designar situações que escapam ao controle do sujeito, que são impossibilitadas de sentido e que eclodem como sendo bizarras e sofredoras. Carmem contempla um sofrimento (as dores) que a impede ao acesso ao bem estar; contraditoriamente, este mesmo sofrimento, posto em palavras, marca seu bem dizer. Sentia-se mal com as dores mas, ao relatá-las, a completude a invadia, era tomada por esta fala e a procura constante, quase hipocondríaca, por remédios, medicações, especialistas e doenças, banhava seu cotidiano e a encantavam.

Pode-se indagar qual seria o ganho que esta jovem de 33 anos adquiriria com o corpo adoecido. Seria caracterizado por uma conversão histérica ou por um fenômeno psicossomático? As doenças psicossomáticas são consideradas como um continente obscuro tanto nas clínicas médica quanto psicanalítica. Com etiologias incertas invadem o corpo do indivíduo e dilaceram os órgãos, acrescentando um prognóstico nada desejável na direção da cura. Diferenciam-se das conversões e sintomas histéricos pela sua intensidade e probabilidade de remissão. A lesão, quando se trata de um sintoma, diante de uma interpretação, tende a se reverter ou desaparecer imediatamente enquanto que como um fenômeno psicossomático não desaparece com tamanha agilidade, é comum que se alterne seu aparecimento e desaparecimento.

Neste caso, atribuiu-se a Carmem, num primeiro momento, uma posição sintomática diante de tamanha dor física, a cada intervenção da analista uma mudança em seu quadro clínico. Mas, suas doenças eram para os outros, para comovê-los, preocupá-los,

entristecê-los? Fiel impostura, ninguém delas sabia, a não ser os médicos e a analista. O artifício era unicamente direcionado para si, porque estar acompanhada, mesmo que da dor, facilitava sua existência. O corpo adoecido, internações, medicamentos estavam vivos e ávidos, eram ela. Como num processo masoquista dirigia toda sua energia psíquica para o aniquilamento do próprio corpo.

Piera Aulagnier⁹⁸ trabalha o tema da auto-erotização do corpo como uma possibilidade de perversão. Enfatiza ainda que é pertinente à mulher erogenizar não apenas um órgão como na psicossomática, mas o corpo todo há um superinvestimento total. Assim, pode-se pensar no excesso que acomete mulheres de diversas facetas sociais em recortar e colar o corpo como se fosse um brinquedo – vide plástica, silicones, academias e o uso de anfetaminas.

Durante o percurso da análise de Carmem⁹⁹ esta canalização auto-erótica foi desviada para o mundo externo e a energia foi endereçada ao outro. O que produz indagações é a causa deste investimento ser repleta de destruição. Seu afeto ao invés de ser alternado entre o amor e o ódio bascula entre a agressividade¹⁰⁰ e o ódio. Carmem encontrou na maldade e na agressividade uma nova fonte dos afetos. Fez uma substituição do que eram consideradas suas dores para uma outra construção -o dilaceramento do outro - seria uma nova posição subjetiva?

Pontual engodo. As dores, como bem mencionadas por ela, foram substituídas, mas a verossimilhança é que elas mesmas foram frutos de outra substituição. Escondia em si um cenário instituído desde sua infância em que abolir outrem era sua fiel artimanha (uma outra cena).

A série foi assim composta: *destruição do outro; destruição de si e novamente destruição do outro*. Em seu discurso algo que conotava como um fruto de melancolização, tal qual apontado por Freud como *a sombra do objeto recaindo sobre o eu* (1917)¹⁰¹, em que as dores eram seu timbre, durante o processo analítico foi desvelado como uma

⁹⁸ AULAGNIER-SPAIRANI,,Piera. A perversão como estrutura. In Revista de Psicanálise. Paris. 1º. ano n. 2- abril-junho 1967- PUF-

⁹⁹ Interrompido em setembro de 2002, porque ela dizia não querer mais falar de si e que havia feito uma escolha: sentir dores novamente pelo seu corpo.

¹⁰⁰ Lacan, Jacques. **Agressividade em psicanálise**. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

¹⁰¹ Freud, S. **Luto e melancolia**. (1917). Rio de Janeiro: ESB: 1980.

máscara, reveladora de um posicionamento psíquico anterior. Pode-se formular algo que seria como uma perversão polimórfica infantil, retomada por uma melancolização na adolescência e na vida adulta. Este investimento libidinal, em princípio, posto para o mundo exterior, e posteriormente direcionado contra seu próprio corpo, durante o processo analítico, retorna ao seu primeiro estágio. Não é contra ela o investimento, mas contra o outro que a desestabiliza.

Que posição feminina é esta que assume um semblante de sofrimento, mas que objetiva encurralar quem está ao seu redor?

A priori, é possível surgir um debate que envereda pelo tema da histeria, lugar em que as representações insuportáveis são recalçadas e manifestadas através das formações de compromisso do inconsciente, dentre elas, o sintoma. Com a conversão como mecanismo de defesa seria fidedigno atribuir a Carmem o diagnóstico de histeria. Portanto, escutou-se que as dores não eram tão eloqüentes como seus atos contra ela mesma ou contra os outros.

Em outro momento, a jovem descobriu que seu namorado necessitava fazer alguns exames urológicos. Foi sabido que sua primeira esposa estava com suspeita do vírus HPV, que pode permanecer incubado por até três anos, tempo relativo à separação do antigo casal. Carmem enfurecida com o fato de precisar também se submeter aos exames, inclusive o de HIV, requisitado por sua ginecologista, profere que: *adoraria que ele estivesse contaminado duplamente, pelo HPV e pelo HIV. Seria bem feito ninguém mandou ele sair com outra mulher, é bom porque aí ele vai descobrir que eu sou a única que pode satisfazê-lo.* Momento este em que a analista intervém: *se ele estiver contaminado isto aumenta suas chances de estar também.* Para a surpresa, ela não foi capturada por esta situação, o que mais a deixava feliz era a possibilidade de: *...Ele poder estar morrendo, apodrecendo, sendo sugado pelos vírus. E a ex-esposa também, afinal ela, a ex, é uma prostituta.*

Destruir o outro, colocá-lo em situações insuportáveis, estaria Carmem se posicionando como o Marquês de Sade, usando o outro como fonte de seu prazer? Na teoria psicanalítica é corriqueiro autores citarem o masoquismo como operante do psiquismo feminino e não o sadismo.

Colette Soler¹⁰² (1998) em seu texto: *A psicanálise na civilização* aproxima a posição do masoquista, de fazer-se bater, a do papel feminino na relação sexual, como já havia feito Freud¹⁰³ (1924). A novidade é direcionar o masoquismo como expressão do ser mulher, de máscara, em oposição às fantasias e práticas perversas. A mascarada, construção típica da histeria,...*Veste-se de brilhante fálico para ser objeto amalgamático*¹⁰⁴. Quanto ao lugar da perversão o importante é o...*dever ao gozo regulamentado, no qual improvisação está excluída*¹⁰⁵ e *do qual ele (masoquista)*¹⁰⁶ *se faz senhor*.

Do que fala Carmem? Ela é invadida por um imenso prazer ao deixar o outro em situações vexatórias, inibidoras, de desamparo, desassossego e angústia. Será que utiliza um processo defensivo, tal qual assinalado por Freud, para não se haver com seu desamparo fundamental? Ou será que seus atos repletos de maldade sinalizam para um processo de posicionamento psíquico? Que posição feminina é esta? Os atos são denunciadores de uma maldade contra o outro, uma perversidade intrínseca ao ser, uma constituição psíquica perversa ou estaria ela se mascarando, tapeando o outro em forma de semblante?

2- Theresa e sua (ir)responsabilidade gozante

Theresa relata que sexualmente somente tem prazer, *goza*, em atos que precedam o coito. Isto coloca o marido em choque intermitente. Suas criações sexuais são intensas e precisa sempre de um *álibi* para escapar aos padrões sociais: há dia que demanda por um travesti entre eles, outro basta uma prostituta, ou há ocasiões em que é necessário estarem em um beco de selvageria, drogas, promiscuidade e roubos para se satisfazer. O que interessa nesta produção é que estas construções não surgem como fantasias, mas são postas em ato, em cena. Diferente dos leitores de Sade que se identificam com as personagens para evitar o ato, Theresa é a personagem e atua desesperadamente. Não sabe até onde pode chegar, enquanto o marido teme seus atos ela se engrandece.

¹⁰² Soler, C. **A psicanálise na civilização**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.

¹⁰³ Freud, S. **O problema econômico do masoquismo**.(1924). Rio de Janeiro: ESB, 1980.

¹⁰⁴ Soler, c. **A psicanálise na civilização**. Op. Cit. P. 218.

¹⁰⁵ Sousa, Edson L. A. **A burocratização do amanhã**. No prelo.

¹⁰⁶ Inserção da autora do termo masoquista, para clarificar a apresentação feita por Soler.

Certa ocasião levou o filho ao urologista para uma cirurgia. Conversando com o médico disse não saber o que era um orgasmo e este a indicou para um tratamento, sugeriu que procurasse uma análise, pois acreditava que a *frigidez* era de causa psíquica. Desta forma ela chegou à psicanálise.

Dizia não suportar um *coito normal*, quando olhava para o marido, na cama, enxergava um bicho, era como um lobo: os olhos claros, esbugalhados, um focinho imenso, dentes afiados e uma baba que escorria pela boca. Sentia que seria *devorada*: *É um lobo mau, olho para ele, e credo... Isto só acontece quando transamos de frente um para o outro*. Theresa sente certa *sede sexual* que *é mais forte do que ela:...por mim ficaria o dia todo na cama. É algo que toma conta de mim, é como se eu ficasse possuída, só penso nisto, fico louca, perco o controle e não importa o que venha a acontecer, só quero sexo. Se alguém me impede eu retiro do meu caminho*. Constantemente ela provoca intrigas com os parentes, não deixa que ninguém vá até sua casa porque podem atrapalhar seus atos sexuais.

Seus maiores momentos de prazer são quando está sozinha, fica se *travestindo* de *prostituta* e fantasiando uma transa com outra mulher. Sente um *desejo incontrolável* de estar em *lugares proibidos e perigosos* e quer se transformar *num verdadeiro travesti*. Estuda a possibilidade em se submeter ao bisturi, pois adquirir um pênis seria fundamental para a *montagem*¹⁰⁷ *do travesti*. *Com um pênis faria tudo, transaria com cachorros, crianças, mulheres, homens, defuntos...* Não que não tenha tentado, tudo é possível para ela, seu maior excesso é submeter o marido às suas *montagens* e obrigá-lo a ocupar o lugar de objeto do seu desejo - usá-lo para a satisfação de seu prazer. Assim uma aproximação com os atos de Sade endereçados à Madeleine ou o visitante do museu em *La Condanna* torna-se inevitável.

Ainda sobre a relação com o marido diz: *Ele treme de medo, doutora, sua frio, chega até a chorar e pra mim é maravilhoso*. Este gozo que surge na angústia do outro também reaparece com a analista: *a senhora fica nervosa com estas coisas que conto. Isto*

¹⁰⁷ Montagem é uma palavra muito usada pelos homossexuais ao designar um excesso nas arrumações de ambos os sexos ou nas mudanças de sexo, por exemplo: utilização de maquiagem, roupas, calçados.

te deixa mal? Ou excita, quem sabe? Fala isto com a voz plácida e em tom baixo, o que favorece um estranhamento na analista.

Theresa detalha uma situação em que consegue levar o marido para uma rua, zona de prostituição famosa e freqüentada por pessoas *promíscuas* e de *baixa índole*, fazendo com que ele se aproxime de uma prostituta e ela fica metros distantes, olhando e se deixando ser masturbada por um travesti. O prazer é *incontrolável* e o marido começa chorar e quer retirá-la do local. Ela nega e decide que lá ficaria pela eternidade. Contudo, acaba por ceder e volta para casa. A cena não sai de seu pensamento, se diverte com a rememoração e habitualmente relembra o marido da peripécia. Este, por sua vez, implora para que a situação seja esquecida.

Sua mãe fora uma prostituta, logo depois do casamento e do nascimento de Theresa, ações simultâneas e fora abandonada pelo marido. Theresa em sua certeza inabalável confirma que seu pai fez dela, a filha, objeto de seu prazer - colocou a menina no lugar da mãe ausente. Suas primeiras relações sexuais foram ao casar, antes satisfazia-se sexualmente em jogos constantes com os irmãos, com as *amigas*¹⁰⁸ e mesmo com o pai, que jamais *tocou*¹⁰⁹ nesse assunto. Hoje os dois não se falam mais.

Theresa é só prazer, ou melhor, é um transbordamento de gozo.

Outro dado foi posto em cena nas relações de Theresa com o outro. Foi, durante toda a adolescência, apaixonada por uma *amiga* e ao mesmo tempo por ela recusada. Fez inúmeras tentativas em seduzi-la. A moça era uma prostituta e Theresa apenas uma menina sem experiências sexuais. O encantamento produzido pelo encontro a conduziu a imaginar cenas que ela suporia que provocariam admiração na *dama*.¹¹⁰

O objeto do amor de Theresa - aquela mulher - endereçava seu olhar aos homens vigorosos e potentes. A dama narrava suas fantasias sexuais e mais violentas para Theresa, enquanto isto aguardava, amargurada, um príncipe encantado que a salvasse da promiscuidade.

¹⁰⁸ A palavra amiga é um significante muito importante neste caso clínico.

¹⁰⁹ Tocou toma o tom de um significante. Foi tocada sexualmente pelo pai, inversamente ele não toca na palavra. O dito é esvanecido e o ato toma seu lugar.

¹¹⁰ Uso a palavra dama, emprestando o termo, tal qual Freud a usou no texto sobre a jovem homossexual de 1920, com o sentido de mulher promíscua.

Theresa fez para ela... Tornou-se sua companheira de lamúria e aguçava suas fantasias sexuais ao estar sempre pronta a ouvi-la e participar imaginariamente de suas *montagens*. Quando declarou seu amor para esta *amiga*, ela partiu. Entristecida Theresa ficou desolada e optou em executar todos os anseios que a tal *amiga* relatara, desta maneira a faria presente: transou com homens para saber como eles eram na potência e virilidade e na calada do quarto tomava a frente do teatro particular para produzir sua transformação - seu travestismo às escuras.¹¹¹

Cabe aqui construir um parêntese no texto e explicar o que quer dizer *efeminização*. O termo foi utilizado como uma forma de produzir um antônimo da idéia de emasculação-usada por Freud no Caso Schreber¹¹². O presidente Daniel Paul Schreber, em seu delírio, copulava com Deus e tinha o corpo transformado em mulher-fenômeno este chamado de emasculação. A diferença é que o magistrado, de fato, sentia as transformações que seu corpo sofria, como um fenômeno elementar, inversamente, Theresa apenas almejava sua revirada em homem. Em Theresa esta idéia somente existiu para tentar dar conta da perda da mulher amada - ser um homem a aproximaria da *amiga*. Efeminar-se tornou-se o jogo sexual predileto.

Suas constantes tentativas de transformação em travesti ou mesmo a idéia em adquirir um pênis, associada aos atos que buscavam esta realização, sugeria uma estar diante de um sujeito com estrutura psicótica. Contudo, Theresa colocou em cheque esta indagação com seus atributos de maldade, perversidade, posições diante do amor e do desejo e mesmo em suas formas de gozo. Não seria ela psicótica porque a questão posta não é a forclusão do Nome-do-Pai, mas talvez o desmentido da castração, como se estivesse dizendo intermitentemente: *eu sei, mas mesmo assim*.

Ao enfrentar a obscuridade da sexualidade feminina Theresa constrói significantes que necessariamente parecem ultrapassar a questão fálica. Ao invés de equacionar falo=pênis=bebê¹¹³ solucionando seu Complexo de Édipo, Theresa luta por esta destruição e deposita o amor no lugar do pênis. Ela sabe amar uma mulher, como nenhum

¹¹¹ Vestir-se de homem e travestir-se de mulher era o jogo predileto de Theresa.

¹¹² Freud, S. **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia paranoides)- O caso Schreber**. 1911. Rio de Janeiro: ESB: 1980.

¹¹³ Freud, S. (1908). **Sobre as teorias sexuais das crianças**. Op. Cit.

homem o faz, afinal pode ser ela homem e mulher... Sua equação simbólica poderia ser representada por: falo=amor.

Em Theresa o prazer é posto na angústia do outro diante de seus atos, queixava-se de frigidez, mas o que de fato demanda era um excesso gozante. Coloca em ato o que deveriam ser fantasias, nega a castração desmentindo-a, mecanismo nomeado por Freud delineando o campo da perversão? Será que Theresa desmente sua posição feminina angustiando e impotentizando o outro? Seria mesmo uma perversão?

Supôs-se que este excesso produzido pelo discurso relativo à escolha de objeto sexual e inclusive das constantes atuações e desempenhos sexuais de Theresa estavam capturando a escuta da analista que se desviavam de questões submersas e de crucial importância na escolha amorosa.

A fantasia de ser meio homem, meio mulher, com certeza agradaria às *amigas* e a jovem realizaria seu amor. Estar em ambientes de selvageria e prostituição (re) atualizava seu amor. Vale lembrar que este amor não foi originado na adolescência, é fruto de um processo primitivo, provavelmente no desmentido da castração, na denegação edípica. Sua mãe era prostituta e numa vacância constante Theresa a procurou pelo país adentro. Posteriormente quando a encontrou, não se deparou com aquela *dama* que sonhava: *linda, gostosa e atraente*¹¹⁴. Foi a partir do reencontro com a mãe que surgiu este amor pela *amiga*. Durante anos permaneceu encontrando a imagem da *amiga* em outros rostos, embora sinistros, era a possibilidade de rever seu amor. Com os homens se encontrava, todavia, nada neles poderia capturá-la, em seus lugares semelhantes de animais ocupavam a cena. Ser sedenta sexualmente era sua única escapatória -a *amiga* estaria presente se seu próprio desempenho tivesse um caráter *viril e potente*.

Quando procurou um urologista para o filho e diante das palavras do médico seu amor (re) acendeu: *uma psicanalista pode ser uma amiga com quem fale e resolva o seu problema* -fala do médico.

¹¹⁴ Atribuições que oferta à mãe.

Durante o processo analítico, Theresa se posicionou perante a analista como a dama dos seus anos apaixonados. Contava, relatava suas peripécias sexuais e amarguras e esperava que eu - a analista - tal qual ela fizera com a dama - gozasse com este cenário. Na transferência lá se encontrava Theresa: atualizava seu amor à dama a partir da imagem da analista. Aqui eu: questionando seu diagnóstico e me deparando com uma escolha de amor homossexual.

Ela demandava amor da analista e isenta de resposta sofria, até que, certa data, se declarou-pronunciou em seu apaixonamento a necessidade de estar com *essa amiga*.

Algumas situações foram favorecedoras ao seu entusiasmo amoroso. Certa data Theresa relatara que gozava, tinha sua máxima sexual, ao estar de costas para os homens e mencionou dias depois o seu interesse em se deitar no divã: *então eu poderei deitar e ficar de trás?- sem olhar nos olhos...* Fala idêntica que usava se referindo aos encontros sexuais, e pronunciada novamente neste instante. Olhar nos olhos era insuportável, a possibilidade de ser mulher afastava a idéia de ser amada por uma mulher: era preciso ser *viril* para receber os préstimos de uma *amiga*, concomitante, afirmava saber o que uma mulher precisaria.

Depois de ter sido recusada pela *amiga/dama*, Theresa encarnou o lugar da prostituta e após sentir-se também recusada pela outra *amiga* -a analista- como ela reconhecia, mais um ato surgiu: entregou o filho para a sogra cuidar. Depois deste momento não mais retornou às sessões.

Contudo, Theresa, antes mesmo de dirigir seu olhar à mulher teve o pai como *dom*. Foi ele quem a retirou da mãe e foi ele quem a incentivou à promiscuidade: certa data foi atrás dela que estava atrás de um muro a namorar, interditou seu ato e a chamou de prostituta - *é preciso trocar este sangue que é sujo como o da sua mãe. Você quer me matar deste jeito - esbravejou* o pai. Dele ela se vingou. As peripécias sexuais de Theresa foram imensas e pôde, de certa forma, fazer o que o pai não fez: salvar uma mulher-a mãe, da prostituição. Theresa conseguiu, em seu imaginário, resgatar a amiga dos infortúnios da vida, salvou a dama, amando-a.

Vingou-se do pai porque por ele fora abandonada, casou-se com uma menina mais nova que ela e tiveram filhos. Theresa até então, se sentia, ou melhor, ocupava o lugar, de mulher do pai e mãe dos seus irmãos. Quando o pai se casou ela sentiu-se substituída e traída em seu amor. O jogo cruel de amor e vingança que fez com o pai, na transferência, surgiu quando tentava despistar a analista na cena já apresentada. Colocava toda a tônica de seu discurso nos atos sexuais tentando produzir um mal estar na analista ao relatar seus excessos. Sua idéia, tal qual a da jovem homossexual, era a de cativar, seduzir o outro para que este caísse das alturas. Na análise a ordem discursiva que prevalece é a da mentira e a da verdade; aí está aberta a porta do desejo de enganar trazido pela jovem homossexual e por esta analisanda. O desejo de enganar, de tonificar a fala na questão sexual foi um bom operador para que pensasse no diagnóstico estrutural. De certa forma os excessos capturaram a escuta da analista e seu silêncio produziu uma abertura em sua fala, ela deixou escapar seu amor pelas frestas discursivas.

A natureza da paixão da moça homossexual – paciente de Freud, pela dama em questão é permeada por um amor platônico, no que este possui de mais exaltado e não de algo *männliche* (másculo e viril)¹¹⁵. Amor que não demanda nada além do que a servidão a dama, tal qual o amor cortês, o amor sagrado. É um amor que visa simultaneamente a satisfação e a não- satisfação e transita desde uma referência anterior, um ideal, que institui a falta na relação com o objeto. Theresa emblema este amor cortês quando abandona a análise por estar enamorada pela analista e saber que irá perder uma amiga, mas há uma mulher que será sua parceira e cúmplice para sempre-a mãe. Ao invés de ser prostituta, qualidade que o pai sempre lhe atribuiu, Theresa surpreenderá a todos com suas escolhas travestis e homossexuais.

¹¹⁵ Lacan, J. **O seminário: livro 4: a relação de objeto**. Op. Cit.

CAPÍTULO II - CARMEM: O GOZO INTIMADO

*Nem o prazer me daria tanto prazer quanto o mal,
pensava ela surpreendida. Sentia dentro de
si um animal perfeito, cheio de inseqüência,
de egoísmo e vitalidade.*¹¹⁶

Clarice Lispector

Este caso clínico, especialmente, foi lido/escutado pela articulação entre maldade e perversidade direcionada contra outrem e, inversamente, sobre o depósito auto-erótico de um investimento libidinal. Neste capítulo o tema do gozo é o que se pretende abordar nos cenários de Carmem. Para tanto duas cenas produzidas discursivamente em análise entrarão nesse roteiro. A primeira de um ato destruidor contra o primeiro marido e a segunda de uma cena de reclusão noturna.

Era dia dos namorados. O marido chega em casa com um pacote vermelho com um imenso laçarote dourado e entrega-o a esposa que se recostava na cama. Naquele quarto, devido à fumaça produzida pelo cigarro de Carmem, as janelas estavam abertas. Com pouco caso a jovem abre o pacote e pede ao amado que se dispa. Sorrateiramente levanta-se e ataca o aparelho de som de última geração, presente recebido em comemoração à data mencionada, pela janela abaixo. Estavam na cobertura de um prédio e a queda, produzindo perigo, retiniu fugazmente. No momento exato que o marido corre para a sacada na tentativa de impedir o ato, ela o tranca do lado de fora deixando-o seminu diante do frio congelante da madrugada. Suas súplicas não lhe causaram sequer preocupação, depois do feito dormiu *como um anjo*.

Cena dois. Era mês de calor e todos estavam em férias e viajavam para lugares praianos. Carmem que fora uma linda e elegante moça anos atrás se vestia nos últimos tempos exclusivamente com *leggings* de lycra, tênis e camisetas gigantes para o tamanho de seu corpo. Seu cabelo furta-cor revelava a falta de cuidado com os tingimentos mensais e as

¹¹⁶ Lispector, C. A **maça no escuro**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

olheiras pendiam-se pela face. Escolhia pacotes de bolachas recheadas e escondia-se debaixo de felpudos cobertores. Lá, permanecia por horas e recusava qualquer presença que lhe impusesse. Nestes momentos lembrava-se de quando fora perfilhada aos dez meses de idade por sua avó adotiva quando estava em estado de saúde precária, praticamente morta. Desde este tempo sua história foi marcada por dor e sofrimento que estavam já colocados na sua origem. Para mais além desta cena recordava-se do dia da morte da avó. Saltava-lhe a mente a língua inchada posta para fora da boca repleta de placas brancas de pus e veios arroxeados. Esta era a única imagem que mantinha vívida e ávida da avó.

Nestas duas cenas dois temas fazem parte das diretrizes propostas para discutir o tema do gozo: uma propensão para o mal, traço que na alternância com a dor, segunda possibilidade, preenchem-na de prazer. De ambos os modos: pelo prazer na dor ou pelo prazer implícito na maldade, Carmem se deixava invadir e consumir-se pelo excesso de gozo. Por um lado, a maldade - ato como uma posição sádica, e por outro a dor, já que em última instância, o que se encontra na base dessa concepção é como o sujeito goza com o sofrer.

Carmem levava para as sessões situações cujo objetivo era causar incômodo às pessoas que faziam parte de seu romance familiar. Engendrava modos de destruir o outro e, ao ferir, machucar e angustiar sentia-se envolvida por uma incomensurável sensação de prazer. Este direcionamento libidinal para a destruição, ora para si própria, usando seu corpo como aporte de doenças e achaques, ora para o próximo, prostrando-o e humilhando-o, tendo como conseqüência última o sofrimento, envolvia-na num intenso bem-estar. Sentia-se sufocada e freqüentemente queixava-se de taquicardias e dores no peito. Mas para além destas crises, cujos sintomas instalavam-se no corpo, não suportava olhar-se no espelho, pois se via como um verdadeiro lixo, respondendo às agruras da vida com choros e gritos, vivendo como uma mulher solitária.

Para Carmem era impossível associar. Comparecia às sessões com um discurso todo, por inteiro, impossível de ser atravessado por algo que não fosse sua própria posição: falava, levantava, ou encontrava algum outro recurso para envolver e imobilizar a analista como, por exemplo, impor-lhe aos olhos uma caixa qualquer de remédio. Freqüentemente indagava a pertinência e eficácia do processo analítico, noutros tempos ligava em horários

importunos prometendo a execução de uma passagem ao ato, além de tentar constranger a analista em qualquer tipo de esbarrão extra-analítico. Neste tanto, a partir dessas e de outras questões, a escuta da analista muito estava direcionada para o diagnóstico diferencial de uma neurose com defesa melancólica.

Contudo, o que mudou a escuta, neste caso, foi a forma, paradigmática da posição perversa, digo, posição e não estrutura, como Carmem se portava diante das dores e da maldade. Perante o sofrimento constante um profundo prazer e alegria a arrebatavam. Paralelamente, obtinha intensa¹¹⁷ gratificação com os atos de maldade e atrocidade que dirigia ao outro, inclusive a analista como tratado acima.

O lugar transferencial é ponto fundamental para discutir a direção do tratamento. Carmem tentava colocar a psicanalista como espectadora de seus atos, construindo um discurso detalhista, monótono e repetitivo. Por vezes, falava com extremo pesar das dores que a acometiam e deslizavam por seu corpo; outras eram atos cruéis contra outrem que invadiam seu cenário. Batia no marido, colocando-o em posição de servidão. Machucava a enteada e convocava a analista nos momentos mais inusitados, destinando-lhe uma série de pequenos atos com função de destituí-la de seu lugar. Supunha-se a analisanda mais difícil e mais interessante. Assim, Carmem marcava sua dessubjetivação ao retirar de si a responsabilidade de seus atos transferindo-a para a analista.

Masud Khan¹¹⁸ (1979) fala do excesso que os pacientes ditos perversos produzem em suas análises tentando transformá-las em uma clínica da compulsão à confissão. Carmem confessava seus atos: uma, duas, três, até quatro vezes por semana. Solicitava agendamentos compulsivamente. Outra construção fundamental, também apresentada por Khan¹¹⁹ é a etiologia dos atos destes pacientes. A cena perversa é repleta de sintomas que possuem muito mais a estrutura de um sonho do que do sintoma dito neurótico, e o *acting out* é o que a caracteriza. Carmem colocava em ato, construía cenários, como quando o marido levou um tombo dentro do banheiro quebrando a parede de vidro do Box. Cortou-se e chamou por ela para socorrê-lo. Ao invés de acudi-lo, como

¹¹⁷ O uso do superlativo não é ocasional, mas aponta para o exagero implícito em cada ato. Carmem arquitetava pequenas maldades com o mesmo objetivo para garantir o efeito destrutivo esperado.

¹¹⁸ Khan, Masud. **Alienación en las perversiones**. Buenos Aires: Argentina: Ediciones Nueva Visión, 1979.

¹¹⁹ Idem. P. 143.

seria o esperado, colocou um caco de vidro no lugar exato em que ele iria passar provocando um corte profundo em seu pé, saiu fechando a porta atrás de si, dizendo algo que o humilhava. Em cada cena a convocação do outro, a intimação, fazia parte do espetáculo e, necessariamente, sua frustração aparecia diante da não-imobilização da analista.

A freqüência da explicitação das cenas funcionava como uma tentativa de horrorizar, no entanto, uma delas marca a inversão de seu discurso. Um pêlo encravado bem debaixo do umbigo produziu um abscesso e começou a verter pus. *O cheiro é de coisa podre, estou podre, apodrecendo, sou suja, imunda, nem consigo olhar, sou um nada.*¹²⁰. Havia um horror nitidamente expresso ao relatar esta cena. Diante da marca no corpo ela desespera-se por pressentir que algo lhe acontecia, independente de sua vontade, praticamente fora de seu controle. Normalmente, era ela própria quem causava suas dores, agora um tumor empunhasse-lhe e esta visão produzia-lhe um padecimento aterrador, como quando recebeu o diagnóstico de esclerose múltipla. Esta era a primeira aparição física de um destes sintomas por ela repetidos. As demais doenças eram construídas, especialmente, em sua fala e como maneira princeps para paralisar os demais diante da impossibilidade diagnóstica.

Este discurso provocou a investigação do lugar de resto, de escárnio, de *nada* que Carmem ocupava e que lhe dava tanto prazer, posição esta que inquietava, pois que o *nada*, este lugar de resíduo, era um movimento que permitia hipotetizar uma forma de recusa da falta, pois que enquanto *nada*, ela era tudo, por mais paradoxal que isto possa parecer, ela era potente na redução e no arrebatamento do outro como *nada*.

Neste ponto há que se abrir um parêntese para dizer um pouco sobre o porquê da sua procurou analítica. Não foi pela dor, nem pelas doenças, nem pelos seus atos maldosos, isto sim, diante da possibilidade de real desfalecimento de seu corpo. Havia um processo de dicotomização em um corpo de prazer e um corpo que será chamado de desfalecido. O primeiro, das dores, do prazer: era com que Carmem gozava. O segundo de *carne e osso*, o que a causou e que se desestruturava. Disseram-lhe que estava com

¹²⁰ Cena já citada no capítulo anterior.

esclerose múltipla e que definharia até a morte. Seu desespero passou por essa via, poderia morrer e perder este corpo de prazer, e a isto ela se recusava. Foi para análise a partir deste sintoma da fatalidade que se instalou e a angustiou, embora o diagnóstico tenha sido falho.

O artifício era unicamente direcionado para si, porque estar acompanhada da dor, facilitava sua existência, mesmo que esta dor estivesse do lado de fora, depositada no outro. O corpo adoecido, as internações, os medicamentos, vivos e ávidos, eram *ela*. Desta forma, Carmem dirigia toda sua energia psíquica para o aniquilamento do próprio corpo, investido auto-eroticamente e superinvestido libidinalmente, cuja degradação e adoecimento deixavam rastros que iluminavam seu olhar e sua voz.

Durante o tratamento, essa canalização auto-erótica foi desviada para o mundo externo e a energia foi endereçada ao outro. Seu afeto ao invés de ser alternado entre o amor e o ódio basculava entre a agressividade e o ódio. Carmem encontrou na maldade e na agressividade uma nova fonte dos afetos.

Na construção e elaboração do caso clínico ficou explícita uma dinâmica na sua forma de gozar, a pulsão transitava do masoquismo para o sadismo e novamente para o masoquismo.

Carmem destrói seu corpo com as doenças num prazer tido como perverso masoquista completamente assustador. Há uma espécie de véu depositado entre o prazer e a dor que torna a mulher vítima de seu próprio embuste. No entanto, não é essa sua atitude. Se antes Carmem se certificava de sua posição de totalidade, de completude, agora se descobre imersa na possibilidade de ser *nada*, ninguém, e dessa falta emana seu desejo, um desejo avassalador, destruidor e incorporador, sádico por excelência. Em sua súbita saciedade constrói um arcabouço de maldade para poder instituir a impotência desse próximo arrasador. Tem-se, então, uma dicotomia: masoquismo e sadismo. Esta paciente apresenta-se pelo tema da destruição ora destruindo o outro, ora se destruindo, tanto numa situação quanto em outra, havia fontes inigualáveis de prazer, cujo sofrimento a representava.

As sevícias de Carmem funcionavam por esta tríade: masoquismo-sadismo-masoquismo. Logo, o que a controlava eram as pulsões agressivas, ou seja, a pulsão de morte – Tânatos, o retorno ao inanimado, como denuncia o seu horror diante do corpo desfalecido. O ferimento que ela inflige ou se inflige é a única forma de prazer possível é a via aberta à satisfação do desejo. O masoquista apresenta-se como identificado com o objeto da pulsão. Este é um limite da fantasia. Contrariamente, o sádico a exhibe, ele trabalha. Lacan fala que o sádico se esfalfa¹²¹ (enfraquece). Se estivéssemos diante de uma Carmem melancólica, perceberíamos sua mortificação pela linguagem, ao se ferir tornar-se-ia um resto, mas de linguagem. No entanto, ela se torna resto de um desejo parcial, tal qual o masoquista. Questão que será retomada adiante.

Retomemos as duas cenas iniciais, a primeira de destruição do marido e a segunda de fechamento em si. O dilaceramento que faz dos outros é absolutamente isento de culpabilidade e arrependimento. Comumente é tomada por um ressentimento aplacador¹²², denunciado pela dívida que todos com ela tem. Assim, para minimizar seu resto relaciona-se com agruras e voracidade. Qualquer tipo de ameaça a embaraça e sua resposta veta os encontros, os contatos. Carmem toma a maldade como seu troféu competitivo e desfila nas olimpíadas sua vitória corriqueira. Olhar e escutar os gestos e a súplica do marido tornam-se seus potentes aliados e engrandecedores de gozo. O marido sofre mas, mesmo assim, permanece muito tempo ao seu lado, mesmo pagando o preço de ser objetivado.

Miller, em *Os seis paradigmas do gozo*¹²³, constrói um percurso deste conceito na obra de Lacan. Enfrentemô-los:

Como primeiro paradigma, numa teorização crescente o acento sobre o gozo se faz naquela chamada primeira clínica de Lacan, em primórdios de seu ensino, lugar em que o simbólico ocupa distinção da experiência analítica: *a imaginarização do gozo*. Ali Lacan

¹²¹ Kaufmann, Pierre (org). **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1996.

¹²² Ao reler esse texto deparei-me com essa construção-**aplacador**. Provavelmente a dor que imputa no outro é uma antinomia da sua própria. Enquanto o outro sofre ela goza: aplaca-a-dor.

¹²³ Miller, J. A. **Os seis paradigmas do gozo**, In *Opção lacaniana: Revista Brasileira Internacional de psicanálise*. São Paulo: abril de 2000: n. 26/27. p. 87-105.

preocupa-se com a função da palavra na constituição do processo inconsciente. Em sua própria designação a esse momento reflete que opera uma dialética da intersubjetividade. No que tange a linguagem tonifica a potência da cadeia significante e a autonomia do simbólico. Em resumo, seu ensino mergulha-se sobre os eixos da palavra e da linguagem. Em sua releitura de Freud inova, sobretudo, na teoria das pulsões. Freud sobre o inconsciente dizia que *alguma coisa se satisfaz no que cifra e se decifra*¹²⁴. Lacan responde dizendo que essa alguma coisa que se satisfaz é na ordem da própria comunicação, seja do lado do sujeito ou do Outro. Quanto ao primeiro é o aprisionamento do sentido que provoca o sofrimento e, do lado do Outro, é o acolhimento, avaliação do sentido subjetivo que culmina no reconhecimento. Dito isto informa que: *...diante da satisfação simbólica, que estende seu império sobre o conjunto do psiquismo, subsiste a satisfação imaginária que chamamos propriamente de gozo.*¹²⁵ É um gozo intra-imaginário, permanente, estagnante e inerte como adverte Lacan. Como consequência desse paradigma, verifica-se a disjunção entre significante e gozo.

Quando Miller evidencia a *significatização do gozo* é ao segundo paradigma que está se referindo. É praticamente uma leitura da teoria pulsional em termos simbólicos. Com a introdução de seu seminário; livro 5,¹²⁶ decompõe a idéia de que *não existe fantasma que não seja da ordem do roteiro e, portanto, que não existe fantasma que não seja assimilável a uma cadeia significante*. Aí o tema da cura é abraçado pelo enfrentamento e atravessamento fantasmático, mantido no ensino de Lacan por muito tempo.

Aqui cabe ainda ressaltar que a divisão promovida por Miller não evidencia de forma alguma uma cronologia, as construções são edificadas simultaneamente, sobrepõem-se ou desligam-se. Para efeitos a divisão é didática promovendo melhor compreensão.

¹²⁴ Idem. P. 88.

¹²⁵ Ibidem. P. 88

¹²⁶ Lacan, J. **O seminário: livro 5: as formações do inconsciente.** (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1999.

Retomemos o segundo paradigma. A supremacia desse tempo é o deslocamento do conceito de *falo* para o eixo simbólico, abandonando seu tom de órgão. Para Lacan é no *conceito de desejo que se conclui, se realiza, que se efetua a significantização do gozo*¹²⁷. Todavia a evidência deste gozo é de mortificação e de transposição para o significante; a satisfação não ocorre na comunicação como dantes, ela cede no e através do desejo. A verificação é que neste paradigma o significante toma supremacia ao conceito de gozo, deixando o segundo termo em rebotalho em algumas construções lacanianas. O gozo mantêm-se *repartido entre o desejo e o fantasma. De um lado ele é desejo, significado da demanda inconsciente; por outro não é outra coisa que o desejo que é, ao mesmo tempo, desejo morto.*

Necessariamente, uma reviravolta neste tema foi produzida com a introdução do seminário da ética de Lacan. Naquele lugar a satisfação, pulsional, já desfeita de sua concepção imaginária é desembaraçada também de seu tom simbólico e encontra-se na ordem do real. Momento particular da introdução do termo das Ding- A Coisa. Trata-se de uma montagem funcionando com uma barreira que o real endereça tanto ao imaginário quanto ao simbólico. De fato nesse seminário é sobre as barreiras, os inter-ditos a que Lacan se refere. Colocando o gozo do lado do real muitos dos seus conceitos teóricos até aqui são substituídos ou refinados e sua clínica, chamada de real, primariamente no que tange ao gozo, é inaugurada. Todavia, o gozo toma a forma de um lugar vazio - não é a toa que Miller denomina este terceiro paradigma de *o gozo impossível*. Para que seu acesso seja proposto é crucial que seja feito um forçamento, porque ele é notoriamente inacessível, salvo pela transgressão, tal qual a demanda e enfrentamento de Antígona.

Carmem, a velha¹²⁸ e má analisanda, em sua cena um, como nomeada, lugar em que desdenha o marido, aproxima-se de uma posição Antígona de ser. É empuxada pelo gozo impossível, para tanto não é barrada, interdita por nada que lhe seja externo ao desejo. Goza e, supostamente, busca o impossível, promove um heroísmo do gozo.

¹²⁷ Miller, J. A . **Os seis paradigmas do gozo**. Op. Cit. P. 90-91

¹²⁸ A referencia –velha- é para des-construir a questão de sua idade e enfatizar a premência de vastas discussões tornando-na conhecida no texto para enfrentar ao tema da perversão feminina.

Fundamentalmente nesse terceiro paradigma a oposição é presente entre a libido como desejo e como das Ding. Prazer e gozo também necessitam ser separados para o corte e a costura desse tema. O princípio do prazer tende a funcionar como uma tentativa de barreira ao gozo a partir de sua noção do bem, contrariamente o gozo evidencia o que suporta e sustenta de mal. Assim, Lacan clama pelo gozo sadiano como sendo a flor desse paradigma. Carmem, a casta sadiana, pode ser emblemática desse paradigma diante de seus cenários de maldade e atrocidade contra outros. Ela não possui chance sequer de enodar uma aliança entre o gozo e o Outro, assim, permanece no nível da Coisa, do gozo maciço¹²⁹.

Questionando sua teorização do gozo diante da Coisa, Lacan rele e revê este conceito traduzindo a idéia do *objeto a* como significantização do gozo. Mais uma reviravolta em seu ensino é determinada. Logo na introdução do Seminário XI¹³⁰ - *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* - atenta-nos para a proposta de que o *objeto a* é a simples presença de uma cavidade, de um vazio. Portanto, o acesso ao gozo não se daria pelos feitos heróicos, contrariamente, sua eclosão seria pela pulsão repensada, realizando ir e vir. Para tanto convida o leitor a seguir sua indicação das zonas erógenas, traduzidas num corpo fragmentado das pulsões parciais, autônomas e voltadas para si, instituidoras do bem. Pela convocação das operações constitutivas do sujeito - alienação e separação – Lacan considera que lá onde havia o sujeito vazio, na alienação, há a pulsão respondendo à identificação e ao recalque – separação – em sua aparição do *objeto perdido-a*.

Enquanto nos demais seminários Lacan designava o inconsciente como *uma ordem, cadeia, uma regularidade*¹³¹, a partir do seminário XI é lido como uma *descontinuidade* – *uma borda que se abre e que se fecha*, tal qual uma zona erógena.

Relembremos a cena dois de Carmem. Embaixo de seu cobertor, aprazeirada pelo calor emanado de seu próprio corpo-como algo no aparelho do corpo fosse estruturado da mesma maneira que o inconsciente¹³² - somente cabia-lhe um gozo normal. Ao sexo era

¹²⁹ Construção usada para Miller para resumir o terceiro paradigma do gozo. Miller, J. A. **Os seis paradigmas do gozo**. Op. Cit. P. 93.

¹³⁰ Lacan, J. **O seminário: livro XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1985.

¹³¹ Miller, p. 94.

¹³² Lacan, J. **O seminário: livro XI: Os Quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Op. Cit. P. 172.

refratária, não ao seu, mas no encontro com o Outro do sexo. Seu corpo como uma ameba¹³³ reproduz-se sexualmente produzindo uma perda de vida.- *aqui, essa libido, como objeto perdido, representa a parte do vivo que se perde no que ele produz pelas vias do sexo*¹³⁴. Logo, é preciso substituir o sujeito pelo corpo vivo, corpo sexuado.

Neste paradigma o gozo parece responder a alienação significativa do sujeito sob a forma de objeto-sua separação¹³⁵. Inversamente, naquilo que se chama de quinto paradigma do gozo tudo aquilo estaria fora da relação do significativo com o gozo é desmentido por Lacan. Essa introdução se faz nos seminários 16, 17 e Radiofonia¹³⁶.

Assim, neste tanto a probabilidade maior do ensino de Lacan é sua formulação em oposição a Pierce sobre o conceito de significativo. Diz que o que é considerado sujeito é aquilo que é veiculado por um significativo para outro significativo. Partindo desta tese concebe o sujeito como sua própria parte irrepresentável, e que somente surge em sua representabilidade por um significativo. Surge Carmem com dores e doenças, significativo que a representa para outro significativo.

Ao mesmo tempo em que o significativo faz surgir o sujeito ele o cristaliza, automaticamente. Visto isto é com o conceito de desejo morto que Lacan avança nesta clínica do *gozo discursivo*-porque é a morte significativa que torna o desejo indestrutível.¹³⁷ e a cadeia de repetição é a de um desejo morto, impossibilitando o gozo como emoção, objeto do corpo e surgindo o tema do gozo falta no Outro.

Todavia, Lacan tenta fazer pertença aos significantes do gozo e significação do gozo, tendo como resultado o tal desejo morto. Ou seja, ao mesmo tempo em que o gozo pode ser interdito, ele também pode ser *inter-dito*, dito nas entrelinhas- equivalendo sujeito e gozo. Sendo o significativo o aparelho de gozo ao mesmo tempo propicia uma perda de gozo e autoriza um suplemento de gozo. Mergulhemos neste tema.

¹³³ Lacan, J. (1960) **Posição do inconsciente**. In Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1995. p. 861.

¹³⁴ Lacan, op. cit. p. 861.

¹³⁵ Miller, **Os seis paradigmas do gozo**. Op. Cit. P. 95.

¹³⁶ Lacan, J. (1968) **o seminário: livro 16: de um Outro a outro**. 1968. versão não autorizada & Lacan, J. (1969-70). **O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge zahar editor, 1992. e Lacan, J. (1970). **Radiofonia**. In Outros escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2003.

¹³⁷ Miller, p. 97.

O *objeto a* funcionará como um suplemento da perda de gozo, mais-de-gozar, e a transgressão, realçada no paradigma três torna-se uma palavra lúbrica, no sentido de escorregadia, pouco sustentável em sua essência. O acesso ao gozo não ocorre pela transgressão, portanto sua pertinência é via entropia do significante. A repetição invade o tema do gozo e o sintoma, tal qual é discutido no último ensino de Lacan, comporta a relação com o gozo. Nesta série o *objeto pequeno, a* da pulsão, é listado a partir das considerações freudianas e reorganizado por Lacan: objeto oral, objeto anal, objeto escópico, objeto vocal e talvez, o *nada*. Além da sublimação. Carmem e seu nada...

Desta forma as satisfações ocorrerão por aquilo que Lacan nomeia de *pequenas fatias de gozo através dos miúdos objetos pequenos a*.¹³⁸ Até este ponto leva-se em consideração a clínica lacaniana estrutural, questionada com o famoso seminário: livro XX: Mais, ainda¹³⁹.

Desde sempre o título: *Mais, ainda*, em francês *Encore*, homofonicamente *En-corps*. No corpo, é disso que Lacan trata nesse seminário. A idéia de linguagem é substituída por *lalíngua*¹⁴⁰, e o conceito de gozo toma primazia ao de significante. O paradigma, ou melhor, a premissa essencial deste texto é o de que *não existe a relação sexual*¹⁴¹. Conceito absolutamente questionável nos âmbitos intelectuais. É com este termo que a clínica da estrutura perde sua sustentação, visto que esta depende da relação com o Outro, banida da primeira. Nesse seminário Lacan, distante do conceito anterior de repetição, aproxima-se do gozo sem o Outro, chamado por ele de gozo *Uno*. Á este cabe quatro formas distintas de realização, a saber: o gozo do corpo próprio, o gozo fálico-representado pela masturbação, o gozo da palavra e a sublimação. Formas elementares isoladas do Outro, idiotas e solitárias como salienta no mesmo texto. Logo, a afirmação não existe relação sexual tem plena pertinência ao declarar a existência do gozo Uno, no corpo. Essa relação só poderia existir diante do gozo do Outro. Isso demandaria um outro corpo e um outro gozo, questionável inclusive por Lacan. Ao falar de estrutura é

¹³⁸ Miúdos objetos é designação de Miller, op. Cit. P. 100.

¹³⁹ Lacan, J. **O seminário: livro XX: Mais, ainda**. Op. Cit.

¹⁴⁰ Tradução de Haroldo de Campos para *lalangue* em francês. Aquela desde o principio, que esta lá mesmo diante do não advento da palavra. Optou-se também por essa versão da tradução ao invés de utilizar *alíngua*, que pode inviabilizar o termo proposto por Lacan.

¹⁴¹ Lacan, J. **O seminário: livro XX: mais, ainda**. Op. Cit.

dessa relação com Outro que se apresenta, esta comporta buracos e ali se pode inventar e manter rotinas¹⁴², produzindo dois e não Uno. Finalizando, diante desse impasse da existência do gozo do Outro e da clínica da estrutura, os porões da alma são abertos e resta apenas o Um.

O Uno ausente do Duo do corpo de Carmem que, para além do masoquismo, goza solitariamente e idioticamente. Intimado de íntimo e daquele que intima é seu próprio gozo. Cabe ainda perguntar se é sobre o gozo que podemos escutar Carmem? Faremos outras considerações.

¹⁴² Comentário de Miller sobre a noção de estrutura. P. 105.

CAPÍTULO III - VIVAS-MORTAS NAS PEGADAS DA DOR:

o masoquismo e a mulher.

*O poder da beleza transforma a honestidade em meretriz
Mais depressa do que a força da honestidade faz
A beleza se assemelhar a ela. Antigamente isso era um paradoxo,
Mas no tempo atual se fez verdade. Eu te amei, um dia.
Hamlet falando a Ofelia*

Um passo encravado na cinza e outro com dedos delicadamente recostados no chão marcam a cena clássica da *Gradiva*, famoso romance de Wilhelm Jensen de 1903¹⁴³. Os sonhos de Norbert Hanold¹⁴⁴ foram discutidos por Freud¹⁴⁵, traduzindo uma belíssima teoria dos delírios e, sobremaneira, de um objeto fetichista - os pés. A personagem Zoé¹⁴⁶, encarnada em *Gradiva*, trará determinismos psíquicos que fogem dessa interpretação freudiana e que servem para discutir a dor masoquista que tanto nos interessa.

O escritor Jensen consegue com sua presteza e fantasia convidar os personagens aos sonhos e, dessa forma, transformar seu romance em uma constante convocação psicológica. Na eloquência de sua fala apresenta-nos *Gradiva* como *um ser que estava morto e vivo, embora só ao meio-dia*¹⁴⁷. Lá estava ela, a personagem sintoma de Norbert. Embora nessa altura do texto, ainda não reconhecida pelo apaixonado arqueólogo, Zoé encontrava-se com ele em Pompéia todos os dias exatamente ao meio-dia. Uma mulher

¹⁴³ Jensen, W. **Gradiva: uma fantasia pompeiana**. (1903). Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1987.

¹⁴⁴ Freud encantou-se sobremaneira pelo destino de Pompéia, seu soterramento e sua escavação; assim como era sua paixão pelos eventos mentais-soterramento pela repressão e escavação pela análise.

¹⁴⁵ O romance de Jensen foi apresentado por Jung a Freud que o estudou e publicou em 1907 um texto com o título: **Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen**. Nota do Editor Inglês. In *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Ed. Standard Brasileira: Rio de Janeiro: Imago, 1980. Vol. IX: p. 14.

¹⁴⁶ Originalmente o nome da personagem criada por Jensen recebe acento circunflexo no e; já no texto freudiano esse nome feminino não é acentuado. Assim optou-se em manter a grafia tal qual proposta por Jensen.

¹⁴⁷ “*Gradiva continuava a viver sua vida aparente ao meio dia, hora dos fantasmas, e encontrava-se sentada diante dele como ele a havia visto em sonho sentar-se sobre os degraus do Templo de Apolo*”. Jensen. Idem. P.53.

banhada pela gelidez do bronze e do mármore¹⁴⁸, apática como as pedras e, inversamente, com o olhar e o tom de voz vívidos e melancólicos¹⁴⁹. Esse foi um dos pontos por Freud evidenciados: *Sem dúvida o tom melancólico condiz com alguém que volta a vida apenas por uns breves momentos*¹⁵⁰. Vivía ela por instantes somente para encontrar o amado, após o contato desaparecia entre as ruínas e em seu lugar um ramo de asfódelo¹⁵¹ ressurgia.- flor conhecida como a do esquecimento. Eis Gradiva, esquecida ao longo dos tempos e revivida pela leitura psicanalítica de Freud.

Zoé no romance desesperava-se da ignorância de Norbert. Fora ela sua menina da infância esquecida pela preferência do amado por figuras soterradas. Nesse tanto surgia como Gradiva¹⁵². Seu nome em grego é a vida¹⁵³, embora há muito se acostumou a estar morta¹⁵⁴. Seu tom gélido provocou o encantamento em Hanold e seus passos, embora calçados com botas, autorizavam a fantasia do pesquisador. Um duplo nome: Zoé Bertgang e Gradiva.

Carmem¹⁵⁵, analisanda do século XXI, diferente da famosa personagem de Bizet, queixa-se de sua dupla identidade, se é assim que se pode dizer. Descobriu há pouco que seu sobrenome de registro era um e de batismo outro. Sequer a família adotiva preocupou-se em anular o primeiro nome, o que constava na Igreja. Sentia-se sem proteção e cuidados daqueles que a perfilharam. O duplo nome favorecia-lhe em alguns aspectos, ora utilizava um dos nomes ora outro, como se trocasse de identidade conforme o interesse. Em alguns momentos era moça forte, batalhadora e alegre, noutros era triste, ensimesmada, doente e muito infeliz. Por vezes usava essas duas nomeações para provocar aqueles que

¹⁴⁸ “*Só o mármore e o bronze eram para ele verdadeiramente vivos, só esses materiais exprimiam o propósito e o valor da vida humana*”. Jensen. Ibidem. P. 23.

¹⁴⁹ “*A voz de Gradiva era tão clara quanto seus olhos. Era bastante baixa e lembrava o timbre de um sino...*” Jensen. Ibidem. P. 53.

¹⁵⁰ Freud. Idem. P. 30.

¹⁵¹ “*... a flor dos túmulos*”. Jensen. Ibidem. P. 66

¹⁵² “*Mas não se tratava de um ser de pedra monótono e sem cor*”. Jensen. Ibidem. P. 46

¹⁵³ Hanold comenta que como uma amarga ironia o nome de Zoé significa a vida. Jensen. Ibidem. P. 65.

¹⁵⁴ Diz Gradiva: “*– é preciso se resignar com o que não se pode mudar-reponde ela-e há muito tempo já me habituei a estar morta...*”. Jensen. Ibidem. P. 65

¹⁵⁵ Carmem esteve em psicanálise por quatro anos. Era mergulhada em dores por todo o corpo, banhada por doenças e envolta em um sofrimento atarrador. Comumente alternava as dores que sentia pelo corpo pela maldade que praticava contra aqueles que atravessassem o seu caminho de prazer e gozo.

em seu caminho surgiam¹⁵⁶. Essa dupla inscrição nominal remete-nos imediatamente a Saramago em seu livro em que diz que *Conheces o nome que te deram, mas, não sabes o nome que tens*. Assim era Carmem. Falava em nome próprio, supunha-se em primeira pessoa, todavia, desconhecia sua filiação, questão mais assombrosa e angustiante para sua existência. Neste tanto, como uma Gradiva sofria freqüentemente pela sua dor de existir. Os cabelos *frouxamente ondulados*¹⁵⁷ e os olhos sem atingir ponto algum transformavam-na em uma figura de bronze. Petrificada estava ela pela nostalgia e indagação filial.

Gradiva vivera e fora soterrada com o resto da população de Pompéia no ano de 79; Carmem quase morta ao nascer sobreviveu da doença e das dores quando fora perfilhada em 1971. Praticamente mil e novecentos anos separam-nas, contudo as jovens mantêm-se vívidas em pleno século XXI. A primeira esculpida por Jensen é (re) significada por Freud; a segunda com dupla paternidade (re) significa-se em análise.

Zoé e Carmem, as duas mulheres personagens foram mortas pelos seus primeiros nomes e sobreviveram pelos sobrenomes. Bertgang que quer dizer *alguém que brilha ao avançar*¹⁵⁸, a raiz alemã *bert* ou *brecht* corresponde ao inglês *bright* (brilho); do mesmo modo, *gang* corresponde a *go* (na Escócia, *gang*) (ir andar)¹⁵⁹. Bertgang tem o mesmo significado de Gradiva. Zoé estava morta e fora salva como Gradiva¹⁶⁰ quando desenhada por Jensen. Pode-se configurar a morte de Gradiva como uma metáfora, estava morta, desaparecida como mulher. Seu salvamento ocorreu diante da esperança de vida ao reencontrar Hanold, seu eterno amado. Carmem praticamente morta ao nascer, filha da empregada da casa, questão desconhecida até a adolescência, foi salva pelo sobrenome do pai - pela avó paterna. Ainda assim, abandonada ao nascer, filha biológica do próprio pai adotivo, foi por ele registrada somente na segunda cena paterna - a da adoção. Eram duas mães e o mesmo pai, contudo, Carmem possuía dois sobre-nomes. Sentiu-se novamente morta na vida adulta, era equiparada a um resíduo, um lixo, não tinha vontade de viver, tampouco, de levantar debaixo de seu cobertor, sua morada protetora. Ao ser invadida por

¹⁵⁶ Saramago, citação: *Conheces o nome que te deram mas não sabes o nome que tens*.

¹⁵⁷ Descrição dos cabelos de Gradiva. Jensen. *Ibidem*. P. 46.

¹⁵⁸ Freud. *Ibidem*. P. 45. No romance de Jensen é: "... *aquela que resplandece ao andar*". Jensen. *Ibidem*. P. 97.

¹⁵⁹ Nota de rodapé escrita por Freud. Freud. *Ibidem*. P. 45.

¹⁶⁰ "*Gradiva-Rediviva-Zoé Bertgang*". Jensen. *Ibidem*. P. 102.

dores constantes e doenças aterrorizantes teve ânimo pela e na vida e sentiu-se salva em sua sobrevivência. A peregrinação de Carmem pelos diversos especialistas da área médica tornou-se rotineira, construía sintomas que caracterizavam doenças graves, tais como esclerose múltipla, no entanto, depois de investigações aprofundadas descobria-se que a doença não existia.

Mulheres com timbres de vida calcados nas dores. A primeira esquecida desde a infância, a segunda negligenciada ao nascer. A primeira em busca do amor eterno conduziu-se desaparecida até que como morta pôde encontrar a vida¹⁶¹, a segunda em busca da real filiação¹⁶² dessubjetivou-se e dessexualizou-se. A primeira ausente de parceiros e companheiros sexuais, a segunda casada, mas sem vida sexual.

A maior explicitação de suas dores concentram-se em seus tons de voz. Carmem fala baixo, doído, um pesar que a aplaca. Gradiva tem o *tom claro, baixo, timbre de um sino. O tom melancólico condiz com alguém que volta à vida apenas por uns breves momentos*¹⁶³. O retorno a vida, metaforicamente, é representado pelos tons de suas vozes. A impressão é que falam em tons baixos sinalizando uma recorrente dificuldade em viver, desta forma imperam a lei, na seqüência desaparecem deixando pegadas de pesar através do eco vocal.

Vozes¹⁶⁴ denunciadoras de *porta-lei e porta-objeto*^{165 166}. Suas vozes denotam momentos de submissão e engajamento com a presença do Outro clamando pelo dom do amor, nas margens opostas do rio, em seus tons graves surgem mulheres fortes e determinadas. Carmem pronuncia as palavras com dificuldade e com grandes espaçamentos sonoros, por um lado fala como nada entre suspiros, por outro lado, ao relatar seus atos

¹⁶¹ Comenta Gradiva: "... – *que alguém tenha primeiro que morrer para encontrar a vida. Mas isso sem dúvida é necessário na arqueologia*". Jensen. Ibidem. P. 97.

¹⁶² Um pai que era pai ao quadrado: biológico e de criação. Carmem somente certificou-se de sua segunda função, a primeira foi a desencadeadora de sua frenética busca pela filiação.

¹⁶³ Freud, S. Gradiva. Op. Cit. P. 30.

¹⁶⁴ "O objeto 'voz' deixa-se também descrever primeiramente como realidade material e é preciso familiarizar-se bem com este universo sonoro para poder situar este objeto propriamente pulsional que aí se aloja". Assoun, P-L. **O olhar e a voz**. Companhia de Freud: Rio de Janeiro: 1999.P.37.

¹⁶⁵ Designação de Paul-Laurent Assoun sobre a voz da mulher masoquista. Em Assoun. Idem. P.170 – "... *mulher vem encarnar este objeto adulado: submetendo-se aí, o sujeito vem a disso fazer sua Lei, lugar de injunção incondicional de submissão*".

¹⁶⁶ "Voz dessa mulher: ao mesmo tempo carrasco sem misericórdia e rosto impiedoso da Lei passional..." Assoun. Ibidem. P. 170.

maldosos o tom de voz eleva-se, torna-se eloqüente e absolutamente audível e sua determinação na destruição é notória. Gradiva assujeita-se a Norbert em seu esquecimento das cenas infantis, e, paralelamente, busca um reconhecimento através de sua en-cenação de pedra. Tanto Zoé-Gradiva quanto Carmem sonoramente invocam a lei através de um supereu imperativo – Faça! Ou se preferir Goza! - dirigindo a conduta daqueles que delas precisam, e colocando-se como seus objetos vocais. Duplamente inscritas através da dor, seja ela sádica ou masoquista. No cômputo final sabe-se que o tema pulsional é direcionado para si e tem como mestria a excitação sexual. Vozes plácidas, quase destimbradas. Entonações sem arroubos, de altura pouco grave, menos ainda aguda. Aparentemente sem paixão, mas primariamente objeto-vocal de gozo.

Sobre o objeto sonoro Assoun (1999:38-39) comentará que será caracterizado por três elementos, a saber: o timbre-que denuncia a cor vocal; a altura-mensurável e que retrata o som grave ou agudo e a intensidade-marcadora dos ruídos. Mais além desses elementos a prosódia é fundamental na voz - compõe sua entonação e seu acento. Logo, a voz, assim como o olhar são portadores de um modo próprio de gozo, necessariamente pulsional e auto-erótico. Essa tese ainda adverte sobre a importância da voz como *uma espécie de esquema intermediário entre a realidade parental e a realidade psíquica do sujeito*¹⁶⁷. Conclui-se, então, que esse objeto aponta para o supereu¹⁶⁸ que, em sua essência, só poderia ser vocal. Neste tanto, a voz toma o tom de um fato de estrutura e atualização pulsional.

Estas duas mulheres mesclam seus timbres vocais em baixo e alto colorindo as escutas que delas se ocupam, a altura também varia entre o grave e o agudo confundindo os ouvidos atentos e a intensidade dos ruídos oscila entre a presença e a ausência, como mortas-vivas. Cabem os elementos mais evidentes em suas falas serem a entonação, ritmada e desritmada e seu acento, ora circunflexo, outrora um til. Vozes pulsionais. Freud com toda cautela traz as falas de Zoe ao seu texto e comenta suas variações sonoras, demarcando um campo completamente pulsional.

¹⁶⁷ Assoun. Ibidem. P. 55.

¹⁶⁸ “O supereu é, ao mesmo tempo, proibidor e ‘jubilatário’: lembra a lei que limita o desejo, mas também comanda o gozo “. Assoun. Ibidem. P. 83.

Assoun convida seus leitores para mergulharem no texto de Sacher-Masoch, A Vênus das Peles, e investigar a voz que surge na personagem Wanda através de suas atuações com Severino, seu servo e escravo sexual. Dessa voz ele escuta retinidos que endereçam a uma altura grave, uma intensidade longínqua, um timbre em que o sujeito reconhece a voz de sua mestra e uma entonação da ordem ou da injunção¹⁶⁹. Está caracterizando a voz de Wanda como indicador estrutural da perversão, lugar em que é endereçada simultaneamente sobre o objeto e a Lei, decodificada como uma voz plácida, quase destimbrada, embaralhada à *própria voz de mulher*¹⁷⁰.

Voz de mulher que clama, principalmente, por cenários passionais, conseqüentemente, repletos de vocalises e entoando a escuta retinida do vox¹⁷¹ que se abrem para: *vocação- apelo do objeto-*, *convocação -por este Outro imperativo-*, *invocação- daquilo que nodula o juramento-*, *provocação- que abre as vias da transgressão*¹⁷².

Neste tanto as vozes destas mulheres, Zoé e Carmem, nossas protagonistas, paradoxalmente, ordenam o gozo ao Outro e, simultaneamente, se servem daquilo que dele foi perdido, alimentando seu próprio gozo com essa isca. São vozes refletidas como as das Sereias que ordenam insistentemente - Goza! , e pela voz da paixão convocam os marujos para o desaparecimento numa queda ao infinito.

A variação entre o tom de voz e o embaraço do sofrimento encadeiam as estórias destas mulheres. Zoé abandonou sua existência para buscar Hanold e, ao encontrá-lo, resgatou-o do enlouquecimento; Carmem se desintegrou no adoecimento e ressuscitou meio às maldades, contra os outros e contra si. Assim, Freud, em 1915¹⁷³, ao introduzir as vicissitudes pulsionais, em sua segunda possibilidade, a de retorno em direção ao próprio eu, convoca-nos à idéia de que a dor é um excesso pulsional. Ou seja, pode-se ler que o sujeito invadido pela dor traduz um excesso que inibe qualquer outro circuito pulsional,

¹⁶⁹ Assoun. Ibidem 171.

¹⁷⁰ Assoun. Ibidem.P.171.

¹⁷¹ Essa construção não diz exclusivamente das mulheres, condiz de maneira abrangente com os cenários passionais. Assoun. Ibidem.

¹⁷² Ibidem, p171.

¹⁷³ Freud, S. **Pulsão e suas vicissitudes (1915)**. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Ed. Standard Brasileira: Rio de Janeiro: Imago: 1980. Vol. XIV.

postergando o gozo fálico e introduzindo a premissa de um gozo Outro - de pronto endereçado ao masoquismo.

Na literatura psicanalítica muito se faz na distinção entre o masoquismo como estrutura, perverso por excelência, e o masoquismo inerente à existência. Freud no texto de 1924¹⁷⁴ - *Sobre o problema econômico do masoquismo*- trará a tona três formas dessa manifestação, a saber: o masoquismo erógeno, o feminino e o moral. O primeiro é a condição importada pela excitação sexual; a terceira manifestação, o masoquismo moral, é diretamente ligado à norma de comportamento, derivado da angústia; quanto ao masoquismo feminino traduz-se como expressão particular da natureza feminina. Pelo trânsito por 1931 e 1933, nos textos sobre a Sexualidade Feminina¹⁷⁵ e Feminilidade¹⁷⁶ fica notório traduzir a idéia do psicanalista em colocar a mulher e sua natureza neste lugar de sintoma do homem, quiçá da sociedade. Coube a mulher do século XIX e XX especialmente o lugar de genitora, de maternagem, o que intensificou sua infelicidade e insatisfação. Isto não quer dizer que as mulheres em pleno século XXI sejam felizes e satisfeitas, mas a redução social da aparição do feminino agravava esta realidade. Freud ainda equipara a feminilidade a uma posição masoquista do sujeito, colocando-nas como refugio do outro, ou seja, através de suas fantasias encontraria sua cota de gozo.

Independente de recorrer ao tema do masoquismo para tratar da mulher, Freud as coloca como objeto e discute que para concluírem a inveja do pênis e se haverem com a castração o mais eficiente caminho a traçar seria o de ter um bebê. Dessa forma, resolveriam a questão fálica e acederiam à feminilidade. No entanto, essa solução freudiana não deu conta da angústia feminina, como exemplo atestou-se que os sintomas das históricas do século XIX e XX somente transformavam-se diante desta constatação e

¹⁷⁴ Freud, S. **O problema econômico do masoquismo (1924)**. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Ed. Standard Brasileira: Rio de Janeiro: Imago: 1980. Vol. XIX. Nos textos anteriores, 1905, 1915 e 1919 a idéia do masoquismo deriva de um sadismo anterior, é somente em **Além do princípio do prazer**, texto de 1920 que Freud assume poder existir um masoquismo primário.

¹⁷⁵ Freud, S. **Sexualidade feminina.(1931)**. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Ed. Standard Brasileira: Rio de Janeiro: Imago: 1980. Vol. XXI.

¹⁷⁶ Freud, S. **Feminilidade (1933). Novas conferências introdutórias sobre psicanálise**. In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Ed. Standard Brasileira: Rio de Janeiro: Imago: 1980. Vol. XXII.

aquelas mulheres mantiveram-se aplacadas pela desilusão que ter um bebê não resolveria suas questões subjetivas.

Remetemo-nos aos preceitos fundamentais da língua portuguesa. Quando se pronuncia os substantivos homem ou mulher, invariavelmente, faz-se um endereçamento para o determinismo anatômico e, em consequência a questão da condição subjetiva é transposta ou postergada. Freud ensinou que anatomia é o destino, ou seja, psicicamente ou fisicamente a anatomia sempre clamará sua aparição. Todavia, Lacan comenta em 1962-63 que essa afirmação é verossímil a partir da possibilidade de seu sentido estrito, etimológico - Ana-tomia - sentido que põe em valor sua função de corte, porque tudo que é anatômico esta ligado à possibilidade de corte- viviseção. Afirmação complexa porque viviseção diz respeito ao corte feito no animal ainda vivo, ou seja, a anatomia é indispensável. Seguindo o dito do mestre vienense sobre o destino anatômico Lacan enfatiza que o corte do corpo próprio, é o destino porque... *a relação do homem a essa função que se chama desejo, toma toda sua animação*¹⁷⁷. *É ao falo, a priore, e a castração que Lacan se refere ao trazer a tona esse destino.* E ainda completa em 1973-74¹⁷⁸: o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo. A palavra mulher é remetida dialeticamente ao homem e vice-versa, par antitético presente na obra freudiana, ou seja, castração e separação. Ao falar de *Feminino* há uma referência ao estado psíquico, presente num gênero ou noutro. Contudo não é passível de esquecimento que a mulher é um ser dividido entre o que é para o Outro e o que é como sujeito do desejo, entre seu ser complementar da castração masculina, por um lado, e seu ser como sujeito do inconsciente do outro.

Lacan ao longo de seu ensino afirma que, no par sexual, a mulher não está presente pelo seu próprio desejo. Portanto o que está em causa nessa cena é o desejo do Outro. Em suas hipóteses sobre esse tema do feminino anuncia que as mulheres vestir-se-iam de falo, de objeto ou, ainda, como anuncia em 1975, de sintoma do homem no par sexual.

¹⁷⁷ Lacan, J. **A angústia. Seminário 1962-63.** Idem. P.276.

¹⁷⁸ Lacan, J. **Mais, ainda.** O seminário: livro XX...Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro: 1985: P.15

Ser o falo contempla amplamente a tese freudiana - de ter um filho do pai-; ser o objeto endereça para o tema do semblante, do parecer, ou seja, do fingimento e da máscara. Sobre ser o falo: para Freud o desejo feminino tem uma única libido e como variação do desejo de ter a mulher pode ter o amor de um homem e ou ter um filho fálico, logo, em um caso como noutro fica a mercê do desejo do homem. Contudo no que diz respeito ao lugar de objeto, Lacan, em 1960¹⁷⁹ contempla a idéia de que ela só será objeto sob a condição de encarnar para o parceiro a significação da castração, de se apresentar sob o sinal do menos. Gradiva e Carmem estariam fazendo semblante de objeto ao sofrer e gozar?

Vale ressaltar que, embora Freud utilize a nomeação gozo – *Genuss* - em alguns de seus estudos, tais como no Projeto de uma psicologia científica para neurólogos, O Homem dos Ratos, Neurose Demoníaca do Século XVII, não o utiliza da mesma forma com que a formulação de *jouissance* de Lacan. Ao estudar sobre o enigma do feminino Freud explicita que o tema do falo seria insuficiente para a conclusão deste enigma. Contudo, recorrer ao paradigma do masoquismo auxiliou Freud a indagar a não relação sexual e o gozo intrínseco ao ser falante. Isto não quer dizer que tomou o masoquismo como exclusividade do feminino. Esta é uma tese de Hélène Deustch¹⁸⁰. A psicanalista recorre a uma cena da ópera Carmem de Bizet dizendo que a mulher comporta-se com o homem como a criança que brinca com a mosca de que sabe que arrancara as asas. Assim para ela Carmem é emblemática do que nomeia de masoquismo hiperfeminino, trágico e inconsciente. Ao destruir o homem é seu próprio coração que ela destrói e sua própria perda que ela assegura.

Retomemos, em 1919¹⁸¹, lugar particular que Freud estuda a gênese das fantasias o tema central do segundo tempo da fantasia, inconsciente, portanto, sobretudo dos homens, é o do ser espancado pelo pai. Inevitavelmente uma analogia entre fazer-se espancar do masoquista e o papel feminino na relação sexual, lugar em que a fantasia é

¹⁷⁹ Lacan, J. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano.**(1960). In Escritos. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro:1998.

¹⁸⁰ Deutsch, H. **La psychologie des femmes.** Paris: PUF: 1974. p 247.

¹⁸¹Freud, S. **‘Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais** (1919). In Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Ed. Standard Brasileira: Rio de Janeiro: Imago: 1980. Vol.XVII.

consolidada em: para ser tratada como mulher é preciso tornar-se objeto do pai - é evidente na construção freudiana. Nessa discussão o masoquismo toma o tom de substituição de uma fórmula de gozo por outra: ser espancado substitui ser amado no sentido genital, logo se aproximando da construção de uma metáfora. Freud adjetiva de feminino o masoquismo que descobriu no homem, se o sujeito aspira a ser espancado é para ser a mulher do pai¹⁸².

Ao mergulhar na clínica freudiana, recheada de construções em análise e teorizações, Lacan distingue as idéias: 1- de masoquista propriamente dita; 2- da atividade da pulsão em seu além do princípio do prazer e 3- do tema da subjetivação, ali onde cada sujeito paga por seu desejo, como preço pelo mais-de-gozar que sua fantasia lhe assegura¹⁸³. O pensador francês, contrariamente ao seu mestre vienense, nada explicita sobre o masoquismo feminino.

Em Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina¹⁸⁴ Lacan irá alertar os leitores que o masoquismo feminino, tal qual Freud anunciou em 1924, é uma explicitação maciça do desejo do homem. Pode-se traduzi-lo como uma criação do homem. Por um lado se encontra a mulher em sua demanda erotomaníaca do amor, no clamor de ser eleita e do outro o homem que demanda que o objeto tenha significação de castração. Questão retomada e salientada também no seminário da angústia e diz ser fundamental devolver ao tema do masoquismo sua unidade:

...que se trate do masoquismo do perverso, do masoquismo moral, do masoquismo feminino, que de outro modo seria inapreensível. E vocês verão que o masoquismo feminino toma todo um outro sentido, bastante irônico, se essa relação de ocultação, no outro, do gozo aparentemente referido do outro, por esse gozo do outro, de uma angústia que se trata incontestavelmente de despertar. Isso dá ao masoquismo feminino todo um outro alcance que não se obtém senão apreendendo bem, em primeiro lugar, o que se deve colocar primeiro, a saber, que é um fantasma masculino¹⁸⁵.

¹⁸² Soler, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro:2005. P.60.

¹⁸³ Soler, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro:2005. P.61.

¹⁸⁴ Lacan, J. **Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina**.(1960). In Escritos. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro:1998

¹⁸⁵ Lacan, J. *ibidem*. P. 230.

Reduz-se a um mais-de-gozar do outro¹⁸⁶, em seu baile de máscara funde-se ao autêntico masoquista fazendo cintilar o avesso do objeto agalmático, a falta que fundamenta seu brilho e que lhe anuncia, talvez, o destino prometido no amor. Diante de Gradiva e Carmem escuta-se esse fascínio no avesso do objeto agalmático. Cabe deduzir se Zoé mascarou-se de Gradiva e Carmem das doenças para suas conquistas sociais ou amorosas ou se é nesse resto de si que se edificam. Lidam com a falta reluzindo seu nome próprio, como Zoé ou no apelo desenfreado pelos diagnósticos médicos como Carmem?

A mulher na busca da realização fantasística do homem, deveras, se submete às condições do amor do Outro, assim, marcada pelo recalçamento, evita se deparar com o seu próprio desejo. A mascarada recalca a castração enquanto que o masoquista a desmente-respectivamente: *Verdrangung* e *Verleugnung*. O masoquista não se autoriza pelo acaso, Tiquê, seus cálculos são precisos e pontuais - goza por contrato visando no Outro o encontro com a angústia; enquanto isso a mascarada improvisa, enxerga o Outro como semblante e faz um pacto de encantamento para ressurgir com ares de mulher diante da impossibilidade de ser A mulher. Para tanto seu gozo é para além, um gozo Outro.

Se o gozo é Outro, está no para além do falo, investigar esse lugar de resto que cabe às mulheres torna-se um desafio da clínica da atualidade. A mascarada está mergulhada nos percalços do amor e o masoquista do gozo. Para alcançar seu gozo e endereçá-lo ao corpo, o masoquista constrói uma cena e nela denuncia a condição de alijamento dos seres humanos ao gozo¹⁸⁷. Em consequência, o masoquismo declina-se sobre uma invocação da suplência de uma relação sexual que não existe, segundo formulação de Lacan. *Tudo que elide uma saliência de seus traços como fato perverso basta para desqualificar sua referência de metáfora*¹⁸⁸ - afirmação sobre o verdadeiro masoquista.

Zoé, com seu tom de voz melancólico e seu lugar de sintoma de Norbert, atinge os percalços do amor e em seu cântico de Sereia de Pedra convoca o homem ao encontro passionais. Carmem vive do gozo auto-erótico, seu emblema vocal é a placidez e o

¹⁸⁶ Soler, C. **O que Lacan dizia das mulheres**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro:2005. P.64.

¹⁸⁷ Schermann, E. Z. **O Gozo en-cena: sobre o masoquismo e a mulher**. Escuta: São Paulo, 2003. P. 81.

¹⁸⁸ Lacan, J. **A lógica da fantasia. Resumo do seminário de 1966-67**. in Outros Escritos.Jorge Zahar Editor:Rio de Janeiro,2003. p. 328.

destimbramento, paradoxalmente ordenando como carrasco pelas maldades e atrocidades contra outrem e sendo submissa e submetida à Lei passional. Uma sereia com intensidade longínqua e ordenadora do: Goza - com e no seu corpo!

Zoé mascara-se de Gradiva em nome do amor. Enquanto isso, Carmem apodera-se do seu corpo e goza como uma masoquista. A primeira morre para encontrar a vida enquanto a segunda vive para cavar a morte.

Nestes capítulos fragmentos foram apresentados, especialmente, do discurso de Carmem em que ora surgia-lhe o lugar estrutural de perversa, ora de gozo perverso, ou ainda, pontuais retratos sobre a fantasia, perversa por excelência. Assim, cabe ao percurso de trabalho separar o joio do trigo e aprofundar nesta discussão. Falemos de Theresa.

CAPÍTULO IV- THERESA: A MULHER É (IM)POSSÍVEL?

... Para o sexo a expirar, eu me volto, expirante.
Raiz de minha vida, em ti me enredo e afundo...¹⁸⁹

Carlos Drummond de Andrade

Este segundo caso clínico apresentado no contexto da tese enfocará o tema da identificação feminina e do transformismo tal qual apresentado nas páginas anteriores. Estas duas questões tomam a frente desta apresentação porque foi exatamente aonde o ponto de impasse no diagnóstico diferencial se antecipou. Desenrolemos o tema do transformismo.

A primeira indagação é relativa ao ato de Theresa, ou seja, o fato de mergulhar em infindáveis prazeres ao assumir uma identidade masculina. Fica uma dúvida quanto a este ato, estaria esta analisanda vestindo-se ou transformando-se em homem? Conforme a resposta o percurso assume uma significativa distinção. O travesti, comumente, leva uma vida tranqüila em sua apresentação ao mundo, todavia, ao entrar no cenário sexual veste-se de mulher – a grande maioria é homem - e encena sua fantasia. Embora seja difícil aos olhares atentos diferenciá-lo de uma mulher o travesti não apaga os traços evidentes de sua masculinidade, a evidência fica exclusiva à montagem, nome usual no campo do travestismo para este ato. Quanto ao transformista, ainda sem desmentir seu sexo, como o faz o transexual, opera uma metamorfose de um sexo ao outro diante dos olhos alheios. A este fica absolutamente impossível dizer se estamos perante um homem ou de uma mulher depois de seu teatro particular. As demonstrações públicas são seu ponto de transformação e muitas vezes a forma de subsidiar sua existência. Cabe então um ponto de distanciamento entre estes dois atos, o primeiro conduz sua transformação na esfera privada e sua exibição como mulher ocorre na esfera pública, quanto ao transformista sua transformação e exibição ocorrem na esfera pública. Um segundo ponto é o relativo ao corpo transformado: o primeiro veste-se de mulher, *banca a mulher*¹⁹⁰, enquanto o segundo transfigura-se em

¹⁸⁹ Drummond de Andrade, C. **Amar se aprende amando**. Op. Cit.

¹⁹⁰ Termo utilizado por Stoller para diferenciar o travesti e homossexual do transexual. Stoler. **Sex and Gender**. New York, 1978.

mulher. Todavia fica evidente que tanto um quanto outro gozam com seu órgão, com o pênis o que os diferencia do transexual que sente asco e horror de sua anatomia.

Há ainda um importante apontamento recortado por Catherine Millot¹⁹¹ sobre os travestis. Sua observação é a de que uma de suas características peculiares é o componente do gozo próprio, elemento da excitação sexual induzido pela iniciativa de vestir-se com roupas de mulher, do sexo oposto, assim, o gozo estaria relacionado à presença do olhar do Outro diante da relação da farsa. Desta forma ela delega exclusivamente o lugar do masculino como possibilidade desta perversão.

Dentro desta esfera existe outro tipo clínico importante: o transexual. Dor¹⁹² endereça grande parte de seu estudo em *Estrutura e perversões* à discussão sobre o transexual. Primeiramente levanta uma tênue aproximação entre a clínica da psicose e da perversão nestes casos. Quanto ao transexualismo masculino sua hipótese é rastreada pela subtração que o transexual opera da oscilação Imaginária. Contrariamente aos neuróticos e perversos que permanecem imersos nas conjecturas imaginárias e sintomáticas relativas à identidade sexual, demandando a castração simbólica para salvá-los do tormento fantasmático¹⁹³, ao transexual cabe somente a castração cirúrgica, ou seja, a da obturação do órgão, já que o acesso ao significante fálico e a identidade sexual permanecem ligados exclusivamente à anatomia, o que os aproxima devidamente da psicose. Ainda debruçado nesta tese, Dor defende a idéia de que o transexual é uma verdadeira farsa e pura aparência, sua contínua demanda é a de que sua aparência seja a de mulher, não qualquer uma, sobretudo a mulher ideal, ocupando o que ele nomeia de *posição angelical*, lugar em que se ocupa d'A Mulher capaz de assemelhar-se a um Nome-do-Pai. Assim, o transexual masculino teria um empuxo a mulher, como Lacan designa sobre as psicoses, portanto, a retificação cirúrgica não passaria de uma idéia delirante.

Quanto aos transexuais femininos a tese de Dor repousa na impossibilidade de aceder a dialética do ser fálico, porque evidentemente confunde falo e órgão, significantes da distinção sexual, diferente das histéricas e mesmo das homossexuais. Sua construção é a

¹⁹¹ Catherine Millot, *Horsexe. Essai sur le transsexualisme*, Pris, Point Hors Line, 1983.

¹⁹² Dor, Joël. *Estrutura e perversões*. Porto alegre, Artes Médicas, 1991.

¹⁹³ Idem. P. 173.

de que as transexuais na medida em que cobrem seus seios e inserem próteses mesmo que sem qualquer tipo de implantação, não fazem nada senão *hipostasiar essa reivindicação viril ate suas mais extremas conseqüências, encarnando sobre e no real de seu corpo*¹⁹⁴. Estariam estas muito mais próximas da clinica da perversão, sobretudo pela necessidade fálica do ter do que seus companheiros transexuais masculinos, que ficariam timidamente escalando a lógica do ser.

Feita esta digressão, retornemos ao teatro particular de Theresa. Na parte anterior do texto foi usada a palavra travestismo para traduzir o seu ato. Se estivesse se travestindo ou mesmo se transformando caberia uma discussão sobre o gozo diante do olhar do Outro, especialmente. Pensemos sobre isto. Esta jovem senhora quieta em seu cotidiano com apresentações monossílabas entrava e saía do consultório da analista com a mesma expressão facial, nenhum traço de afeto resplandecia em seus olhos, sequer na face. Tardava para iniciar a associação livre, sempre esperada com bastante paciência . O tom de voz não era alterado enquanto associava, mantinha-se gélido e baixo, os únicos momentos em que qualquer tipo de alteração fonética acontecia eram ao relatar cenas de selvageria sexual e de aproximações com os travestis.

A imagem do travesti a capturava, o corpo masculino, robusto e grotesco vestido delicadamente com adornos femininos a seduzia e produzia a fantasia de completude. Haveria alguém que portaria os dois sexos sem anular sua anatomia- era esta sua fascinação. Permanecia horas admirando os tais homens – mulheres. Frequentava zonas de prostituição e em principio seu prazer estava presentificado nesta contemplação. Eram as unhas, o corte e a amarração das madeixas, os colares e os lábios desenhados por cores fortes. Recuperava ao máximo estes detalhes e quando chegava em casa reproduzia aquilo que contemplara.

O universo da promiscuidade a envolvia de um tanto que seu inconsciente abria-se nos sonhos e devaneios numa apresentação freqüente destas imagens. Relatava seus devaneios e dizia dos sonhos usualmente em cenários de promiscuidade, selvageria e sub-mundo como ela identificava o universo das prostituições. Theresa, contudo, não era

¹⁹⁴ Dor, *ibidem*. P. 181.

exclusivista neste estado encantatório ao mais íntimo da alma, atuava rotineiramente aquilo que se apresentava na fantasia. Recuperemos duas cenas em que este ponto evidencia-se.

Residia próximo de uma estação de trem, tanto para fazer o percurso da análise quanto para ir às compras passava por este lugar e, habitualmente, utilizava o trem como seu veículo de transporte. Certa data, depois de um passeio pela cidade, desceu do trem e fez o caminho de retorno a sua casa, no percurso atravessou uma construção com vários funcionários homens, de onde vieram-lhe muitos elogios e falas obscenas. Um destes homens chamou-lhe demasiada atenção, o que a fez reparar em suas indumentárias. Vestia uma calça branca e por instantes aquela brancura diante da sujeira da construção a envolveu, assim, tomou a decisão de esperar o término do horário do serviço dos homens e passou a persegui o pedreiro pelas ruas afora. Disse em uma de suas sessões de análise que foi exatamente o empuxo pelas calças brancas e mãos grotescas, rudes e machucadas que a colocou em sua direção. Por longos quilômetros o seguiu até ser notada e aderiu a um instigante jogo de sedução. Depois de muito cansaço das andanças pararam em lugar escuro e em ruínas e imediatamente, após cruzarem os olhares, tiveram uma relação sexual, sua única exigência foi que ele não tirasse as tais calças. Embora o lugar fosse isolado e distante isso não impediu o trânsito de pedestres o que não os atrapalhou em nada, escutavam os comentários das pessoas e não se inibiam. Este contato sexual teve um importante relevância para Theresa, visto que foi um dos poucos que teve que conseguiu penetrar nos olhos do par. Após o ato sexual ambos desapareceram calados e sem qualquer êxito de despedida, sobre o homem nada sabe, tampouco lembra-se de seu rosto, ficou com a cristalização da imagem da prostituição e promiscuidade. Sua primeira atitude ao entrar na sua casa foi a de vestir-se com calças brancas e *montar-se* de homem, convocando, ou melhor, obrigando o marido a usar suas roupas, sobretudo peças íntimas e apresentar-se a ela como uma mulher.

Ao dizer desta cena, ocorrida tempos atrás, trabalhou-se a presença das calças tão freqüentes em suas fantasias e atuações. Em alguns momentos ao estudar este caso me ocorreu a lembrança de um filme em que a personagem principal era uma senhora psicótica que fora acusada de alguns assassinatos. Mãe de vários filhos, dócil em sua essência, recebeu toda a ajuda jurídica de uma advogada que a defendeu veementemente e conseguiu

sua absolvição. Após o julgamento a senhora foi ao banheiro e foi capturada por um par de sapatos brancos que lhe chamavam atrás de um dos boxes, imediatamente atacou a pessoa e a estrangulou-a enquanto escuta intermitentemente vozes que a ameaçavam contra seus filhos, e sua certeza é que as vozes eram vindas dos calçados brancos. A surpresa foi que sua vítima era a advogada. Diferente de Theresa a mulher tinha neste objeto uma ameaça a sua existência, construindo um delírio de perseguição. Theresa tomava as calças brancas como um fetiche, tal qual o pequeno Hans tomou as calcinhas da mãe. Relatou que era muito comum os travestis usarem estas calças bem justas, portanto, com uma certa transparência e por baixo calcinhas pretas ou vermelhas, transformando a roupa em véu que cobria e descobria os contornos masculinos e ou femininos.

A segunda cena também carrega um tom sexual em sua essência. Depois de ter sofrido, segundo ela, manipulações sexuais do pai e do irmão, sobretudo do mais velho, sua sede sexual foi intensificada e encontrava-se, usualmente, com garotos e garotas, dentre outros, para jogos sexuais. Não havia tido nenhuma relação sexual até a data de seu casamento, contentava-se somente com os jogos e as brincadeiras. Era, em seu cotidiano, vigiada pelos homens de sua casa o que, em princípio, a induzia a manter-se repleta de mentiras e estratégias de escape doméstico para encontros amorosos e sexuais. Diante do controle excessivo que estava submetida resolveu que deixar-se-ia ser pega pelos algozes, como os chamava. Saiu de casa, durante uma tarde, como de habitual, portanto, arrumou-se *como uma prostituta*. Segundo Theresa estava usando roupas exageradas, decotadas e transparentes, dentre elas uma calça branca transparecendo uma calcinha preta, o que provocou o olhar feroz do pai e a ira do irmão. Recebeu diversos xingamentos e ameaças como já esperado, e mesmo assim deu-lhes as costas e caminhou em direção ao encontro com um garoto muito mais novo- ela tinha em torno de 20 anos e o menino uns trezes. Os dois *esfregaram-se* num muro bem próximo de sua casa e trocaram carícias em plena luz do dia em território público. Como ela havia calculado o pai e irmão lá estavam assistindo ao espetáculo e nada disseram, deste dia em diante não mais se falaram e Theresa teve uma liberdade dentro de casa que nunca havia conquistado antes.

Nestas duas cenas o tema do explícito, do ser olhada e degradada na palavra do outro são elementos presentes e altamente libidinizados. O que provoca um certo espanto àquele que recebe estas cenas, todavia, o que chama mais atenção nestes pequenos

fragmentos, é o posicionamento de Theresa frente às questões do feminino, de como uma mulher pode ser relacionar diante de um homem. A ambivalência da mulher histérica, naquilo que tange sua identidade sexual, está absolutamente calcada na indagação sobre a feminilidade que nunca a abandona, perguntar-se sobre o que quer uma mulher é seu mote diário. Quanto a homossexualidade feminina sua determinação é sua reivindicação viril realizada pela via do desafio e de um certa recusa da castração. Tanto uma quanto outra esforçam-se para demonstrar ao pai o que é um homem autêntico. A primeira, sabendo distinguir muito bem falo de órgão trava um acordo em que é necessário confrontá-los para mostrar que a virilidade pode abster-se do órgão¹⁹⁵. A segunda, tenta demonstrar ao homem como é possível amar uma outra mulher dando-lhe justamente aquilo que não se tem aquela que também não o tem, provando que o homem é incapaz de fazê-lo. Antes de adiantarmos a discussão e investigarmos a presença de Theresa diante das mulheres falemos um pouco mais da condição de sua tentativa de transformação em homem que abraça seu cotidiano.

Tanto o travestismo quanto o transformismo sinaliza para o tema do feminino, como ser transformada em mulher e como um homem olha e deseja uma mulher é o enigma posto nestas construções psicopatológicas. Caillois¹⁹⁶, ao observar os animais que transformam-se de acordo com o ambiente hostil em que encontram-se traduz este ato em um fato e não uma teoria. Estes animais vestem-se de tudo que lhes é proposto, inclusive, dos elementos mais vistosos, o que o autor acredita estar em cena nesta metamorfose é da ordem do distúrbio de percepção de espaço, ou seja, da questão da visão. .

Esta idéia de Caillois porta um elemento fundamental ao caso clínico - o distúrbio de percepção do espectro. Theresa indaga-se e transforma-se, ou melhor, tenta transformar-se tendo como modelo para tanto os travestis, aqueles que ela considera como *mulheres construídas*.

Isto se deve ao fato, especialmente e não, unicamente, por sua questão com a mãe. Investiguêmo-na. Ao nascer Theresa fora abandonada pela mãe e entregue aos cuidados do pai. Embora esta seja a versão oficial de sua estória por vezes acredita que foi o pai quem expulsou sua mãe de casa, em outros tempos defende a idéia de quem ela partiu

¹⁹⁵ Dor, *ibidem*, p. 178.

¹⁹⁶ Caillois, Roger. *idem*, p. 62.

por vontade própria e a preteriu em função da vida promíscua que sempre levou. Desde sua infância até por volta de seus 40 anos essa foi a maior busca de sua vida, encontrar a mãe *perdida*. Procurou-a em rostos vizinhos e nas mulheres que encontrava pelas andanças da vida, embora por ela não foi protegida dos ataques sexuais do pai, tampouco ensinou-lhe nada sobre os homens, menos ainda sobre as mulheres, mas, mesmo assim pela mãe nutria um *amor infinito*. Atribuía a mãe a responsabilidade de não saber como cuidar do filho, afinal, isto deveria ter sido ensinado por aquela que os filhos abandonou. Simultaneamente a culpava pelo afastamento e a exaltava.

Theresa era uma mulher grande em altura tal qual em tamanho, de formas pouco evidentes e jeito e gestos abrutalhados, suas mãos estavam sempre feridas e com unhas serradas, como se seu cotidiano fosse muito cansativo e pesado denotando um certo trabalho braçal. Em disparate a este quadro os cabelos cacheados sempre estavam arrumados e exalavam perfume e reluziam um brilho constante. Regularmente fazia menção a beleza da mãe, absolutamente feminina, de lindas melenas compridas e arrumadas, unhas sempre em ordem e corpo desenhado como uma escultura. Acreditava que esta figura tão encantadora seduzia os homens que dela aproximavam-se habitualmente. Supôs que o pai apaixonara-se pela *imagem escultural* da mãe que ela, Theresa, nunca conseguiu ter. Inclusive uma das poucas coisas que não a agradava era seu peso acima do ideal. Quando encontrou a mãe, já na adolescência, depois de todo este tempo de procura, deparou-se com uma mulher qualquer, não a linda prostituta que ela havia imaginado. O pai contara-lhe estórias sobre a vida promiscua da mãe e da quantidade de homens que a visitava, inclusive era este o futuro que o pai maldizia para Theresa, ser como a mãe. Aquela mulher amada e desejada não era a mesma que caminhava arcada, com cabelos esbranquiçados, sem dentes e interna em um asilo. Visitou-a por poucas vezes e partiu sem nunca mais voltar, preferindo encontrar-se com a imagem que construiu da mãe, este fato ninguém soube que havia acontecido e continuou a procura da mulher idealizada.

Durante sua adolescência era ela quem cuidava dos irmãos e fazia às vezes da mulher da casa, fato que permaneceu até o pai ajuntar-se com uma menina, de idade similar a dela e a colocar para dentro da casa delegando-lhe os cuidados gerais e ordenações

necessárias. Este foi o marco maior de traição que aquele homem poderia oferecer-lhe. Deste dia em diante procurou em outras mulheres fontes possíveis de um enamoramento, isso explica também porque a sede sexual dela nunca havia sido realizada, ela engalfinhava-se com os homens e amava as mulheres. Isto também fica evidente na idade atual, mantém relações sexuais com alguns homens e reporta-se sempre ao amor das mulheres, suas verdadeiras *amigas*.

Lacan, em 1956-57, no seminário livro quatro, dedica grande parte de seu estudo para discutir o caso da jovem homossexual tratada por Freud. A primeira de suas apresentações clínicas é a da construção do sujeito feminino em análise, sujeito convocado pela ambigüidade das relações naturais e simbólicas. Sua indagação perpassa pelo tema da mulher como objeto na dinâmica das relações¹⁹⁷, visto que sua subjetivação ocorre em suas escolhas e compromissos com elas.

Nos capítulos seguintes deste texto o primado do falo é discutido, contudo, cabe aqui ressaltar a diferença entre Lacan e Freud no tema da distinção anatômica entre os sexos. Para Freud a menina entra no Complexo de Édipo no instante em que começa a desejar um filho do pai, como substituto faltoso do órgão, deparando-se com uma inevitável decepção diante desta não realização e sofre um empuxo ao retorno ao momento anterior de sua constituição que é o da identificação ao pai, numa busca pelo questionamento sobre a posição feminina¹⁹⁸. Para tanto, na releitura de Lacan sobre o Édipo a criança atravessa momentos peculiares até o encontro com sua escolha de objeto, a saber: privação, frustração e castração. Este segundo tempo, frustração, portanto, consiste em algo que é privado por alguém que você esperava ter uma resposta à sua demanda. *O objeto da frustração é menos o objeto que o dom*¹⁹⁹, ou seja, o que importa é o pedido de amor e sua realização, o que é pedido é pouco valorado, contudo a importância recai sobre o pedido em si. Na medida em que o pedido é atendido o objeto passa ao segundo plano, o da castração, caso não o seja o *objeto evanesce igualmente*²⁰⁰. Neste tanto sabe-se que a demanda jamais será atendida em sua integridade., o que por conseqüência favorece a aparição do desejo,

¹⁹⁷ Lacan, J. (1956-57). **O seminário: livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro, Zahar, 1995. os. 95-96.

¹⁹⁸ Freud, S. **A organização genital infantil (1923)**. In Obras completas. Rio de Janeiro, Standard Editora, 1989.

¹⁹⁹ Lacan, idem, p. 101.

²⁰⁰ Ibidem. P. 101.

logo, o desejo somente existe diante da falta, caso esta seja inexistente as portas do desejo estarão constantemente fechadas e o sujeito em condição de objeto ficara aprisionado na dialética demanda e necessidade. Sabe-se que é justamente a falta que funda o sujeito, ou perante sua inexistência o outro objetivado será capturado pela demanda alheia.

O tema sobre a escolha de objeto do sujeito é encontrado no âmago do texto freudiano a *Psicogênese de um caso de homossexualidade feminina*. A jovem, abastada financeiramente, inteligente e bela preocupava a família, que procurou Freud, em função de préstimos excessivos concedidos a uma mulher mais velha e que supostamente fazia parte de um mundo a parte, ou seja, tinha a reputação comprometida. Embora uma análise não poderia vir a cabo sob encomenda, como Freud explicou aos pais, ele recebeu a jovem e tentou ajudá-la no manejo de seu sofrimento. Durante toda a sua adolescência não surgira nenhum indicio de homossexualidade, isto fez com que Freud indagasse o por quê da suposta inversão de objeto ocorrer somente na vida adulta. A jovem manteve-se, supostamente, em uma escolha heterossexual, desejando um filho do pai, até o momento em que a mãe revela estar grávida e que um menino nasceria em breve. O acontecimento foi tomado como a mais drástica traição e deste momento em diante devota-se a esta dama. Caminhava, regularmente, com a amada pelas ruas que bordeavam sua casa, finalmente, certa vez, foi surpreendida pelo olhar fulminante do pai, fato este que desencadeou a indagação da dama que ao saber de quem se tratava imediatamente recusou-se a encontra-la novamente. A esta recusa da dama em te-la por perto a jovem respondeu com um salto de intuito fatalício em uma linha de trem, sofreu algumas escoriações, mas safou-se. Após a notícia do filho da mãe é que a inversão foi instalada e a jovem vingava-se de seu pai com os préstimos a dama e ao ser por ela recusada cai em desespero. Afinal frustrada já havia sido num primeiro momento e num segundo o ato simbólico de cair transformou-se em sua resposta a este amor, como quando uma criança cai no ato do nascimento.

Em seus sonhos, produzidos durante o processo analítico, a transferência com Freud apareceu intensamente, sobretudo, em momentos em que esperava na construção onírica por um esposo. Fato que Freud deixou passar desapercibido calculando não existir a possibilidade transferencial, a não ser em seu jogo do engano, reproduzido com Freud e na relação com o pai. Neste tanto encontramos um Freud precipitado em sua interpretação

escutando-se em substituição ao pai, quando de fato a transferência surgia da dinâmica do desejo de enganar. Foi justamente a abertura transferencial que atestou o tratamento, mesmo sendo curto e com poucas conseqüências, como nos alertou Freud.

A forma de amor que a jovem demandava a dama não era uma forma *männliche*, ou seja, máscula e viril, todavia, aproxima-se muito mais de um amor platônico, aquele em que há uma devoção completa ao objeto amado sem nada querer em troca. Um amor sagrado era este endereçado a mulher mais velha, tendo como referencia a servidão. O ponto central nesta forma amorosa não dispensa apenas a satisfação, mas, especificamente a não-satisfação, assim, sua premissa era a *da instituição da falta na relação com o objeto*²⁰¹.

Logo, na elaboração deste amor platônico o que a jovem homossexual desejava estava muito além da mulher amada, devota e apegada ao seu próprio aniquilamento, estava totalmente imersa em sua sexualidade em resposta ao encontro com o pai. Esta forma de amor é usual em experiências amorosas masculinas. A jovem, assim, deseja na mulher amada exatamente aquilo que lhe falta, aquilo que supostamente encontraria na criança em substituição ao falo, recuperável nesta presença do amor cortês. Amando deste jeito responde à traição do pai identificando-se a ele na forma de amar uma mulher e debruçando-se sobre os créditos maiores que os dele de amar e dar o que não se têm.

Mas para que convocar a presença da jovem homossexual em questionamento com o processo identificatório de Theresa?

Esta jovem, uma senhora, portanto, após o encontro com a mãe em suas procuras constantes aproximou-se intensamente de uma senhora que ela chamava de dama. Foram dois seus grandes encontros. O primeiro no início da adolescência, em que a presença de uma mulher fazia-lhe necessidade e apaixonamento, evitando seus contatos com homens, amava esta senhora e num outro momento, mesmo diante de vários encontros sexuais com homens escolheu uma senhora para recorrer e acompanhá-la durante seus momentos de liberdade. A sogra foi tomada como suposta substituição à primeira mulher da série perdida -a mãe.

²⁰¹ Lacan, idem. P 109.

A dama amiga da adolescência logo fora eleita no momento exato em que soube da predileção do pai por meninas novas e por sentir-se por ele preterida. Feito isto Theresa tomou as escolhas amorosas e sexuais do pai como uma traição, primeiro porque estava realizando contatos sexuais com uma garota, o que não havia acontecido com ela, ficava somente em carícias, segundo quando coloca a tal menina dentro de casa e entrega-lhe os filhos e a casa aos cuidados, portanto, a menina afrontava Theresa em sua fantasia, que escutou sua presença como tomando seu lugar de esposa-amante do pai.

Theresa diante desta traição decidiu por dois caminhos: ter as mulheres como amadas e prostituir-se com diversos homens. Aventurou-se sexualmente com homens diferentes e sem qualquer tipo de cuidado com sua integridade física, todavia, sua eterna devoção ficaria a cargo das mulheres, *amigas que tudo sabiam e tudo diziam* de suas vidas. A primeira delas inclusive relatava-lhe suas aventuras sexuais com diversos homens, era provavelmente, segundo o discurso de Theresa, *uma mulher da vida*. O mais interessante neste caso é que aquilo que neste primeiro tempo escutava das peripécias sexuais ela atuou depois de perder esta dama da adolescência. A segunda amiga era a sogra e por ela não se separava do marido, era sua cuidadora, confidente e presença fiel e constante, o que provocava ciúmes tanto no marido quanto no filho, este último figura absolutamente negligenciada por ela.

A terceira mulher, *amiga* da série foi uma busca presente no processo analítico. A analista foi quem, certamente para Theresa poderia fazer parte desta cadeia de deslocamentos. As demais a abandonaram, todavia ao não ter a analista como sua amiga tal qual seu amor demandava foi sua vez de abandonar partiu da análise e não mais retornou. Contrariamente à jovem homossexual sua identificação versa sobre a figura feminina, tendo como número um da cadeia a mãe, seu constante enigma.

É comum nas relações homossexuais ocorrer a convocação de um terceiro masculino investido de emblemas fálicos, tal qual foi lido com a jovem de Freud. A demanda incessante por um homem para justamente mostrar-lhe o que a ele falta como amante de um mulher demarca a essência da feminilidade que deixa em questão a existência da perversão feminina.

O tema da feminilidade, especialmente discutido por Aulagnier²⁰², esboça um reconhecimento necessário diante de um outro, ou seja, é justamente um homem que poderá dizer da feminilidade de uma mulher. Deste tanto, o pênis, tal qual a feminilidade seriam os objetos invejáveis a todo ser humano, e em relação as mulheres a feminilidade seria o ponto de rivalidade entre elas. No caso particular da homossexual a inveja da feminilidade seria um deslocamento de sua inveja de pênis. Assim, com Theresa chegamos a conclusão que seu adorno de insígnias masculinas não está presente nem numa transformação travestista, tampouco transexual, sua modificação se faz numa tentativa de tornar-se o significante dessas insígnias, numa frustração do amor com a mãe e encontro possível com o pai. Propondo-se como objeto capaz de preencher a falta da outra, Theresa busca reatar-se com seus primeiros amores reencontrando inconsciente nas suas damas a mãe faltante e obturada de sua vida. Embora vestida do objeto dessa falta, o que ela não tem, é com isto que presenteia o outro feminino.

Por um lado ama uma mulher, por outro se entrega sexualmente aos homens, oferece às mulheres aquilo que nem ela nem as outras têm, mas desejam, por um lado, por outro fetichiza-se e faz-se de objeto para diversos homens a partir de sua fantasia de prostituição, masoquista por excelência . Eis Theresa em sua (im) possibilidade feminina.

²⁰² Aulagnier, Piera. **Observações sobre a feminilidade e suas transformações**. In O desejo e a perversão. Jean Clavrel (org). Campinas: Papyrus, 1990.

CAPÍTULO V - THERESA E WANDA CONFRONTADAS

*Acabarei aqui, mas as mulheres não tem os
Mesmos sentimentos, ao contrario; você encontrara
Mil almas diferentes; para conquista-las, empregue mil meios.
Assim como a mesma terra não oferece todos os produtos:
Essa é boa para a vinha, aquela para a oliveira;
Esta aqui oferece com abundancia verdes colheitas.*
Ovídio

Theresa tomava os homens como pares necessários para suas peripécias sexuais e para sua realização e questionamento como mulher enquanto Wanda, a Vênus das Peles, servia-se de seu amado como um criado de pronto atendimento.

Sacher Masoch em seu texto²⁰³ apresenta-nos uma mulher fria, de poucas palavras e repleta de atos de humilhação e crueldade. Seu eterno servo, Grégor - Séverin, ajoelha-se aos seus anseios e presta-lhes todos os préstimos e realizações desejantes. Invariavelmente surge para a amada para ser criticado, seja pela roupa, pela forma de andar ou mesmo de servi-la para que por ela seja punido e esquartejado. A sua madame o pune regularmente e, mais ainda, satisfaz sua fantasia convidando algumas outras mulheres para machucá-lo e realizar-lhe as vontades sexuais, já que ela não poderia tocá-lo. Após várias chicoteadas e escoriações Wanda deixa sua montagem das peles e entrega-se ao amor e ao sexo de Séverin. O par Wanda e Séverin sustenta um pacto sexual em que ele veste-se de seu criado Grégor e entrega-se às suas sevícias, submetendo-se , inclusive, aos seus encontros com outros homens, desde que ela não se entregue, tampouco beije os demais. A madame o convoca como servo diante, sobretudo, de outros e na calada do quarto ela abandona seu disfarce de Vênus e ele de Grégor e entregam-se ao mais trivial sexo. Durante o roteiro dos disfarces, das atrocidades sexuais, é preciso que ela seja a Madame e a insaciável Vênus das Peles. Inclusive umas de suas maiores peripécias sexuais foi violar o contrato entre ambos, ali estava escrito e assinado pelos dois a impossibilidade de que Wanda entregasse Séverin às crueldades de seus amantes, pacto não cumprido por ela, ela o

²⁰³ Sacher Masoch, Léopold e Guido Crepax. **A Vênus das Peles**. Coleção Opera Erótica. São Paulo: Martins Fontes: 1988.

veste de mulher e entrega seu corpo ao Barão que o penetra e chicoteia ferozmente. Segundo a Vênus seu ato foi exclusivista para revelar seu amor pelo marido.

Embora aqui nos deparamos com uma Wanda repleta de sevícias e crueldade, sádica em sua atuação sexual, encontramos seu par masoquista, Grégor - Séverin, submetido aos seus desejos. Todavia a pergunta que instiga o leitor é justamente saber quem no par é o real amo. Supostamente Grégor coloca-se na condição de escravo, aridamente penetrado, chicoteado e entregue às maldades da amada, por outro lado sua servidão não presta obediência à Vênus, explicitamente seu desejo é seu mestre, Wanda é tomada como coadjuvante, quiçá como objeto necessário para fazer jus às cláusulas sexuais contratuais e às suas transgressões. Ou seja, Wanda, vestida de Vênus das Peles, realiza as fantasias sexuais do marido Séverin, colocando-se como seu sintoma. Embora numa primeira tomada desta cena a mulher surja como protagonista, a vemos mergulhada no sintoma do homem, como antagonista da montagem por ele instituída.

Vale fazer uma pequena digressão e trazer as vestimentas de Wanda ao cenário. Sua marca registrada na montagem é a pele que lhe recobre os ombros e o sexo, tomando a função de um objeto fetiche, como um véu, que simultaneamente, vela e desvela a castração.

Theresa, portanto, utiliza-se das calças brancas em suas montagens sexuais. Contrariamente a Wanda não precisa responder ao desejo de um homem, seja o marido, o pai, o filho ou o irmão, sua resposta é completamente envolvida pelo seu particular questionamento desejante que a toma como serva e senhora de si mesma. Embora ambas realizem fantasias, a primeira, Wanda, faz pelo amor por Séverin, enquanto que Theresa, a segunda, faz pelo amor as mulheres. Ambas fazem por amor deixando o sexo como meio para a realização de um fim de suas atitudes. O contrato da Vênus é com o marido enquanto o de Theresa é com as mulheres que sempre clama, seja a mãe, as damas, a sogra e a própria analista. Com Theresa não cabe discutir se seus encontros obtêm o estatuto de homossexuais ou não, esta discussão embasaria uma simples discussão preconceituosa sobre o tema da homossexualidade como perversão ou não, o que transformaria este texto em palavras sem sustentação e fragilizadas diante de brilhantes argumentos de outros autores sobre o tema. A idéia é investigar a aparição de Theresa diante das montagens

sexuais, com ou sem ato sexual, montagens repletas de perversidade e, simultaneamente, de apaixonamento.

Falemos da montagem da Vênus das Peles. Na introdução do livro de Deleuze²⁰⁴ uma apresentação de Sacher Masoch é feita de forma absolutamente contundente. Sua primeira mulher, que tomou o nome da heroína da Vênus, Wanda, escreve um livro sob o título de *Confissões de minha vida*, em que relata sua condição altamente inocente diante do masoquismo de Sacher que pretendia nela um sadismo inexistente. Embora tenha sido o nome de Wanda emprestado a Vênus, livro muito bem sucedido, foi justamente sua aventura sexual com Fanny von Pistor que inspirou sua criação literária.

O homem, neste texto aparece efeminado e disfarçado na figura de Grégor ou do Grego como apresenta-nos Deleuze. O antagonista masoquista toma a cena principal do romance e revela-se como um sádico vencedor ao final do texto, visto que é Wanda que está submetida às suas agruras e necessita obedecê-lo. Seu mais ardente gosto era o de prostituir a mulher. Wanda conta em seu romance que Sacher a incitava na constante procura de amantes, assim como em responder aos anúncios de promiscuidade e prostituição por dinheiro. Esbaldava-se com o fato de poder conjugar na doce mulher, dedicada e honesta, volúpias que geralmente os homens procuravam nas libertinas. Um contrato privado proporcionava a manutenção deste par sexual, seriam necessários castigos, amarrações, humilhações, disfarces, chicotes, além de um acúmulo de fetiches para incitar o ardente desejo em Masoch – Séverin – Grégor.

O famoso escritor no início de sua carreira acadêmica, como professor de história foi, inclusive, tomado como moralista severo pela ausência de erotismo em seus romances folclóricos e históricos. Contudo, sua escrita foi verdadeiramente banhada pela linguagem folclórica, política, mística e erótica, sendo assim, o nacional e o perverso ligavam-se intrinsecamente num verdadeiro *balé* regado às chicoteadas. Masoch consegue de maneira peculiar dessexualizar o amor e sexualizar toda a história da humanidade.

²⁰⁴ Deleuze. **Sade e Masoch**. No original. **Présentation de Sacher- Masoch**. Cadernos peninsulares. Nova Série. Ensaio 4. S-d.

Logo, com esta pequena epigrafe relativa à escrita Sacher-masquiana, produz-se um afastamento de Wanda como heroína e uma aproximação de Grégor como o personagem principal.

No seminário sobre as identificações Lacan trabalha uma idéia do gozo masoquista que vale a pena ser recuperada. Diz ele que em relação ao gozo masculino o que importa não é tanto o quanto o masoquista suporta o seu sofrimento corporal, isto se torna secundário diante da anulação propriamente dita do sujeito na medida em que ele torna-se puro objeto. Ou seja, o sujeito masoquista, tal qual Grégor, se forja a sei mesmo, como *um objeto de uma transação comercial ou, mais exatamente, de uma venda entre os dois outros que o transferem para um bem*²⁰⁵. O mais surpreendente é que este bem não obtém seu valor de fetiche porque se trata de um bem vil que não precisaria ser preservado em hipótese alguma.

Retomemos o caso clínico. Despida das peles, mas, demandando calças brancas em seus encontros sexuais, Theresa não está submetida aos homens para suas realizações sexuais e amorosas, sua incidência versa integralmente sobre a figura e imago da mulher. Esta toma o cenário de protagonista dos desejos de Theresa e de seu amor, diferente de Sacher, seu texto é altamente sexualizado na presença do amor pela mulher.

Certa vez, Theresa não compareceu a sessão, contudo, tomou o cuidado de passar pelo consultório e deixar um bilhete por debaixo da porta em que justificava sua ausência e assinava T. A assinatura me chamou muita atenção e no seu posterior retorno à sessão questioneei-a sobre a forma de assinar seu nome. Foi quando em um lampejo surgiu um lapso de linguagem - esta era a letra que assinava cartas nas suas revelações amorosas- casualmente a mesma inicial do meu nome, o que até então ela não havia se atido.

Lacan, no seminário de 1961 e 1962²⁰⁶, na lição de 10 de janeiro de 1962, trabalha a função do nome próprio. Ao trazer este tema para uma discussão com o conceito saussuriano dirá que a letra por ela mesma só terá sentido se ela se apoiar numa emissão

²⁰⁵ Lacan, Jacques. **A identificação: seminário de 1961-62**. Publicação para Circulação Interna no Centro de Estudos Freudianos do Recife. Recife, outubro de 2003, p. 231,.

²⁰⁶ Lacan, Jacques. **A identificação**. Seminário de 1961-62. Publicação para circulação Interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife. Recife, outubro de 2003.

vocálica²⁰⁷. Contrariamente ao nome, o próprio por excelência, demarca o enraizamento do sujeito, funciona com um traço intraduzível em diversos idiomas, deixando de lado sua fonematização ou mesmo respondendo a estruturação da linguagem²⁰⁸.

A escrita de Theresa marca uma dessubjetivacao que indaga o leitor perdendo seu lugar de significante: simplesmente um T. que pode ser qualquer coisa, menos seu nome próprio, tampouco designar seu desejo, uma letra solta e fechada por um ponto final.

²⁰⁷ Idem. P. 96.

²⁰⁸ Idem. P. 101.

PARTE II - A TEORIA



CAPÍTULO VI - UMA POLISSEMIA DO USO DO TERMO PERVERSÃO

A gata e a Afrodite

Uma gata que se apaixonara por um fino rapaz pediu a Afrodite para transforma-la em mulher. Comovida por tal paixão, a deusa transformou o animal numa bela jovem. O rapaz a viu, apaixonou-se por ela e a desposou. Para ver se a gata havia se transformado completamente em mulher Afrodite colocou um camundongo no quarto nupcial. Esquecendo onde estava, a bela criatura foi logo saltando do leito e pôs-se a correr atrás do ratinho para comê-lo. Indignada, a deusa fê-la voltar ao que era.

O perverso pode mudar de aparência, mas não de hábitos²⁰⁹.

Saramago, em seu livro *A bagagem do viajante*²¹⁰, traz à tona a noção da palavra fábula para o interior de seu debate:

Segundo os dicionários, fábula é uma ‘pequena composição de forma poética ou prosaica, em que narra um facto alegórico, cuja verdade moral se esconde sob o véu da ficção, e na qual se fazem intervir as pessoas, os animais, e mesmo as coisas inanimadas’²¹¹ ...

Escutamos com Saramago que esta fábula de Esopo convoca o leitor a um endereçamento moral e, sobretudo, maledicente do conceito de perversão. E este juízo que acompanha o senso comum e que invade das escutas dos telejornais aos cientistas políticos. O conceito de perversão está balizado pelas influências morais e cristãs que acometeram, especialmente, a Idade Média. Como já apresentado, o conceito sofreu algumas metamorfoses ao longo do iluminismo, contudo, foi a psicanálise, em particular, que alterou o valor de seu estatuto moral e religioso, quiçá sexual.

²⁰⁹ Esopo. *Fabulas de Esopo*. Tradução de Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre, L&PM, 1997, p. 9.

²¹⁰ Saramago, José. *A bagagem do viajante*: crônicas. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. José Geraldo Couto na contra-capta desta edição de Saramago comenta sobre a surpresa que o leitor terá ao receber um autor de relato breve e de expressão concisa, diferente daquele famoso pelos romances em prosa. E assim que seu texto de crônicas é formado. Sua maior contribuição nesta viagem pelos temas da vida é sobre *as armadilhas da linguagem*. E sobre estas que esta tese está sendo ancorada.

²¹¹ Idem: 1996:p. 93.

Neste véu de ficção cabe separar o joio do trigo e discutir no âmago deste conceito aparições distintas para seu debate. Assim, quatro categorias foram elencadas para servir de direção metodológica para o debate sobre o tema da perversão, a saber: como estrutura clínica; como montagem narcísica ou forma de laço social, como maneira de gozo e como traço de fantasia.

Nas embarcações teóricas escuta-se o tema tomado por estes prismas. Todavia, não fica evidente a forma de uso que os autores adotam ao navegar nos mares abertos da perversão. Optou-se em fazer esta divisão didática para que as ondas que arrebatam nos mais longínquos oceanos sejam possibilidades de encontro com a terra e não seu naufrágio.

Didaticamente as categorias serão discutidas e, posteriormente, apresentadas em relativização com a clínica tratada e representada neste texto por Carmem e Theresa.

1- Esqueleto arquitetônico: o encontro com a estrutura

Nas artes, especialmente, na arquitetura²¹², para qualquer *croqui* é fundamental que os primeiros rabiscos demarquem na folha em branco um traço que jamais será apagado. As primeiras marcas desenham a estrutura daquela idéia, seja uma casa ou um prédio, e essencialmente, um contorno mínimo em cima do qual os adornos serão projetados virá a posteriori. Feito o esboço o adereço toma a cena. O perspicaz arquiteto contorna com precisão as paredes, recheando-as de criação e de anseios e vontades. Cabe ressaltar que o recheio é o que comumente salta às vistas do proprietário do imóvel ou mesmo do admirador desta arte, contudo, sem a marca inicial o projeto nunca deixará seu estatuto de desenho na folha em branco.

Neste tanto, a estrutura da idéia é o que conduz o trabalho e as demais produções. Reportemo-nos aos primórdios da psicanálise para tratar deste tema. Freud recebia em seu divã candidatos à análise que pronunciavam dores e desprazeres através de sintomas que em sua grande maioria apareciam incrustados em seus corpos. Traziam discursivamente cenas repletas de detalhes na ânsia de descobrir o motivo de seus incômodos e maus estares que tomavam o contexto analítico. Inclusive foi com Freud que

²¹² Tomo a arquitetura como uma arte e não como uma ciência exata no sentido de sua constante criação e construção de bordas e recheios para suas edificações.

aprendemos a importância de escutar uma cena lembrada pelo analisante, da mesma forma que um relato de sonho. Muitas das vezes recuou diante de oferecer um diagnóstico aos seus analisantes. Todavia, deixou marcas em seus textos e em sua própria condução da direção da cura que careciam de uma discussão mais universal dos diagnósticos²¹³.

Foi com Lacan em seu retorno a Freud que este tema foi valorizado e a idéia de estrutura clínica tomou a forma de seus primeiros ensinamentos. Sua grande influência, além da própria psicanálise freudiana, adviu de ensinamentos sobre a lingüística de Ferdinand de Saussure, assim como da antropologia de Claude Lévi-Strauss. Os textos desses autores que serviram de ancoragem para Lacan foram O Curso de Lingüística Geral²¹⁴ do primeiro e Estruturas Elementares de parentesco²¹⁵ do segundo. Sendo que ao ler Lévi-Strauss sua maior influência foi a de Jakobson, autor que atravessou todo o texto do antropólogo.

Com Saussure discutiu o conceito de signo lingüístico e, sorrateiramente, des-construiu seu uso vigente e inverteu sua fórmula de aparição. Tomou o signo sob a ótica da primazia do significante ao significado. Para ele a espacialidade da imagem acústica, portanto, singular, tomava a frente dos desfiles subjetivos ao invés de seu caráter universal e globalizante.

O modelo estrutural seguiu Lacan até em torno dos anos 70, lugar que foi substituído pela lógica e teoria dos matemas. Nestes anos a noção de objeto toma seu ensinamento e conduz uma retomada do estatuto do significante, descentralizado da cilada do imaginário.

Desde sua tese de 32²¹⁶, sua preocupação era escapar de uma nosografia médica, mas, contrariamente, enfrentar uma direção da cura que fosse ao mesmo tempo particular para aquele caso e obedecendo à estrutura mínima comum a alguns sujeitos, logo, universal em sua essência. Assim o recheio seria escutado, mas o traço da marca do caso deveria ser construído a partir de um diagnóstico diferencial sob efeito transferencial.

²¹³ Sousa, Edson L. A. **Freud**. Coleção Para saber mais. Super Interessante. São Paulo: editora Abril: 2005.

²¹⁴ Saussure, Ferdinand. **Curso de Lingüística geral**. São Paulo: Cultrix: 1975.

²¹⁵ Lévi-Strauss, C. **Estruturas elementares de parentesco**. Petrópolis: Petrópolis: Vozes: 1982.

²¹⁶ Lacan, Jacques. **Da psicose paranóica e sua relação com a personalidade**. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1987.

Contudo, depositou toda sua tese naquilo que chamou de estruturas clínicas, fundamentado em seu aforismo do *inconsciente estruturado como uma linguagem*. São as estruturas três, designadas como: neurose, psicose e perversão.

Vale ressaltar que o modelo estruturalista lacaniano não era centralizado e formatado, imutável como o tom dos considerados estruturalistas daquele tempo, tais como Barthes, Sartre, Dumézil²¹⁷. Seu estruturalismo tinha um tom particular, o auxiliando na passagem do conceito de língua para o de sujeito, ponto desrespeitado pelos demais. Há alguns pensadores que ainda desconfiam da verossimilhança do chamado estruturalismo lacaniano.

Analogicamente consideremos o modelo da engenharia e o da arquitetura. O engenheiro preocupa-se com a radicalidade de seu modelo, faz e refaz os cálculos chamados estruturais e seu apego está na estrutura. Inversamente, o arquiteto, embora partindo de um traço inicial, preocupa-se e debruça-se sobre os entornos, sobre a arte. Podemos dizer que o estruturalismo está para a engenharia assim como o Lacan-estruturalista está para a arquitetura. Este precisa da estrutura, mas não será ela que guiará, exclusivamente, seu trabalho.

Retomando o conceito de estrutura lacaniana, enfrentemos o que ele chama de sua teoria das perversões. Para tanto podemos caracterizar dois momentos distintos de sua elaboração teórica. O primeiro, datando de antes dos anos 60 e, o segundo, a partir dele. Peixoto Junior (1999)²¹⁸ atribuiu ao primeiro momento do estudo das perversões em Lacan a eclosão dos conceitos de identificação e complexo de Édipo, lugar em que o termo renegação balizaria as sexualidades perversas.

Coube, todavia, ao segundo momento de seu ensino sobre as perversões os conceitos de gozo e de discurso, apontando para uma discussão um pouco mais abrangente e diria, aberta, endereçando ao tema da perversão social. Inclusive é sobre esta tese que Peixoto Junior enfatiza seu trabalho.

²¹⁷ Estruturalistas dos anos 50, denominada época épica segundo François Dosse. Dosse, François. *Historia do Estruturalismo. I- O campo do signo, 1945-1966*. São Paulo, Ensaio, Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

²¹⁸ Peixoto Junior, Carlos Augusto. *Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Rio de Janeiro, civilização Brasileira, 1999. p. 166.

Tomemos o paradigma da perversão tratado por Freud e sinalizado por Lacan em tempos de seu seminário datado de 1956-1957: a relação de objeto: livro 4²¹⁹. Emparelha o fetiche a função de um véu, de uma cortina:

O véu, a cortina diante de alguma coisa, ainda e o que melhor permite ilustrar a situação fundamental do amor. Pode-se dizer que com a presença da cortina, aquilo que está mais além, como falta, tende a realizar como imagem. Sobre o véu pinta-se a ausência. Isso não é mais que a função de uma cortina qualquer. A cortina assume seu valor, seu ser e sua consistência justamente por ser aquilo sobre o que se projeta e se imagina a ausência. A cortina é, se podemos dizê-lo, o ídolo da ausência. ²²⁰ ...

Apreendamos esta citação de Lacan. Nos países orientais, especialmente aqueles que mantêm a mulher no lugar de submissão e, simultaneamente de fascinação, é habitualmente evidenciado o encantamento pelas danças típicas. Encontra-se esta representatividade no Oriente Médio e em suas danças, dentre elas a do ventre. Nesta as mulheres fantasiam-se e dançam com coberturas que são compostas de tecidos tão transparentes que tem a mesma função de velar e de desvelar seus movimentos, assim como demarcar e encobrir o contorno de seus corpos. O mistério dos movimentos é justamente a presença reconhecida pelo véu. Logo, a função do fetiche, analogicamente trazida por Lacan é exatamente a função da *Verleugnung* freudiano: de velar e desvelar a castração. Simultaneamente, o objeto fetiche funciona como uma proteção contra a castração e garantia contra ela.

Freud ensina que o objeto fetiche é escolhido instantes antes da cena angustiante, ou seja, a do enfrentamento da castração. *A rememoração da história se detém e se suspende num momento imediatamente anterior*²²¹. Há uma escolha objetual que toma o lugar da distinção entre os sexos e da retificação de sua diferença. O fetiche é imagem, projetada por excelência, assim estando no ínterim entre a história em sua continuidade e

²¹⁹ Lacan J. **O seminário: livro 4: a relação de objeto**. 1956-957. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995. p.153-424.

²²⁰ idem. P. 157.

²²¹ Idem. P. 160

em sua interrupção²²². A criança assume, então, uma posição fálica diante da mãe, expulsando qualquer presença de intrusão nesta relação. Relação triangular, composta por mãe, criança e falo. O pai entraria na relação para suprimir a falta de objeto do desejo da mãe, questão completamente renegada pela criança diante de uma escolha perversa. A criança identifica-se com este objeto e coloca um fetiche em seu lugar.

É particularmente neste texto que Lacan separa o conceito de perversão polimorfa infantil freudiano da perversão estrutural propriamente dita. Na primeira estariam presentes pulsões primitivas, não elaboradas, enquanto que, na segunda o sujeito teria que se haver com um enfrentamento edípico.

Freud em O fetiche²²³ adverte que o fetiche é o símbolo de alguma coisa, certamente o pênis. Todavia, não se trata de qualquer pênis, justamente é. *O pênis real, é o pênis em que a mulher o tem- isto é, na medida em que ela não o tem*²²⁴. O pênis que falta é aquele da mulher, a função do fetiche é revelá-lo e escamoteá-lo através deste véu, desta cortina que é o objeto fetiche.

Neste tanto, na retomada das concepções freudo-lacanianas do fetiche é que se sublinha o tema da castração, da angústia diante dela e das identificações presentes diante deste embate subjetivo.

Certa vez, durante uma supervisão de caso, um analista²²⁵ trouxe um exemplo de sua clínica de uma analisando perverso que se angustiou diante da perda de seu fetiche. O sujeito em questão procurou análise com a queixa que perdera a mulher que era sua realização sexual. Relatou que seu fetiche era calçá-la com pares distintos de sapato, sendo um de salto muito alto e outro sem salto sequer. Ela desfilava mancando pelos corredores de seu apartamento francês. Eis sua realização sexual. A investigação analítica reportou o analisando as cenas infantis no momento exato em que a mãe quebrou a perna e ficou impossibilitada de andar por certo tempo. Uma de suas pernas em função do gesso

²²² idem, p. 160.

²²³ Freud, s. **O fetiche**. 1927. op. Cit.

²²⁴ Lacan, J. ibidem. P. 154.

²²⁵ Trata-se aqui de um exemplo contado por Jean Jacques Rassial em supervisão clínica no estágio de psicoterapia psicanalítica da Universidade Estadual de Campinas em 2002.

mantinha-se rija e a outra não, logo, a conseqüência de seus passos era o mancar ao andar. Lembrou-se que era uma mulher muito controladora e, simultaneamente, recatada. Ao urinar entrava no banheiro e deixava a porta entreaberta para controlar as traquinagens do filho, olhava pela fresta da porta. O menino enxergava uma perna dura, rija saindo de seu quadril ao sentar-se no vaso sanitário. Por meio da expiação, da mãe e do filho um jogo construído e o fetiche instalado na possibilidade de presentificar o falo materno e, concomitantemente, negá-lo.

Esta mesma tese surge enfaticamente nos Escritos de Lacan, no texto Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina de 1960²²⁶ em que diz claramente que o motivo imaginário para a construção de um objeto fetiche é o desejo de preservar um falo que é aquele que interessou ao sujeito na mãe.

No volteio do tema da estrutura, no mesmo seminário citado linhas atrás, Lacan traduz a idéia deste tema na óptica estrutural e não exclusivamente no objeto fetichista, que inclusive, pode pertencer a um neurótico. Diz ele:

A estrutura, aqui está ela na relação entre o mais-além e o véu. Sobre o véu pode se estampar, isto é, instaurar como captura imaginária e lugar do desejo, a relação a um mais-além, que é fundamental em toda instauração da relação simbólica. Trata-se aqui na descida ao plano imaginário do ritmo ternário sujeito-objeto-mais além, fundamentalmente da relação simbólica. Em outras palavras, na função do véu, trata-se da projeção da posição intermediária do objeto²²⁷.

Tratando-se da estrutura, o que Lacan constrói de novidade é o mais-além na relação com o véu. Ao discutir o tema da perversão não denota, exclusivamente, o objeto fetiche, tampouco oferece evidência primeira ao véu, é o lugar em que o sujeito está atravessado pelo véu e sua relação com o objeto que demarca o campo da estrutura. A perversão, propriamente dita, encontra-se no além, mais que o véu.

²²⁶ Lacan, J. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998. p. 734-745.

²²⁷ Lacan, **seminário livro 4** . p. 159.

Esta imagem construída destrói a primazia do véu enquanto cobertura e desvelamento. Obtiremos as danças orientais novamente, o objeto fetiche não está representado pelo véu, ele é emoldurado pelo mais além, ou seja, pela fantasia que é depositada na figura do véu.

O fetiche sendo tomado como paradigma da perversão desde Freud invalidaria sua aparição na mulher segundo a tese lacaniana. Sua fala no seminário sobre a relação de objeto é: *O fetichismo é excessivamente raro na mulher, no sentido próprio e individualizado em que ele se encarna num objeto que podemos considerar como respondendo, de uma maneira simbólica, ao falo como ausente*²²⁸.

Resumidamente, estas idéias acima estão centradas em torno do modelo estrutural do fetiche remetendo o leitor, inevitavelmente, para as teorias que ressaltam as origens das identificações perversas para o primeiro tempo do Édipo lacaniano e suas relações com o falo materno. Sobre o Édipo lacaniano pode-se dizer que se afasta do modelo freudiano pelo segundo estar depositado, essencialmente, no drama em sua essência. Quanto ao primeiro modelo coube a Lacan dividi-lo em três tempos, a saber: a criança como desejo de desejo da mãe; a partir da intrusão do pai entre a mãe e a criança a abertura para a questão de ser ou não ser o falo e, a dialética do ter, respectivamente. Lacan, discutindo as teses de Lévi-Strauss trabalha a idéia de que a cultura é necessariamente hom(em) sexual, sendo que as alianças culturais são feitas entre filho-mãe, enquanto que o antropólogo francês acredita que estas alianças sejam sedimentadas no par irmão-irmã²²⁹.

Fazendo uma pequena digressão esbarremos na teoria do Édipo lacaniano. A partir do Estádio do Espelho²³⁰, tempo particular em que a criança conquista a imagem de seu próprio corpo, antes esfacelado, insuficiente por excelência, surge a possibilidade, a partir desta fase identificatória, de um esboço de um sujeito²³¹. É este que, no primeiro

²²⁸ Lacan, J. **O seminário: livro 4: a relação de objeto. 1956-1957**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 156-57.

²²⁹ Marini, M. Verbete de psicanálise sobre o complexo de Édipo. In dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan. Editado por Pierre Kaufmann. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996. ps. 135-142.

²³⁰ Lacan, Jacques. **O estágio do espelho como formador da função do eu**. (1949). In Escritos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor: 1998.

²³¹ Dor, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas: 1989.

momento do Édipo encontra-se numa relação quase fusional com a mãe, supondo-se objeto de seu desejo. Lacan, no seminário 5, define a criança neste tempo, como um sujeito²³², visto que sente-se e experimenta-se como assujeitada ao desejo do outro, ou seja, daquele de quem depende, sobretudo nas suas realizações de necessidade e de demanda. Neste tempo a mãe é a potência da satisfação da criança²³³, tanto maior é o assujeitamento do infans a ela.

Por um lado a criança, então, aprisionada ao desejo materno, baseia-se na ilusão de que é o falo materno, por outro, a mulher quando encontra esta satisfação na criança, encontra ali sua necessidade de falo, algo que a satura²³⁴. Ou seja, a criança só ocupará este lugar para a mulher, de substituto, quando a mulher estiver diante daquilo que lhe falta. Esta é uma ilusão de dualidade. Para a criança tudo acontece, neste tempo, como se nada existisse além da mãe. Esta enquanto função que lhe ofereceu os cuidados básicos contornando-lhe o corpo com seu dito e respondendo-lhe às demandas.

Imediatamente após a entrada de um terceiro, que não o falo, nesta relação quase fusional, a saber, o pai, tanto a criança é interdita e frustrada quanto a mãe é privada de seu regozijo. O pai é o representante desta lei que interdita, frustra e priva. Neste ínterim, em que há o vacilo da certeza de ser o falo para a mãe, a criança mergulha no chamado segundo tempo do Édipo em que a dialética ser ou não ser o falo invade seu sujeito. Aqui se pode construir a idéia de sujeito do desejo, visto que é com estes elementos de barra ao gozo que a criança pode ser posta a desejar.

O pai é tido, em sua máxima função, como castrador. A criança é castrada em sua determinação de ser o falo. Assim, a partir da potencialidade da fala da mãe, da autorização que ela oferta da entrada do terceiro interditor a criança é obrigada a reconhecer a palavra do pai, a qual a mãe também está submetida. Logo, a incidência da castração depende, inteiramente, de sua... *incidência enquanto falta no Outro materno*²³⁵. Lacan, inclusive ressalta que quem é castrado é a mãe e não o sujeito. Tem-se uma dupla

²³² Lacan, Jacques. O seminário: livro 5: **As formações do inconsciente** (1957-58). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1999. p. 195.

²³³ Faria, Michele Roman. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**. – o compêxus de Édipo de Freud a Lacan-. Taubaté- SP: Cabral Editora e Livraria universitária: 2003. p. 52.

²³⁴ Lacan, J- **O seminário: livro 4**, op. Cit., p. 71.

²³⁵ Faria, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**, op. Cit, p. 62.

constatação, a de que a mãe é castrada e a de que a criança não é o falo da mãe. Não é a ausência do pênis materno que demarca sua castração, é sua própria ausência, fundamental para a constituição do sujeito do desejo.

Somente nesta ausência é que a criança pode se perguntar o que aquela mulher deseja e desviar seu olhar para outros objetos ao seu redor, portanto, desejar. Lacan afirma neste segundo tempo que:

*... a criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal, e de mais nada. Através dessa simbolização, a criança desvincula sua dependência efetiva do desejo materno da pura e simples **vivência dessa dependência** e alguma coisa se institui, sendo subjetivada num nível primário ou primitivo. Essa subjetivação consiste, simplesmente, em instaurar a mãe como aquele ser primordial que pode estar ou não presente²³⁶.*

Logo,

Enquanto no primeiro tempo a criança se relaciona com a mãe como pura presença, como Outro fálico, onipotente, no segundo tempo passa a ter de lidar com um Outro faltante, desejante²³⁷.

É o olhar para aquilo que falta à mãe que desvia o olhar da criança sobre a mãe, inversamente, é suposto que o que lhe falta esteja sobre a posse do pai - ele tem. É no terceiro tempo do Édipo que esta dialética se instaura e funciona como ordenador da sexualidade humana. É a pertinência da posse do falo ao pai que autoriza a saída do Complexo de Édipo em Lacan. Já que o pai é o possuidor, é ele que é desejado pela mãe. Sua função de privador e de onipotente, pai imaginário do segundo tempo é abandonada em despeito ao pai potente, possuidor e que pode transmitir o dom. Ele o tem e pode dá-lo, sobretudo, à mãe. O falo muda seu estatuto de imaginário para simbólico com esta troca simbólica instaurada.

²³⁶ Lacan, J. **Seminário 5**, op. Cit, p. 188.

²³⁷ Faria, M. R. **constituição do sujeito e estrutura familiar**, op. cit.. p 67.

Seguindo o fio desse raciocínio, o pai toma a função de suporte da lei, de um pai simbólico, portanto o seu nome é uma metáfora. O próprio pai é uma metáfora como afirma Lacan no Seminário das *Formações do Inconsciente*²³⁸.

Diante desta metáfora, cabe a criança identificar-se com o pai como possuidor do pênis no caso dos meninos e de reconhecer o homem como aquele que o possui no caso das meninas. Neste tanto, as saídas propostas para o complexo de Édipo advindas da teoria psicanalítica de Lacan equivaleriam às freudianas. Ao final desta construção seria a identidade sexual que habitaria o cenário das crianças. Portanto há outras possibilidades para a resolução desta dialética de ter o falo.

Retomando, o processo do Édipo estrutural não é verdadeiramente um mito, como salientava Freud, tampouco um drama, é, sobretudo, estrutura, na qual se ordena o desejo na medida em que constitua um efeito da relação do ser humano com a linguagem²³⁹.

É através dele e da castração que Lacan edifica as estruturas já citadas, neurose, psicose e perversão. Em várias citações de Lacan sobre a estrutura perversa ela a faz em relação ao complexo de Édipo. Tomemos uma delas:

*(...) nenhuma estruturação perversa, por mais primitiva que a supusermos (...) é articulável senão como meio, cavilha, elemento de alguma coisa que, afinal de contas, não se concebe, não se compreende, não se articula senão no, pelo e para o processo, a organização, a articulação do complexo de Édipo*²⁴⁰.

É absolutamente salutar a metáfora que Lacan usa para designar o elemento da perversão. Fala de cavilha que é uma peça, de metal ou de madeira, utilizada para juntar ou segurar madeiras. Nesta peça existe uma cabeça em uma das extremidades e uma fenda na outra, assim, na fenda coloca-se uma chaveta que impede a saída da cavilha²⁴¹. De um lado uma abertura, e de outro um fechamento. Pode-se reportar esta imagem para a própria

²³⁸ Lacan, J. **Seminário 5**, op. cit. , p. 180.

²³⁹ Peixoto Junior, C. A . **Metamorfoses sobre o sexual e o social**. Op. cit. , p. 172.

²⁴⁰ Lacan, J. **Seminário 4**, op. cit, p. 122.

²⁴¹ Dicionário ilustrado de língua portuguesa. Editora Gamma, 11^a. edição e 18^a tiragem.

noção intrínseca de estrutura enquanto fechamento diagnóstico de um lado e abertura de tratamento de outro.

Não é permitido reduzir a estrutura perversa ao primeiro tempo do Édipo lacaniano, lugar em que a criança mantém-se como falo materno. Neste caso estamos diante de uma *perversão primária no plano imaginário*²⁴². Logo, a identificação com o falo configura-se com um processo normal da constituição subjetiva do *infans*. O que marca, de fato a estruturação perversa estaria configurado entre a passagem do segundo para o terceiro tempo do Édipo lacaniano, a saber: da passagem da dialética do ser para a do ter, ou, refinando o tema, como a lei do pai é introduzida.

Ao invés da mulher autorizar a entrada do pai como representante de uma lei que interdita a mãe, ocorre uma inversão pela qual é justamente a mãe quem dita a lei ao pai. No momento exato em que o sujeito deveria ser interditado em relação a sua identificação ao falo, ao contrário, ele encontra na mãe o atestamento a esta possibilidade. A privação materna não leva, como esperado, a um apelo ao pai, na perversão o que ocorre é uma *segurança materna*²⁴³. A mãe não se deixa privar no mesmo contexto em que ela foi já percebida como faltante, ocorre a negação da privação percebida, *Verleugnung*, portanto.

É esta mesma mãe que não tem o falo quem dita a lei como quem o tem. Ela é aquela que não tem *mas... dita a lei como se tivesse*.²⁴⁴ Contudo, a segurança é atestada no retorno, no curto-circuito fálico com a mãe. Isso não quer dizer que o pai não entrou no jogo entre a criança, a mãe e o falo, a problemática toda da perversão está em que sua palavra não conta mesmo, não tem a potencialidade que deveria ter.

De volta ao curto circuito na relação com a mãe, Lacan comenta no íntimo do seminário livro 5 que este retorno pode acontecer de algumas formas, a saber: no fetichismo, no travestismo e, em alguns caso, no homossexualismo. Cabe ressaltar o cuidado com o uso que toma a questão do homossexualismo, isto quer dizer que não caracteriza a homossexualidade como uma perversão, o que seria um engodo, tampouco desconsidera-a como sendo um de seu tipos. Sinteticamente, diria que no caso do

²⁴² Lacan, J. **seminário 5**. op. cit., p. 205.

²⁴³ Idem, p. 216.

²⁴⁴ Faria, M. R. **Constituição do sujeito e estrutura familiar**. Op., cit, p. 110.

fetichismo estaríamos diante de uma mãe fálica, ou que o falo seja colocado no lugar da mãe; no caso do travestismo haveria uma junção do falo com a mãe, o sujeito se identificaria com uma mulher, com falo - um falo - na medida que permaneça oculto e, todavia, seria na aparição das roupas que o objeto se materializaria. Até este ponto Lacan configura a perversão exclusiva ao homem. Somente ao dizer do homossexualismo que abre uma janela para a discussão imersa no feminino. Logo, a menina ao invés de configurar um desejo pelo pai, identifica-se a ele. A negação, neste ponto particular, configurar-se-ia distante da privação materna, mas sobre o retorno da questão fálica sobre o próprio sujeito. Finalizando, a homossexualidade só poderá ser considerada perversa, tanto em homens quanto em mulheres, se existir uma identificação com o portador do falo - pai ou mãe - o importante é que seria traduzida como objeto imaginário através da qual a castração, simultaneamente, seria negada e afirmada.

Amarrando a idéia de estrutura lacaniana no que tange à clínica da perversão o que entraria no jogo seria a recusa do pai simbólico. Esta é uma das afirmações de Peixoto Junior em seu estudo das perversões:

... em razão desta economia psíquica que recusa o pai simbólico, o perverso se encontraria subtraído do direito ao desejo como desejo do outro, procurando demonstrar freqüentemente que a única lei do desejo eficaz é a sua. A renegação, portanto, tem como objeto principal o desejo da mãe pelo pai, ou, antes, ainda, a diferença entre os sexos, reconhecida ao mesmo tempo que recusada²⁴⁵ ..

Resumidamente pode-se concluir que para que haja propriamente a instalação de uma estrutura clínica são necessárias três construções: assim o Outro como lugar da pré-constituição; a idéia de complexo de Édipo e seu correlativo direto - o falo- e, finalmente, o ponto de fixação se traduz nas investigações sobre o fantasma e o objeto a.²⁴⁶

²⁴⁵ Peixoto Junior, C. A . **Metamorfoses entre o social e o sexual**. Op. cit., p. 175.

²⁴⁶ Conceito trabalhado por Dunker no capítulo **Desencadeamento da neurose: um falso problema?** Lugar em que discute o desencadeamento da neurose trabalhado por Freud e seu ponto de vista quantitativo a despeito da teoria lacaniana estrutural. Dunker, C. I. L. **O calculo neurótico do gozo**. São Paulo: Escuta: 2002.

2- Aparições e remissões do conceito de gozo em Lacan

Embora Freud, em momentos do seu ensino, fizesse menção ao termo *Genuss*, gozo, não se referia ao vértice lacaniano de *jouissance*, gozo. Ao primeiro psicanalista, sobretudo, o conceito era indicativo da experiência produzida diante de representações estéticas. Outrossim, Freud ainda referia-se a *Genuss* na ótica do ato sexual. Em *Mais além do princípio do prazer*, de 1920, ao falar, especialmente da repetição, o ponto que resvala é o declínio do gozo, produzido por esta. Todavia, como única possibilidade de gozo absoluto, o pai da horda primitiva miticamente é convocado por Freud a ser o representante desse livre gozo sexual. (*freien Sexualgenus*)²⁴⁷. Neste tempo o gozo é absoluto porque está desconectado da lei. Ao matar o pai e incorporar seus pedaços os filhos inauguram o tempo histórico, do Édipo e, assim, a lei é instalada no ato da interdição do gozar com a mãe²⁴⁸. Esta é a tradução freudiana ao *Genuss*.

Alguns autores criticam a leitura lacaniana de Freud sobre o ponto de vista econômico da teoria da psicanálise. Crítica infundada, uma vez que Lacan relê Freud neste ponto, sobretudo, no conceito de libido, como...*um artifício de método e não como um a priori ontológico*²⁴⁹. Dunker ainda ressalta em seu texto sobre o *Cálculo neurótico do gozo* que a energia passa a ser considerada sobre três condições, a saber: (a) *quando ela pode ser medida no interior de um sistema simbólico*, (b) *quando ela não é um sucedâneo da realidade natural*, (c) *quando se torna necessária para justificar a realidade eficaz (Wirklichkeit) do sistema*²⁵⁰. Assim toda a crítica sobre o ponto de vista econômico lacaniano é infundada. Seu ensino parte de uma interpretação lingüística do inconsciente, para um a teoria dialética do sujeito e deste para a paradoxalidade do objeto, considerada a topologia das pulsões. Ou seja, do significante para o a subversão do sujeito e deste para a teoria pulsional.

A noção de *jouissance* utilizada por Lacan aponta para um certo incômodo inerente à quantidade no mais íntimo de seu sistema teórico, isto quer dizer que a noção de gozo toma um tom diferenciado em seu trabalho a partir da clínica do Real. Isto não

²⁴⁷ **Dicionário enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Editado por Pierre Kaufmann., Primeiro grande dicionário lacaniano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor: 1996.

²⁴⁸ Freud, Sigmund. **Totem e tabu**, 1913. In obras completas, op. Cit.

²⁴⁹ Dunker, Christian Ingo Lenz. **O calculo neurótico do gozo**. São Paulo: Escuta: 2002. p. 23.

²⁵⁰ Dunker, C. I. L. **O calculo neurótico do gozo**. Op. Cit. P. 23.

ênfatiza que sua aparição anterior aos anos 70 é descredibilizada. Há ao longo de seu ensino uma polifonia do conceito amarrada por um ponto comum: *trata-se de lançar mão de aspectos de uma teoria do valor, ou seja, de retirar de suas fontes aquilo que nelas ocupava o lugar de uma axiologia*²⁵¹.

Pode-se ler, portanto, a partir da proposta de Dunker (2002) quatro momentos distintos da aparição do conceito de gozo em Lacan. São estes: o gozo na matriz lingüística; o gozo na matriz ético-jurídica; o gozo na matriz econômico-política e finalmente o gozo na matriz lógico-formal.

Antes mesmo de nos debruçarmos sobre cada uma destas aparições faremos uma digressão e retomemos o famoso texto de Kant com Sade²⁵², lugar em que o conceito de vontade de gozo é explicitado. De Kant a Sade e mesmo com Freud o bem é considerado um objeto moral e, inversamente, o mal traria o mal estar. Assim, a máxima sadiana em sua Filosofia é a de: *Tenho o direito de gozar de seu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me de gosto nele saciar*²⁵³. Este é o imperativo que submete a vontade de todos, principalmente, através da coerção. Ou seja, a vontade somente se obrigaria a esta máxima ao rejeitar de sua prática toda razão externa a sua própria máxima²⁵⁴. O que Sade traz em seu discurso e como marca de sua escrita é um tratado dos direitos humanos, construindo a hipótese de que a coerção sofrida pelo homem distingue-se de uma violência e, paradoxalmente, aproxima-se de um princípio, logo é a liberdade do Outro que está subjacente na máxima sadiana. A *vontade de gozo* é justamente aquilo pelo qual se modifica ou se perpetua a experiência sadiana. Retomemos este conceito mais adiante.

Novamente com as diferentes aparições do uso do conceito de gozo em Lacan salienta-se que na primeira possibilidade o tema central é o falo, na segunda acepção é o próprio gozo como excesso, cabendo ao terceiro momento a teoria marxista do valor e finalmente como quarta possibilidade de uso o gozo como conceito limite entre o sexual e o real. Explicitemos estas matrizes.

²⁵¹ Idem. P. 30.

²⁵² Lacan, Jacques. **Kant com Sade** (1962). In Escritos. Op. Cit. P. 776-803.

²⁵³ Sade, Marques de. **Filosofia na alcova**. Op. Cit.

²⁵⁴ Lacan, J. **Kant com Sade** (1962). Op. cit. p. 781.

Na matriz lingüística²⁵⁵, influenciada pelas regras de trocas de palavras que regulam as trocas de mulheres estudadas por Lévi-Strauss²⁵⁶, Lacan lê o gozo permeado pela distinção entre uso e abuso que caracterizaria a proibição do incesto. Assim, no ínterim da idéia do inconsciente estruturado como uma linguagem é a troca entre significantes que está sendo evidenciada. Logo, esta noção está, neste tempo banhada pela teoria do significante e, simultaneamente, pela teoria do valor. Outra influência estruturalista e de fundamental peso para Lacan é o uso que Saussure²⁵⁷ oferece ao conceito de valor como o de a possibilidade de um signo ser comparado e, outrora, substituído, dentro de um sistema de linguagem.

No entanto, é no conceito de falo que a teoria do valor assume sua importância mais explícita. Se o falo não é o pênis é porque o falo é o valor atribuído ao pênis²⁵⁸.

Enquanto unidade de proporção, o falo é condição da possibilidade do desejo, ele é o responsável pela inserção do sujeito na distinção anatômica entre os sexos e autenticador para que o sujeito lide com seus entraves e engodos. Assim a própria matriz da castração evidencia que, para que o desejo seja conquistado, é necessário e fundamental a recusa do gozo, regulado pelo valor de troca e de uso.

Dunker²⁵⁹ critica este uso da noção de gozo na matriz lingüística apontando que neste mergulho, lugar em que a idéia de gozo está regulada pelo paradoxo de sua perda e restituição, ocorrida por intermédio da repetição, há uma disparidade entre o valor de troca, representado pelo significante e pelo valor de uso, como efeito ou precipitação do significante. Logo, esta teoria somente explicita uma compreensão formal da produção do valor, deixando ainda de lado seu ponto qualitativo, tão bem costurado por Freud.

²⁵⁵ Dunker, C. In. L. **O calculo neurótico do gozo**. Op. Cit. p. 31.

²⁵⁶ Lévi-Strauss, C. **Estruturas elementares de parentesco**. Op. Cit. P. 535.

²⁵⁷ Saussure, F. **Curso de lingüística geral**. Op. Cit. P. 134.

²⁵⁸ Dunker, C. I. L. **O calculo neurótico do gozo**, op. cit. P. 38.

²⁵⁹ Idem, p. 42.

O gozo tomado na segunda matriz, a ético- jurídica, encontra seu auge a partir da figura, sobretudo, emblemática de Antígona²⁶⁰. É pelo herói trágico e seus atos transgressores que Lacan discute a tese da ação da heroína ser fundada em seu desejo e não diretamente ligada ao serviço de bens, ou seja, das trocas de objeto, como o era enfatizado no primeiro modelo do uso da acepção de gozo. Portanto a ética da psicanálise é fundada como uma variante das éticas utilitaristas²⁶¹, lugar em que o maior grau de prazer deve ser alcançado no menor tempo e evitando despender esforços. Assim, o desejo estaria articulado ao princípio do prazer e tudo o que deste escaparia passaria a ser considerado mal, tal com o gozo. O gozo traduz-se como usufruto nesta matriz. A discussão do seminário sobre a ética esta presente sobre o texto de Kant e de Sade, lugar em que o que resta é a tradição libertina de gozo, já citada acima. Nesta tradição o gozo é regulado pela intensidade excessiva, muito mais além do que a satisfação, de duração repetitiva e, especialmente, com uma certeza antecipada²⁶². E, ainda, corresponde a uma experiência de proximidade absoluta, que pode ser prolongada inercialmente e, ao combinar afetos, tais como prazer e horror, por exemplo, é impuro. Em conseqüência encontra-se entre a grandeza positiva e a negativa, logo, prazer e dor. Resumidamente pode-se dizer que o imperativo, kantiano e sadiano, superegóico, condensa a questão do gozo na esfera ética, sua determinação é Goza! Conclui-se que desejo e gozo juntos endereçam-se a noção de lei, imprescindível tanto para um caso quanto para o outro. Logo, a literatura maldita e libertina sadiana funda-se em dois pressupostos básicos. O primeiro do alcance a todas as formas de prazer e o segundo na instituição de uma nova lei, aquela que se edifica no imperativo do acesso universal e natural ao gozo.

Com a introdução, em torno dos anos 70, mais precisamente entre 68 e 70, da teoria do laço social, Lacan inaugura a noção de gozo como matriz econômica- política, assim como Dunker categoriza as diversas aparições da noção de gozo na obra do psicanalista francês. Para tanto, recorrer a teoria marxista de valor é seu norte bussular, condensando a idéia de discurso como aparelho de gozo. Todavia, no inconsciente, o gozo é lido por seu valor de troca a despeito de seu valor até então existente de uso.

²⁶⁰ Lacan, J. **O seminário: livro 7: a ética da psicanálise**. Op. Cit.

²⁶¹ Dunker, C. **O calculo neurótico do gozo**. Op. Cit. P. 44.

²⁶² Idem. P.48.

Ainda é pertinente salientar que a teoria do discurso não é suficientemente sustentável para cernir o gozo, o que somente ocorrerá anos adiante com as fórmulas da sexuação. Nos discursos, Lacan deixará muito claro onde há o fracasso ou impossibilidade da captura do gozo. A saber: no *discurso do mestre* a impossibilidade está em conjugar o sujeito com o objeto, inviabilizando a fórmula do fantasma. Logo, o gozo fica interdito. No discurso universitário é o resto que fica fracassado na incorporação do objeto ao saber; Já no discurso histérico cabe ao resto, suposto na forma de saber ou de gozar que escapara a própria alienação o marcador da impossibilidade do gozo e, finalmente, com o discurso do analista a impossibilidade está entre o significante mestre e o saber, ou seja, entre a lei e o saber. Neste tanto teórico o gozo sustenta-se pela eliminação daquilo que excede, do a mais, e cada giro discursivo assegura-se desta inconsistência²⁶³. Sobre esta teoria social lacaniana nos ateremos mais adiante. Mas, vale ainda salientar, que neste tanto a teoria do gozo é fundamentada no seguinte princípio: quanto mais menos. Isto quer dizer que quanto mais objetos surgirem para o desejo menos desejo ocorrerá e mais gozo será sua consequência. Entre o gozo a mais e o a menos é preciso verificar o que está fora do valor. Esta teoria tem como ponto de novidade a inauguração em seu cerne da incorporação do resto que antes era desprezível.

Finalmente é com o que Dunker nomeou de gozo na matriz lógico-formal que o gozo toma o tom de um estatuto e de modalidade objetal. É com as teorias da sexuação e das duas modalidades de gozo que o gozo demarcará a diferença entre masculino e feminino em sua proporção ou disparidade. O falo toma o lugar de uma função e que deixará a totalidade em dúvida. Assim através de sua lógica do lado homem da fórmula de Lacan dirá que ao menos um homem não é castrado, em contrapartida todo homem é submetido à castração. Divergindo da lógica fálica, do lado feminino, há uma desproporção entre o gozo fálico e o Outro gozo. Assim, porque o gozo estaria não todo referido ao falo, demarcando uma quantidade e não qualidade. As mulheres estão fora da lógica do todo, assim, edificadas no uma a uma. Finalizando, a famosa citação de que a mulher não existe e de que a relação sexual não existe pode ser lida da seguinte forma: *a proporção sexual não existe, ou seja o gozo Outro não pode ser calculado a partir do gozo fálico e é por isso que lê e aproximado do gozo místico, do gozo que não se constrange ao semblante da*

²⁶³ Ibidem, p. 56-57.

*linguagem*²⁶⁴. O gozo deixa de ser caracterizado como uma ação e passa a ser um substantivo, ainda que entre as duas modalidades de gozo não há cópula e que sua reunião não faz UM. Fica evidente, em conseqüência, que o gozo tomado a partir do seminário XX, alcança eficazmente um conceito de limite entre o sexual e o real, ou melhor dizendo, entre o sexual e o não-sexual. Resumidamente pode-se concluir que nestes últimos anos do ensino e pesquisa lacanianos três inscrições de gozo foram apreendidas, a saber, o gozo fálico, situado entre simbólico e real, o gozo do Outro, entre o imaginário e o real e, na intersecção entre simbólico e imaginário, coube a presença do sentido, ou nomeadamente como gozo do sentido. Este sistema topológico encontraria a amarração no *objeto a*, este sendo uma espécie de *conversos para a distribuição das formas de gozo*²⁶⁵.

3- Traços de fantasia ou traços de caráter

Certo material caiu em minhas mãos sobre um encontro psicanalítico que houve na França, em meados de 1990. *Traits de perversion dans les structures cliniques*²⁶⁶ foi o nome do congresso. Houve um trabalho preparatório para as jornadas que ocorreriam versando sobre este tema e a partir de então um livro foi composto. Neste, muitas questões podem vir a contribuir para a noção de perversão e, assim, agendar mais uma probabilidade de sua utilização, aqui, sobretudo, relativa ao traço da perversão e ao fantasma perverso. Fiquemos no primeiro conceito.

Em seu texto sobre Leonardo da Vinci²⁶⁷, Freud constrói alguns conceitos que vinham vindo esboçados, especialmente, a partir dos três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Desta forma, identificação, narcisismo e, principalmente, mãe fálica foram descobertas traduzidas nas páginas daquele texto de 1910. De qualquer forma pode-se ler este trabalho como uma verdadeira apresentação dos traços de caráter, da sublimação e se assim é passível de discussão, da estrutura do fantasma perverso. Leonardo diante de sua máxima possibilidade sublimatória escreve um tratado sobre a pintura, em particular sobre

²⁶⁴ Dunker, idem. P. 62.

²⁶⁵ Idem, p. 65.

²⁶⁶ **Traits de perversion dans les structures cliniques.** Volume préparatoire à la VIème Reencontre internationale du Champ freudien. Paris Juillet 1990: Navarin Editeur.

²⁶⁷ Freud, S. **Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância.** (1910). Op. Cit.

a pintura a óleo. *L'oeil est la fenêtre du corps humain, à travers laquelle il découvre son chemin et jouit de la beauté du monde*²⁶⁸. Neste, fica evidente que o caráter é originário das excitações fixadas da infância e das pulsões infantis. A tentativa máxima de perfeição de sua obra e seu mergulho na pintura mais uma vez caracterizam o gozo voyerista, que foi definido por Lacan como compulsão de expiação. Este gozo escópico é fruto de um gozo regressivo diante da aparição do desejo do Outro. O traço de perfeição, acrescido da pulsão de espiar marca o percurso artístico de Leonardo. Seu encontro com Gioconda durou quatro anos para ser finalizado, como um sintoma. Da Vinci foi considerado pudico e com grande inibição sexual.

Simultaneamente, podemos trazer à discussão Gide, sua obra e sua vida. Sua posição no amor, na homossexualidade e na perversão convidam os pesquisadores a um mergulho em seu texto. Em uma única vez, no seminário V, Lacan se refere à perversão de André Gide. Ali ele evidencia que a perversão é um problema significante diferente da homossexualidade que, outrossim, no que tange à eleição do objeto homossexual, é o centro da problemática do segundo tempo do Édipo lacaniano, em que o ideal paterno eclode. Todavia, não é este o problema da perversão de Gide, está instaurada no que Lacan nomeia de “amour embaumé”, delatada, sobremaneira, em sua correspondência e cartas. Logo, suas cartas e em seus endereçamentos que não deixam de sê-lo a si mesmo funcionam como um fetiche. Em Juventude de Gide, as cartas tomam o lugar de uma articulação entre seu desejo e seu texto significante. Todavia, a partir deste texto, o problema da perversão é absolutamente explicitado em Lacan em Kant com Sade, sendo substituído, como já dito, pelo conceito de vontade de gozo. Seria este amor de Gide, um amor cortês? Seu amor por Madeleine, prima amada desde a primeira infância e esposa fiel impediu-lhe de qualquer forma de contato sexual. Em suas cartas deixa evidente a deterioração que Madeleine sofreu em função da abnegação ao lar. Fato este também relatado em seus romances em algumas de suas personagens. Para Gide, inevitavelmente, há uma disjunção entre amor e desejo, transforma o amor em eterno e com estatuto de ideal. Madeleine é depositária de suas cartas elevadas à condição de fetiche e, neste pacto, ela suporta completar este objeto, marcando um circuito de gozo.

²⁶⁸ Comentários pronunciados pela Saba de Buenos Aires, Argentina. In Traits de perversion. Op. Cit.

Entre Leonardo e Gide, a intersecção é falsa. Leonardo por amor joga com a perversão, *s'ofrant* ao Outro da demanda e submete-se aos seus caprichos. Enquanto isto Gide, em contrapartida, ama Madeleine e, em sua correspondência, seu objeto de desejo não existe jamais²⁶⁹. Assim, estes dois artistas, independentes de serem caracterizados como perversos apresentam, em linhas gerais, traços e fantasmas perversos, para tanto se utilizam seja lá da pulsão de expiação, seja da disjunção entre amor e desejo.

4- Os laços sociais

Freud surpreendeu seus leitores com a grande parte de seu tempo despendido aos estudos dos textos ditos sociais, lugar em que discutiu problemas relativos à constituição do sujeito imerso no campo social, ou mesmo, analisou algumas formas de contratos sociais em que os sujeitos poder-se-iam sofrer apagamentos, ou seja, estudou a fundo o futuro de uma nação. Seus textos sobre o tema marcam um Freud político e absolutamente interessado em questões sociais, muito diferente do que a língua ferina de alguns críticos o acusaram. Seus principais textos deste debate são: Totem e Tabu, 1913; Psicologia de massa e análise do eu, 1921; O futuro de uma ilusão, 1927; Mal-estar na civilização, 1930; Moisés e o Monoteísmo: três ensaios, 1939, além de questionamentos sobre a guerra em carta a Einstein, de 1933, dentre outros.

Estudiosos que acabaram por seguir seus rastros mergulharam em uma tentativa de psicanálise ancorada na sociedade, ou mesmo alguns teóricos surgiram para questionar a psicanálise debruçando-se em uma psicologia social. Ressaltaremos três destes pensadores. Reich, Fromm e Marcuse. Ao primeiro coube uma análise pontual sobre o fenômeno do fascismo, enquanto que ao segundo a noção de família invadiu o debate e ao terceiro um resgate dos conceitos de pulsão de morte e de sexualidade foram resgatados dos avatares sociais. A escolha destes autores é justificável visto a belíssima aproximação que conseguem fazer de formas de laços sociais perversos nestas sociedades por eles estudadas.

²⁶⁹ Contribuição do grupo de trabalho de la Saba, Buenos Aires, Argentina. No encontro dos Traits de perversion dans les structures cliniques. Op. Cit. P. 43-55.

Em *Psicologia de massas do fascismo*²⁷⁰, Wilhelm Reich destaca a aparição da ideologia fascista graças a uma classe dominante que buscava soluções diante das contradições econômicas produzidas pelo capitalismo. Assim, o poder utilizava-se da ideologia anti-sexual para barrar o livre desenvolvimento da genitalidade e promover os infortúnios da humanidade²⁷¹. Questiona, nesta mesma linha de pensamento, o poder nazista que dilacerou grande parte da população, analisando a suástica como um elemento necessário com dupla simbolização: erótico e de idéia de honra e lealdade.

Em relação ao nazismo, Erich Fromm, da mesma maneira que Reich, descreveu seus apoios psicológicos em uma relação com a autoridade, representada pela baixa classe média alemã²⁷². Sua análise introduz um elemento novo, o de que inerente a população havia um caráter sadomasoquista e uma personalidade autoritária que andavam de braços dados. Sua elaboração, que nos servirá a *posteriori*, é a de que tanto o caráter sadomasoquista quanto a personalidade autoritária designam muito mais uma neurose do que um perversão. No entanto, sua discussão enfrenta o tema da montagem perversa como resposta a esses mecanismos neuróticos. Este tipo de montagem somente seria possível graças às tendências *provocadas pela incapacidade do individuo isolado de sustentar-se sozinho e por sua necessidade de um relacionamento semiótico que supere esta solidão*²⁷³.

No que tange as teses de Marcuse, sua conclusão é a de que a ressexualização do corpo polimorficamente perverso resistiria às exigências terríveis do universo capitalista evitando transformar-se em um objeto do trabalho. Deste tanto, qualquer tipo de protesto perverso funcionaria como resistência a genitalidade imposta pela sociedade²⁷⁴.

O ponto comum entre os três pensadores é a tentativa de diluir o pessimismo freudiano inerente a sociedade burguesa, segundo eles. Contudo, segundo Peixoto Junior nesta tentativa acabam por... *sucumbir a um otimismo neo-rousseauísta que trivializa a dialética inerente ao freudismo*²⁷⁵.

²⁷⁰ Reich, W. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins fontes: 1972.

²⁷¹ Peixoto Junior, C. A. **Metamorfoses entre o sexual e o social**.: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão. Rio de Janeiro: civilização Brasileira: 1999: p. 257.

²⁷² Idem. P. 261.

²⁷³ Fromm, Erich. **O medo é a liberdade**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan: 1983: p. 177.

²⁷⁴ Marcuse, H. **Ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

²⁷⁵ Peixoto Junior, ibidem, p. 267.

Neste tanto ao recorrerem a explicações de caráter perverso dos acontecimentos sociais desembocam em teses reacionárias, sobretudo aquelas que dizem de um exercício livre da sexualidade.

Além destes autores outros tantos contribuíram de forma contundente com a idéia de uma montagem perversa nos arcabouços sociais, cabe convocar para o debate Piera Aulagnier, em torno dos anos 60 e mais ainda, Calligaris e Jurandir Freire Costa em meados das décadas de 80 e 90, respectivamente. Além de serem absolutamente salutares as contribuições de Zizek até os dias atuais.

Piera, durante as aulas de Lacan do seminário sobre a Identificação, nos anos de 1961 e 1962, faz uma contribuição bem significativa à clínica da perversão, sobretudo sobre a perversão social. Suas idéias indicam uma referência aos laços sociais, lugar em que os psicanalistas poderiam encontrar claramente menções à esta clínica. Diz ela que a resposta perversa indica a negação do outro como sujeito e que sua identificação ocorre graças ao objeto fonte de gozo para um falo que assume dupla função, fantasmático e poderoso. Seu alerta vermelho também está ligado a chamada para a cena de que os psicanalistas devem cuidar-se para não restringirem a perversão às práticas sexuais, o que denotaria um diagnóstico nosográfico e sintomático. Sua recomendação é que a atenção deve estar voltada para onde a perversão está, ou seja, nos laços sociais, nos comportamentos relacionais.

O perverso, segundo os ensinamentos de Aulagnier, somente tem acesso ao seu gozo através de um gozo alheio, sendo que seu ego fica sempre a mercê de um poder fálico anônimo, sendo indiferente quem seja seu objeto, desde que tenha um. O que importa é que este seja capaz de gozar e nada mais, sua identificação em função desse serviço é absolutamente estável e previsível.

A partir desta abertura que teve como ancoragem o ensinamento de Lacan em sua leitura de Freud, outros psicanalistas tomaram as rédeas destas discussões e avançaram no tema da perversão no laço social.

Ainda no mesmo debate do fenômeno do nazismo e ou da burocratização Contardo Calligaris puxa a idéia do laço social perverso para frente de seus estudos, sendo que a montagem perversa passa a ser investigada nestes fenômenos sociais. Peixoto Junior

cita Calligaris: *O gozo perseguido é o gozo da montagem; o que representa o Outro é a própria montagem: fazer o Outro gozar é a mesma coisa que fazer a montagem funcionar*²⁷⁶.

Deste tanto uma montagem colocaria o perverso diante de uma vida social absolutamente prazerosa e satisfatória. Este fenômeno nos convida a pensar que a sociedade, de alguma maneira, haveria oferecido uma disponibilidade em seus dispositivos para que os sujeitos pudessem haver-se com o mal-estar social, ou seja, construindo uma montagem perversa como saída para a moral sexual e os avatares desagradáveis da civilização.

Em outro tempo, Zizek²⁷⁷, discutindo sobre o fetichismo presente nas obras de Freud, Marx e Lacan apresenta-nos um contexto histórico - econômico sobre suas hipóteses. O ponto de congruência presente nas teses desses autores fica evidente quando Zizek trabalha a premissa de que nas relações sociais, ou seja, nos laços, aquilo que deveria ser estipulado por um encontro entre pessoas, fica relegado a ser um encontro entre coisas, deste tanto, fica encoberto, com pouca explicitação, uma relação de dominação que abre fendas para uma dinâmica capitalista perversa e terrorífica. Por outro tanto ao falar de fetiche deixa claras as diferenças conceituais entre Freud e Marx, o primeiro defende a condição do fetiche como aquele que dissimula a falta e ao segundo cabe a hipótese de que o que é dissimulado é a rede positiva das relações. Logo, a presença do fetiche, em um caso quanto noutro sustentaria a ilusão da fantasia sádica perversa de cisão fundamental entre o desejo e o gozo²⁷⁸. Quanto ao estudo de Zizek sobre Lacan, em seu retorno a Kant com Sade, sua discussão atravessa a potencialidade do sádico stalinista, lugar em que ele discute a possibilidade do perverso de não apenas atuar a fantasia do neurótico, mas, sobretudo, de inverte-la assumindo uma posição de objeto.

Logo, como conclusão aquilo que apresentar-se-á no discurso do capitalismo poderá ser traduzido pelo lema perverso do: Goza! enquanto lei do capitalista, inversamente, ao proletário ficará evidente o imperativo: Trabalhe! Ou seja, o gozo a mais

²⁷⁶ Peixoto Junior. Ibidem. P. 274. O livro consultado de Calligaris é: **Perversão- um laço social?** Salvador, cooperativa Cultural J. Lacan, 1986, p. 14.

²⁷⁷ Zizek, S. **Aspectos del malestar en la cultura**. Buenos Aires, Manantial, 1989.

²⁷⁸ Peixoto Junior, C. ^a ibidem. P. 279.

para o Outro, em excesso, torna-se a causa do funcionamento da economia capitalista e invalidará o gozo do Outro suplementar que o capitalista insiste em delegar a si. Neste tanto, diríamos da montagem perversa na rede social, as transgressões passam a ser intrínsecas a ordem social, assim como condição necessária e suficiente para sua estabilidade.

Na mesma rede de pensamentos Octavio Souza²⁷⁹, 1994, em sua influencia teórica de Freud, Lacan e Hannah Arendt explica a aparição da perversão no contexto social pela ultrapassagem da analogia familiar a partir de uma certa ruptura com a função paterna. Imediatamente repousa seu argumento na tese da perversão como versão do pai, père version, ou seja, do objeto ocupar o lugar do ideal do eu, ponto de acesso à função paterna. Logo, a obediência cega ao imperativo do gozo seria justificada pelo assunção do objeto-fetice nestes laços sociais. O que importa não esta próximo do sujeito, do eu goza, mas, sobretudo, do gozo isoladamente.

Finalmente com Jurandir Freire Costa²⁸⁰ fica evidenciado o mecanismo da montagem perversa nos laços sociais. Paralelo às idéias de Calligaris, sua discussão analisa, sobretudo, o fenômeno da burocracia, e sua ancoragem é subjugada ao laço social perverso. A montagem perversa, na rede dos laços, seria uma saída, necessária e suficiente para a neurose, lugar em que o Outro não é idêntico a montagem, contudo é parte integrante dela.

É justamente com as montagens perversas que a civilização carrega tudo aquilo de pior presente na sociedade, a saber: a discriminação, o preconceito, a humilhação e a exclusão e que precisa e carece de combate em todos os momentos.

Estas quatro categorias são possíveis aparições da perversão. Cabe finalizarmos e tentar responder a qual delas os casos clínicos respondem.

²⁷⁹ Souza, Octavio. **Fantasia de Brasil- as identificações na busca da identidade nacional**. São Paulo, Escuta, 1994.

²⁸⁰ Freire Costa, J.. **A inocência e o vício**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992.

CAPÍTULO VII - MALDADE E PERVERSIDADE: INTERCORRÊNCIAS E POSSIBILIDADES AO FEMININO

Manhã clara.

Vozes alegres.

Vento dançarino.

*E uma lágrima no meu coração
triste e feliz.*

Cecília Meireles

É corriqueiro, principalmente, em contos de fada, aparecer uma personagem que objetiva destruir o outro. Uma bruxa, uma megera, uma mulher maligna ou mesmo um cavalheiro sem escrúpulos que invade a estória da princesa e impõem-lhe possibilidades angustiantes. Contracenam, também, personagens que se edificam na trama fazendo mal ao outro.

Distanciando-se do cenário ficcional infantil, nos romances clássicos, em tragédias e em construções televisivas a mesma temática percorre os enredos. A literatura mundial é banhada por discursos e aparições dicotômicas entre o Bem e o Mal, ocasião em que o Mal corporifica-se como força tensionante do Universo. Esta temática foi bem explorada enquanto transgressora principalmente em Sade, verdadeiro manifesto das representações da crueldade do humano como já discutido. Na literatura brasileira recortam-se cenários maléficos presentificados por escritores tanto clássicos, modernos ou mesmo contemporâneos, dentre eles cita-se Machado de Assis, que assiste a derrocada social realista compactuando da crueldade cotidiana, Gregório de Matos que, com seus versos do absurdo, horripila seus leitores, Clarice Lispector que compõe o cenário da maldade como presença em suas personagens e mesmo, Nelson Rodrigues, *o Anjo Pornográfico*, que muitas vezes enoja seus leitores com a maledicência de suas cenas contextuais.

Muitas vezes maldade é confundida com perversão e vice-versa, para tanto, discutiremos este conceito para abraçá-lo ao tema da tese.

Clarice Lispector²⁸¹ (1944) explora o território do insuportável da maldade aliado ao feminino em *Perto do Coração Selvagem*. Irradia a liberdade humana como fonte de expressão e aprisionamento do ser falante com sua personagem Joana.

O tema da maldade apresenta-se de maneira diferente em Nelson Rodrigues, escritor polêmico e revolucionário. Ao longo de toda sua literatura trata e retrata acontecimentos do cotidiano, mostrando de fato *a vida como ela é*²⁸²... Encontra-se em sua obra diversas e freqüentes cenas dramáticas em que os limites são excedidos e as personagens se angustiam. Na peça teatral *Perdoa-me por me traíres*²⁸³ (1957), por exemplo, a mulher torna-se, neste contexto, alvo do próximo que a angustia. O feminino é resposta e imersão em uma teia de maldade, dramaticidade e perversidade.

Nestas produções discursivas o mesmo tema ressurge em trajetos diferentes, no primeiro momento, com Joana, o Mal é fundamental e singular ao feminino²⁸⁴, é necessário para o sujeito, enquanto que com Glorinha, a estrela de Nelson, a maldade é capturada como resposta às determinações do Outro. Um trânsito por estas construções literárias será desenrolado para que uma teia de abertura da maldade possa ser verificada num proposto encontro com o *pathos* que desta produção possa emergir.

Aqui um pequeno percurso, por dois fragmentos representativos da literatura brasileira de meados do século passado e duas apresentações da clínica da atualidade, tornar-se-ão os balizadores do tema tão discutido nos divãs e em agrupamentos sociológicos: a maldade.

Clement Rosset²⁸⁵, em *O Princípio da Crueldade*, presenteia os leitores com suas articulações sublimes sobre o tema. Trabalha a idéia de que a crueldade pode ser lida de duas formas: a primeira, usual e freqüente, sinaliza para a natureza dolorosa e trágica da realidade enquanto que a segunda, principal em seu estudo, tem o lugar de ser única e, em

²⁸¹ Lispector, Clarice. *Perto do coração selvagem* (1944). São Paulo: Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

²⁸² Rodrigues, N. *A vida como ela é*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1989.

²⁸³ Rodrigues, Nelson. *Perdoa-me por me traíres* (1957). In *Teatro completo. Tragédias Cariocas I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

²⁸⁴ Categorias construídas pela autora para designar o conceito de maldade.

²⁸⁵ Rosset, Clement. **O princípio da crueldade**. Rio de Janeiro, Rocco, 2002.

consequência, irremediável e inapelável desta realidade²⁸⁶. Esta realidade pode ter o tom de cruor, deriva de crudelis (cruel), assim como de crudus (cru, não digerido, indigesto). Neste último caso, a referência é a carne isenta de ornamentação, reduzida a uma única realidade, tão sangrenta quanto indigesta. Sobre este tema remetemos o leitor aos comentários de João-Frayse sobre a arte de Alex Flemming²⁸⁷. O artista denuncia esta crueldade expondo bichos embalsamados sobre latas de lixo, tem o trabalho de recortar e costurar toda a carne e depois fazer um suposto uso artístico daquilo que antes já era considerado resíduo social. Retomaremos estas obras mais adiante.

O que Rosset denomina de mais cruel nesta realidade não reside em seu caráter de fato cruel, sua máxima é o tom inelutável, indiscutivelmente cruel. Um de seus belos exemplos é uma indicação da leitura de Nietzsche sobre as músicas de Carmem de Bizet e, especialmente, em Wagner. Considera que estas músicas não são alegres em suas construções francesas ou alemãs, pelo contrário, paira sobre elas um tom fatalício, uma felicidade breve, súbita, sem perdão, logo, inelutável e incerta. Crueldade africana, por excelência: eufórica e fatalícia.

Suas idéias também estão debruçadas sobre a crueldade no amor, variação da crueldade em geral. O amor, segundo ele, pode fazer tanto mal quanto bem, dependendo de seu investimento. Quando é o amor versa sobre outra pessoa há uma possibilidade de sua abertura para o mal endereçado a si mesmo. Logo, a *verdade do amor não combina com a experiência do amor*²⁸⁸, tendo em seu fim o maior exemplo de crueldade, por mais contraditório que pareça.

Retomando, o mal-estar da civilização contemporânea, segundo esta hipótese, aproxima-se muito daquilo que está *longe do coração*; portanto, distante do âmago desejante e *perto da traição*²⁸⁹, próximo e mergulhado na traição de seu desejo, contudo, banhado pelo continente gozante.

²⁸⁶ Idem. P. 17

²⁸⁷ Frayse, João. **Recepção estética em exposição de arte: ilusão, criação, perversão**. In A invenção da vida. Sousa, Tessler e Slavutzky (org). Porto alegre: Artes e Ofícios, 2001.

²⁸⁸ Ibidem. P. 46

²⁸⁹ Trocadilho construído pela condensação das duas obras citadas, **Perto do coração selvagem e Perdoa-me por me traíres**, respectivamente, de Clarice Lispector e Nelson Rodrigues.

Antes mesmo de enfrentar a temática da maldade neste respectivo texto vale salientar especificações dos conceitos: a maldade, advinda inclusive do mal-estar na cultura, sempre está ligada a atos específicos, com finalidades providenciais, contra algo, por exemplo, contra a lei, contra a justiça, contra o homem; enquanto a perversidade pode ser considerada um estado, é uma potência do mal e pode utilizar artimanhas diversas para a conquista de um fim. A perversidade é um jogo necessário entre o sujeito e seus assujeitamentos ao mundo, uma recusa às ofertas do humano e enfrentamento da lei social. Enquanto a perversão é tida como uma anomalia desviante, no contexto médico, assim como, no jurídico e é uma possibilidade de posicionamento psíquico diante da Lei na psicanálise. Neste capítulo a pontuação percorrerá os dois primeiros conceitos, a maldade e sua potencialidade, a perversidade. Mais adiante um debate sobre o tema da perversão advirá.

A concepção de maldade aparece enraizada especialmente na filosofia e na sociologia, dando conta dos percalços do sujeito e da corrupção social. Contudo, este tema estará condensado como conceito necessário, por excelência, para pensar em possibilidades diante da clínica psicanalítica. Discutir como o mal está imbricado nas escolhas subjetivas será o desenrolar deste capítulo. Duas categorias foram construídas para articular essa idéia, a saber: o mal como fundamento desiderativo e singular ao feminino e capturado na montagem perversa como resposta às injunções do Outro.

1- O mal como fundamento desiderativo e singular do feminino

Joana, protagonista de Clarice Lispector, desde pequena *estava ali. Ser feliz é para conseguir o quê?*²⁹⁰ - assusta a professora ao indagá-la sobre a felicidade. Não brincava como as outras crianças, sua produção era reduzida no indagamento do mundo. Para isso construía neologismos e era capaz de ficcionar as palavras por horas a fio. Na adolescência nada dizia, calava-se e com seu silêncio mortificava quem estivesse ao seu redor; na vida adulta, fascinava e, simultaneamente, amedrontava os outros. O pai falecera, a tia expulsou-a de sua vida por não mais suportar seus atos, o marido apavorava-se porque

²⁹⁰ Lispector, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Op. Cit. P. 138.

ela, constantemente, superava-se e o amante rendia-se ao seu fascínio e terror. As mulheres sentiam sua maldade e não continham o espanto e a inquietude, mas ela sabia que:...*quem me quer não me conhece, quem me conhece me teme*²⁹¹.

Eis o lema de Joana: quando desejada só o era pelo velamento; quando conhecida espantava quem quer que fosse. Assim sua rede discursiva sugere uma busca incessante por uma selvageria na relação com o *próximo*²⁹².

*As colegas riam, mas aos poucos nascia alguma coisa de inquieto, doloroso e incômodo na cena. Elas terminavam por rir demais, nervosas e insatisfeitas. Joana, animada, subia sobre si mesma, prendia as moças à sua palavra, cheia de uma graça ardente e cortante como ligeiras chicotadas. Até que finalmente envoltas, elas aspiravam o seu brilhante e sufocante ar. Numa súbita saciedade, Joana parava então, os olhos secos, e corpo trêmulo sobre a vitória. Desamparadas, sentindo o rápido afastamento de Joana e seu desprezo, também elas tombavam murchas, como envergonhadas. Alguma dizia antes de se dispersarem, cansadas umas das outras: - Joana fica insuportável quando está alegre...*²⁹³

A passagem acima demarca o território do horror construído por Joana diante das adolescentes. Delas vingou-se surpreendendo-as com suas pontuações sublimes e certeiras, provocadoras de inesperados momentos de retraimento. Suas palavras eram escassas e representava friamente, enquanto isso sua alegria era dilacerante. *Perto do selvagem* responde ao Outro de maneira sádica, angustiante. Sua posição independe daquilo que fora proposto e instituído socialmente, o considerado bom e útil para a maioria para Joana é ultrajado, sendo refém exclusivamente de sua conveniência. A menina calada em seu tom melodioso grita e esperneia por um contra-social, autoriza-se a subjetivação. Usa seu ser para gozar dos bens, faz o que lhe vem à cabeça, sem prestar contas a ninguém.

²⁹¹ Idem. P. 221.

²⁹² Utilização da denominação próximo para fazer jus ao texto de: Julien. P. **O estranho gozo do próximo: ética e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1996.

²⁹³ Lispector, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Op. Cit. ps. 163 e 164.

Lacan em Kant com Sade²⁹⁴ fará menção ao gozo proposto pela problemática sadiana, gozo categoricamente ético, visado como um gozo Antígona de ser. Nesse ínterim Joana, a personagem apresenta-se pela selvageria, pela maldade exatamente no contra-fluxo da relação com o Outro. Ao ser desamparada, ela desampara e com isso a grande vitória é particular e singular já que obedece ao seu desejo.

A famosa personagem de Lispector, neste pequeno fragmento depara-se com seu desejo - a destruição. *Perto do coração selvagem* pode ser lido como uma epígrafe ao tema do desejo. Ela constitui-se do mal em busca de sua subjetivação. É como se essa necessidade e urgência do mal fosse responsável por uma passagem singular, um distanciamento do *próximo* ou de si mesma, uma separação, para uma aproximação - *perto do coração*. Seria pela via do mal sua aproximação com o desejo?

O mal estaria sendo representado como um significante de acesso ao mundo da cultura, da linguagem, portanto a destruição de outrem ocuparia o lugar de elemento de transição, inerente ao feminino. Joana desamparada na infância, solitária na adolescência e transfigurada na idade adulta, mistura o mal à sua essência. Sua maldade endereça-se à suposição de desejo e ao efeito de angústia que provoca. A ex-istência sinaliza o corromper e dividir o Outro, aquele que a priva de algo. Ao sofrer, seu *próximo* mantém-se dividido, em falta, e com isto ela goza, assim, maldosamente, se apropria do *logos*, das idéias dos outros. Próxima do coração e distante da subjetivação, Joana está afogada em seus pensamentos e fundamentada desiderativamente no universo lascivo da maldade. Precisa da maldade para ser; por ela enlaçada de tal forma que a faz explorar seu sentir. -*Conheço-a, sei quanto é firme sua maldade*²⁹⁵. - diz Lídia. Esta, a amante do marido fragiliza-se diante dela, sua posição sádica destrói a palavra da rival. Ainda cabe sinalizar que a utilização da palavra sadismo está sendo presente para potencializar o mal, ora poderá ser substituída por perversidade, ainda não cabe a distinção freudiana do par antitético sadismo e masoquismo.

Retomando, os homens que passaram pela vida de Joana: pai, tio, marido e amante, frágeis e impossibilitados de ofertarem-lhe a Lei, denunciaram sua posição maldosa. A ausência da mãe (falecida quando era pequena) transformou-se em presença

²⁹⁴ Lacan, J. **Kant com Sade**. (1963). In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 1998.

²⁹⁵ Lispector, C. **Perto do coração Selvagem**. Op. Cit. P. 160.

avassaladora em seu imaginário; ela era uma víbora (dito pelo pai) e gerou outra víbora - uma dinastia marcada pelo mal e particularizando-se em mito familiar. Dessa forma, Joana acredita e resigna-se que sua única posição e servidão é ao mal, *ela nasceu para isto...*

2- Construções do mal na relação com o Outro

Mas, afinal, o que poderia ser considerado *maldade* diante da clínica psicanalítica, visto que este é um conceito importado da filosofia?

Julien (1996) acentua a angústia que o *estranho gozo do próximo*²⁹⁶ provoca nos seres de linguagem. Essa representação pode ser absolutamente útil para tentar responder à indagação. Portanto cabe decodificar essa angústia.

Ao nascer, o rebento é um corpo afórmico, necessitando de marcas psíquicas para sua sobrevivência. O recém-nato representado por esse corpo deve ser investido psiquicamente e demarcado pela pulsão para sua entrada no mundo da natureza, assim, por esse investimento acaba, na maioria das vezes, ocupando um lugar de verdadeiro objeto do desejo do outro. Como um brinquedo o infans responde ao desejo daqueles que o desejam. Seus primeiros momentos de vida são aparições exclusivas de necessidade física, biológica, tais como: comer, dormir, fazer cocô e xixi. Aos poucos essas satisfações são substituídas por demandas que acopla às suas necessidades, verdadeiros pedidos de amor. No entanto, ainda se mantêm como refém do Outro. Para sair desta condição e acessar ao mundo da cultura, tornar-se um ser de linguagem, é necessário que haja uma construção psíquica calcada na representabilidade do Outro. Logo, a criança precisa do Outro para constituir-se psiquicamente. Este que, em princípio, pode ser representado pela mãe, recorta seu corpo/carne, inscreve uma história para o bebê e oferta-lhe significantes que determinam sua imagem. Este Outro, considerado seu semelhante, satisfaz às necessidades e responde às demandas de forma alienada deste pequeno objeto de seu desejo.

²⁹⁶ Trocadilho com o livro homônimo de Julien.. **O estranho gozo do próximo**. Op. Cit.

Esta relação é possível pelo princípio que a rege: o escape ao desprazer e acesso ao prazer (processos primários), um quer o bem do outro. É necessário que estes seres, criança e Outro, se completem. Cada qual atribui imantação ao outro, completam-se mutuamente, não há, neste momento primitivo, possibilidade de cisões e separações.

Ao se separar desta insistente junção, ser interdita, entrar no mundo da cultura, desejar, portanto, a criança distancia-se do semelhante e conhece o seu *próximo*. Diferentemente do semelhante, o próximo é estranho, sinistro, ominoso como diria Freud em *Unheimliche*²⁹⁷ (1919). O próximo é estranho a si mesmo e inominável. O Outro/próximo provoca uma inquietude por gozar para além do princípio do prazer, por responder ao princípio da realidade, isto quer dizer que o gozo do Outro pode implicar ao Mal e vice versa.

Caillois²⁹⁸, em *Psicastenia legendária*, é absolutamente explícito em dizer que é o semelhante que produz o semelhante. Percorreremos sua idéia. O autor, ao trabalhar o princípio do mimetismo no reino animal, traz inúmeros exemplos de animais que, para se defenderem ou mesmo sobreviveram, mimeticamente, transformam-se em outros animais ou objetos, mudando suas cores e seus hábitos. É o que foi denominado de mimetismo morfológico, ou mesmo o mimetismo cromático como acabado de ser citado. Estas espécies miméticas funcionam como uma cadeia animal, em que preservar sua espécie seria sua máxima.

Deste tanto, afirma que é o semelhante que produz o semelhante. Pela semelhança não são mortos, tampouco extintos. Além da questão de defesa exposta no mimetismo outra idéia fundamental é a de percepção do espaço, é preciso ser outro de si mesmo para perceber o espaço que te rodeia. Concluindo, para Caillois o mimetismo é formado por uma espécie de instinto, tendo uma necessidade fisiológica e, sobretudo, de satisfação.

²⁹⁷ Freud, S. **O estranho**. (1919). Rio de Janeiro: ESB: 1980.

²⁹⁸ Caillois, Roger. *Psicastenia legendária*. In *Che voi? Psicanálise e cultura*. Porto alegre: cooperativa cultural Jacques Lacan, ano um, número zero, outono de 1986.

Assim, o semelhante é aquele que está sempre pronto a partilhar, ofertar prazer e produzir o bem para aquele que se compõe como seu objeto. Ao próximo é cabível somente a subjetivação - seu gozo, independente de como seja ou do que produza; seu recôndito é a privação. O próximo não mais completa o ser, como o fazia o semelhante, ele é trépido e maléfico. Goza de forma estranha porque distante.

O estranho gozo do próximo produz maldade, não partilha, todavia, priva. Há privação porque este Outro faz questão em mostrar seu gozo, sem vergonha e eis a privação. Odiar este Outro, que não é semelhante porque só priva é o destino de uma relação com o próximo; como as colegas de Joana que se faziam de próximos na construção da feminilidade.

Tal qual a epígrafe do romance aponta: *Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida.* Em uma produção de James Joyce, a construção discursiva apontada por Clarice é embebida em seu texto; Joana permanece diante do selvagem...

Aqui se pode traduzir a categoria da maldade citada: o mal como fundamento desiderativo ao feminino. Diante do processo de alienação, necessário para a constituição do sujeito do desejo nada é abalado, a completude é estampada e a criança é objetivada, goza freqüentemente. Ao entrar um Outro interditor desta relação, privando e frustrando a mãe e castrando a criança a separação se torna o operador fundamental dessa suposta relação. Para tanto, separada, a criança desamparada precisa desejar para sua sobrevivência. Diante disso aquele que lhe completara agora o é ameaçador e egoísta. Como fundamento desiderativo responde-se pela maldade.

Freud, em 1905, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, enfatiza a posição da criança como uma perversa polimorfa, denunciadora e mais ainda, executora de atos transgressores e angustiantes. A criança no processo de parcialidade pulsional apresenta-se por esta *perversidade*. Em princípio, estes componentes parciais da sexualidade, na puberdade, deverão se organizar ao longo da zona genital. É perversa a sexualidade infantil porque impõe fins que não os normais, genitais segundo a teorização

freudiana. No adulto, pode haver uma regressão a um destes momentos infantis, numa produção perversa da sexualidade.

Joana posiciona-se exatamente com este olhar criança, destrutivo e inexorável. *Seu sadismo infantil mostra ainda não ter sofrido as vicissitudes do crescimento.*²⁹⁹. Isso se apresenta visto que o adolescente, diante da problemática Edípica que a ele foi imposta necessita de uma tomada de decisão acerca de suas escolhas objetais, assim, o supereu como fruto do complexo de Édipo barra seus excessos. Joana, com um supereu fragilizado, se o é possível nomear, é presa de sua própria maldade.

É como se este mal fosse responsável por uma urgência de passagem em sua singularização, em seu distanciamento do próximo, ou de ser próximo de si mesma, de separação, tornando-a humana. Seria como um significante de acesso ao mundo da cultura, da linguagem: a destruição e a maldade tornar-se-iam para ela um elemento de transição.

*... sentia que essa estranha liberdade que fora sua maldição, que nunca ligara nem a si própria, essa liberdade era o que iluminava sua matéria. E sabia que daí vinha sua vida e seus momentos de glória e daí vinha a criação de cada instante futuro*³⁰⁰.

Nos mitos e contos apoteóticos da estória, o mal está preferencialmente veiculado às figuras femininas de Lilit a Eva, personagens insubordinadas à Lei do Pai, que acabam por posicionar-se como violadoras em potencial, constituídas pela perversidade. Desta forma, Joana acredita e credibiliza que sua única posição e servidão é ao mal, ela nasceu para isto...

Essa é uma das hipóteses sobre a questão da maldade lida pelos aportes psicanalíticos. Outra hipótese é a trazida pela personagem Glorinha de Nelson Rodrigues.

²⁹⁹ Rosenbaum, Y. **Metamorfoses do mal: leituras de Clarice Lispector**. São Paulo: Edusp: 1999.p. 35.

³⁰⁰ Lispector, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Op. Cit. P. 238.

3- O mal capturado na montagem perversa como resposta às injunções do Outro

Glorinha, a protagonista da dramaturgia de Nelson Rodrigues *Perdoa-me por me traíres*³⁰¹, é levada, no 1º Ato, até um prostíbulo por sua amiga Nair, freqüentadora assídua do local. A menina recatada é, simultaneamente, tomada por um encantamento aos atos transgressores e surpreendida ao receber a confissão da gravidez de Nair e a súplica por seu auxílio na retirada daquele feto. Imediatamente a imagem de sua mãe salta-lhe aos olhos. Sua morte é lembrada. Naquele tempo a menina tinha dois anos. Passados 14 deste tanto, o enigma e o fascínio pela forma com que a morte aplacou a genitora, por envenenamento, trazia-lhe elementos da beleza e da coragem. Como em aparições shakesperianas a mulher morre por amor produzindo um imaginário social da servidão e entrega absoluta ao cortejamento. Glorinha tentou como representante do feminino essa mulher resignada que amou até o fim o marido e preferiu a morte a traí-lo constrói delírios sobre a constituição da mulher. Envolvida por esse épico é convidada à morte pela amiga, preferencialmente por envenenamento durante uma sessão cinematográfica assistindo a um filme com o ídolo Gregory Peck. Prestes a aceitar o convite vacila diante da possibilidade. Por um lado estava pronta a repetir a estória da mãe, por outro seu endereçamento amoroso seria a amiga e não o homem. Hesita fascinada e amedrontada. Contudo é o medo corporificado na figura emblemática de seu tio e algoz que a paralisa.

Nair inconformada com a recusa da amiga, pede-lhe que a acompanhe até o *Fazedor de anjos* onde o aborto seria consumado e, caso viesse a morrer, ao menos Glória a ampararia. Enquanto o *suposto* aborto acontecia algo funcionou errado e uma súbita hemorragia agonizou Nair. No desespero da cena Glorinha corre em direção à rua e ao fundo escuta-se aos gritos:

Nair (num gemido de homem). – Glorinha me paga...³⁰².

Após o episódio, Glorinha, já em casa, age como se nada tivesse acontecido. Cena que marca a abertura do 2º Ato. Enquanto isso o algoz Raul é notificado pelo médico para prestar socorros a Nair que, diante da morte, delata Glória, a amiga traidora. Tio Raul

³⁰¹ Rodrigues, N. **Perdoa-me por me traíres**. Op. Cit.

³⁰² idem.p.144

acreditando que a sobrinha fosse uma menina ingênua e meiga fica furiosos ao saber sobre suas peripécias e mentiras. Descobre as brincadeiras que fizera durante o carnaval, sobretudo, a fantasia colada ao corpo da sobrinha que, embriagada, despiu-se para um homem. Através de Nair ainda fica sabendo sobre o enfadonho encontro da menina com o deputado no prostíbulo. Por sinal o velho era vizinho de Raul sabe mais ainda de suas escapadas das aulas e suas inúmeras mentiras. Depois de desmascarada e, no ápice do desfalecimento, Nair morre vingando-se da amiga que a deixou sozinha no momento de dor.

De maneira diferente de Clarice Lispector, a maldade instituída por Nelson Rodrigues através dessa cena é capturada a partir de uma trama estabelecida por estória de mortes, assassinatos, violência e loucura: cenas que provocam uma ratificação subjetiva que vislumbra o aniquilamento e o distanciamento do próximo em determinado contexto. Afastar-se do próximo é necessário porque é este que faz mal, que separa o sujeito do seu estado de êxtase, portanto, da alienação. É preciso que o sujeito mesmo possa transformar-se em seu próprio próximo, ser um outro de si mesmo, todavia livre das artimanhas de outrem. Glorinha outrou-se, em busca de sua sobrevivência, diante do tio uma santa, distante dele uma puta.

Assim em *Perdoa-me por me traíres*, a maldade foi consagrada contra o sujeito mesmo que se assujeitou ao olhar do próximo e deste tornou-se presa e, talvez, vítima. A questão surge como um contra – desejo, um antiético que dilacera a personagem e o faz retornar ao estado de objetivação. Por isso é preciso perdoar a si mesmo, abandonar a maldade que foi autorizada contra outrem e procurar a bondade para o próprio sujeito.

Diante das injunções do Outro, antes semelhante e agora próximo, que a faz sentir-se culpada e detém seus desejos, fazendo-a de objeto, Glorinha captura o mal como condição necessária de sua sobrevivência, ou mesmo de seu desejo. Tal qual Nair o faz em sua maldade veiculada à amiga. Glorinha abandona Nair porque ao ficar lá sucumbiria, logo, no momento em que a amiga mais a desejou e ela a abandonou.

Quando o Outro desmascara seu *mais que gozar*, é que ele torna-se seu próximo. Glória estava impedida pelo in-conformismo de Nair em viver, enquanto ela desaparecia, a moça enfrentando a morte convoca o mal para poder safar-se e não ficar

sozinha. Glória a traiu, deixou de ser sua semelhante, não são mais iguais para arriscarem-se à semelhança. Por isso ela haveria de ser punida.

Por um lado, o maior pavor e espanto de Glória era o tio/vilão Raul. Nair, por outro lado, conhecedora do pavor da amiga fere-lhe o coração, clamou por Raul para como seu álibi destruir a amada.

Neste momento, pode-se verificar três posições distintas sobre a maldade representada nesta dramaturgia: a primeira, de Nair em relação a Glória, acima descrita; a segunda, de Glorinha em relação a Nair, no cruel abandono na hora da morte e, a terceira, de Raul em direção à sobrinha, quando relata cruelmente a verdadeira saga de seus familiares e o triste fim de sua mãe em uma trama por ele elaborada.

Em relação ao terceiro momento, explicitado sobre a maldade, será isento de comentários. Faz-se mais coerente ater-se ao segundo episódio. Nair, a amiga e confidente, apresenta Glória a um mundo até então desconhecido e completamente envolvente: prostíbulo, dinheiro, prazeres carnavais, pulsações diversas, além de medo, pobreza, sujeira e crueldade.

Glorinha está capturada, nessa passagem, de extrema diferença consigo mesma. Ela foi convocada para morrer com a amiga, assistir a seu extermínio e assujeitar-se a uma cumplicidade feroz. Sua resposta é o abandono e a maldade, largando a amiga na cova das feras.

Nelson Rodrigues finaliza o drama no 3º ATO. O tio algoz confessa à Glória sua participação na morte de Judite, sua mãe. Ele a amava, mas ela não correspondia ao seu amor, seu carinho e sua atenção. Somente possuía olhos para Gilberto, irmão de Raul. Articulou; portanto, um plano para que o marido de sua amada desconfiasse do seu amor e acreditasse em relações promíscuas da esposa com outros homens. Gilberto, pai de Glorinha, enlouqueceu diante desse espetáculo e Raul, despistando a culpa do proposital plano aproxima-se como consolador de Judite. Mesmo abandonada pelo marido, Judite preferiu a resignação à traição ao marido e, assim, rejeita o amor de Raul que triste e desamparado planejou envenená-la.

Glória, num cenário atual, diante da confissão do tio, fica perplexa. Raul, tomado pela presença da morta – viva, Judite transporta para a menina todo o seu amor. Da mesma forma ele é rejeitado e em resposta ao duplo abandono e recusa das mulheres amadas, o tio obriga-lhe ao envenenamento. Contudo, Glorinha, mais perspicaz do que a mãe, usa da esperteza e da sedução pedindo-lhe um beijo para que como uma Julieta possa morrer extasiada. Numa artimanha absolutamente sedutora, o tio é capturado e beija-lhe os lábios e, finalmente, cerra os olhos. Tempo esse que Glória despeja-lhe na boca o líquido composto pelo veneno. Enquanto isso, ela liga para o prostíbulo...

Mas quem faz mal a quem? Qual a temática que ronda essas apresentações diferentes? Uma caminha em favor de uma singularidade; outra, de uma defesa? Como se constitui esse Mal?

4- O mal e suas verdades

Nietzsche (1887) em *A genealogia da moral*³⁰³ considera que nem a vida, nem sequer qualquer potência natural, pode estar além do Bem e do Mal, essenciais e necessárias ao indivíduo. A vida está aquém... Logo, Bem e Mal, surgem exclusivamente dos processos de verdade que os seres de linguagem constroem. Se existe Mal é necessário e imprescindível pensá-lo em sua relação com o Bem ou ser considerado como seu efeito. Quando *radical*, absoluto, deve ser impedido de todas as formas, enquanto *parcimonioso* é singular e primoroso para a vida. Por um lado, o Mal *radical* é o que existe como norma negativa para toda a sociedade: crimes; extermínios e atrocidades, algo considerável, indizível, sem palavras, ou mesmo uma ratificação da pura angústia. Responder pelo absoluto do Mal é uma decodificação do estar-junto, manter-se colado, alienado ao *semelhante*. A crença de que é possível uma destruição total ou uma posse do desejo do Outro é o supra-sumo da maldade, sufocante e antiético. Por outro lado, o mal *parcimonioso* é fundamental ao *status quo* social e, simultaneamente, é visor subjetivo da perversão polimórfica infantil.

³⁰³ Nietzsche, F. **A genealogia da moral**. (1887). In Os pensadores. São Paulo: Editora Abril: 1978.

O Mal é uma ficção, uma invenção dos seres culturais, ou melhor, uma categoria da verdade construída e edificada pelos falantes. Esta verdade, segundo Badiou³⁰⁴ (1995), assume três correntes verossímeis. A primeira é sua composição por um *acontecimento*; a segunda por uma *fidelidade* e a terceira por um *resultado*. O *acontecimento* tem como premissa fundamental inscrever e nomear o vazio pode-se dizer que é um movimento que visa tamponar a falta, deixando de ser considerado verdadeiro. A verdade como *fidelidade* não é necessária, é aleatória e, para assumir seu caráter de verdade, necessita ser incerta. *Sabemos que é por haver esse aleatório que há lugar para uma ética das verdades*³⁰⁵. E, por fim, a verdade demanda um *resultado*, representado por sua força, pelos seus saberes e por sua potência; logo, elevar essa potência à máxima é destruir a sua condição de verdade.

O pensamento do Mal depende dessas três dimensões do processo de verdade. Quando o acontecimento não convoca o vazio, mas a plenitude, o Mal é reverenciado *como simulacro ou terror*; quando há fidelidade absoluta, certeza plena, o *Mal* é tido como *traição e*, quando uma verdade identifica-se a uma potência total, ocorre o *Mal* como desastre. De que lugar Joana fala? Qual sua verdade diante do Mal? E Glória, a personagem de Nelson Rodrigues?

O Mal de Nair é uma *traição* e ao mesmo tempo um *simulacro* para Glória, sua proposta era de excesso de alienação entre elas, entrega total, certeza plena, ausência de vazio. Diante da separação, da não fidelidade absoluta, da não completude, a maldade de Nair é edificada como uma verdadeira *traição e terror*, precisa destruir a outra tal qual ela o foi. Há uma urgência pelo retorno da semelhança.

Glorinha, por sua vez, escapa deste jogo que a laçou até então, posicionando-se pela maldade como quebra da fidelidade.

*A fidelidade a um simulacro, diferentemente da fidelidade a um acontecimento, determina sua ruptura, não pela universalidade do vazio, mas pela particularidade fechada de um conjunto abstrato*³⁰⁶.

³⁰⁴ Badiou. **Ética: um ensaio sobre a consciência do mal**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará:1995.

³⁰⁵ Idem.p.72

³⁰⁶ Ibidem P.77

*... Pois o inimigo de uma verdadeira fidelidade subjetiva é justamente o conjunto fechado, a substância, a comunidade.*³⁰⁷

O mal como *desastre* - sua identificação com a potência - é representado pela posição de Joana que, diante da máxima de sua ex-sistência, colapsa... É de seu ser que emana o mal, é de sua posição subjetiva:

*...mas vencia de qualquer modo, mesmo que fosse desprezando alguma coisa.*³⁰⁸

*... é uma sensação de poder extra-humano conseguida em certo grau de sofrimento.*³⁰⁹

Porque há em Joana:

*...certas presenças que permitem a transfiguração.*³¹⁰

Uma construção ética deve procurar deter o *terror*, a *traição* e o *desastre*. Para isso o acontecimento deve vir a ser, não nomear o vazio da situação anterior, mas a sua plenitude deve tendenciar ao particular do caso e não à sua universalidade. Deve estar ligado à particularidade pelo seu vazio para se tornar uma verdade.

Quebrar a ficção e a colagem ao Outro é a própria traição. *A traição não é simples renúncia. É preciso que eu traia em mim o tornar-se sujeito, que eu me torne inimigo dessa verdade cujo sujeito era composto, às vezes com outros, pelo 'alguém' que sou.*³¹¹ Logo, ausência da ética de uma verdade é uma traição. O Mal é exposto por uma verdade.

A posição da verdade em detrimento da ficção des-constrói a estória,... *É preciso, assim admitir que além da linguagem da situação objetiva, que permite a comunicação das opiniões, existe uma língua-sujeito (língua da situação subjetiva), que permite a inscrição de uma verdade.*³¹²

³⁰⁷ Ibidem. p.78

³⁰⁸ Lispector, op. Cit. p.172

³⁰⁹ idem. P. 173

³¹⁰ ibidem p. 200

³¹¹ Badiou. **Ética: um ensaio sobre a consciência do mal.** Op. Cit. P. 81

³¹² idem.. p. 83

Dessa forma, o Mal se desfigura e o Bem só é Bem porque não pretende tornar o mundo bom. É uma verdade singular - a potência de sua verdade deve ser, simultaneamente, sua impotência. Quando a verdade é absoluta estamos diante do Mal, é a destruição da situação e a interrupção do processo de verdade, destituindo a duplicidade dos interesses. *O mal é um desastre*, nestes casos. Nair e Glória talvez não tenham sofrido desastres. E Joana?

... O Mal é, a cada vez, sob a condição de uma verdade, querer a todo preço forçar a nomeação do inominável, É esse exatamente o princípio do desastre.

*Simulacro (correlato de acontecimento), traição (correlata da fidelidade), forçamento do inominável (correlato da potência do verdadeiro): tais são as figuras do Mal, Mal cujo único Bem reconhecível – um processo de verdade – coloca na ordem do dia a possibilidade.*³¹³

Ficam as questões: o inominável é o Gozo de Joana? Ou o ato de Glorinha? Há MAL em Joana? Em Glorinha? Ou há ética? Ética do Bem dizer?

5- O Mal e a perversidade feminina: distinções e construções

Cabe distinguir, de forma sucinta e evidente, os conceitos de maldade, perversidade e perversão. A composição da perversão é caracterizada por uma relação muito singular com o desejo, com o gozo, com o Outro e com o prazer. O *ser para ser falante*, isto é, o sujeito do inconsciente, só pode dizer ou interrogar sua origem inscrevendo-se num cenário, numa espécie de mito mínimo em que ele se fixa. A produção de uma cena, todavia, pode tornar a capturá-lo, engendrar seu ponto mais íntimo, aquilo que ele tem de mais real, o próprio cerne de seu ser, ou como dizia *em suma* Freud: *a causa de todo o seu discurso*.

³¹³ Ibidem. P. 87

O mundo de Joana é conduzido por uma única ótica, um olhar e ser olhada que conduz a um universo forjado da maldade. Decodificou-se que a maldade estaria ligada a atos específicos enquanto que a perversidade poderia ser traduzida como um estado uma potência do mal, forma de assujeitamento ao mundo. Joana não comete atos isolados tal com o faz Glorinha. Assim pode-se dizer que seu instrumento de vida e quiçá de morte á a perversidade.

O sadismo de Joana criança, que destruía e ressuscitava bonecas, aparece, assim, sofisticado pela maturidade da mulher; nesse processo, a perversidade surge como caminho inevitável para quem nega a forma do mundo pela dificuldade em se comunicar com ele. A intencionalidade de Joana é a busca da liberdade e do selvagem coração da vida, mas se o faz selvagemmente, perversamente, sadicamente, é porque desconhece as contingências de sua própria potência.³¹⁴.

Em distinção desses dois temas anteriores, a saber, maldade e perversidade a perversão é aliada da renegação da realidade, recusa da castração e clivagem do eu. A renegação da realidade, representada pela negação da ausência de pênis na mulher (mãe), conduz diretamente a renegação da castração. *A elaboração do objeto fetiche é uma formação de compromisso entre duas correntes psíquicas conflitantes: uma consigna a ausência do pênis na mãe; a outra lhe atribui imaginariamente o pênis que supostamente falta na forma do objeto fetiche.* Estas são consideradas representações distintas, sem conflito, apontadas para a clivagem do eu.

Na perversão, o tema central é a castração em seu atestamento e recusa. Aproximar a tese das perversões do jogo fálico e das identificações perversas é uma elaboração de um objeto imaginário que falta à mãe. Assim, num primeiro momento a criança identifica-se a este objeto para preencher a mãe faltosa (identificação fálica), e num segundo momento surge a questão de ser castrado ou não, produzindo, todavia angústia.

Há, segundo Freud três saídas para este processo, como já discutido anteriormente. O primeiro é quando a criança aceita, bem ou mal, a castração e a lei de interdição ao incesto, assim pode, mais tarde desenvolver sintomas para suportar esta perda.

³¹⁴ Rosenbaum, Y. **Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector**. Op.cit. p. 48

Chama-se isto de saída neurótica. *As outras duas, são respectivamente, a fixação (associada à regressão) e a renegação da realidade, que parecem apontar para dois tipos especiais de perversão: homossexualidade e fetichismo.* A homossexualidade resultaria de uma reação de defesa narcísica diante da castração. O fetichismo é um processo psíquico mais complexo: o sujeito se recusa a reconhecer a existência da percepção traumatizante da ausência de pênis na mãe (na mulher), há uma reação por uma formação substitutiva e um fetiche advém neste lugar (assim, a partir desta formação de compromisso, não renuncia ao falo feminino e a angústia de castração é neutralizada).

Neste tanto, fica evidente diante dessas duas construções importadas da literatura, pelos textos de Clarice Lispector e Nelson Rodrigues, que não é do universo da perversão de que se trata. O ponto princeps desse questionamento é a verossimilhança dos atos e assujeitamentos maldosos e repletos de perversidades das personagens.

Logo, na perversidade, segundo Patrick Vignoles³¹⁵:

Se a perversidade qualifica o estado daquele que é capaz de imaginar todas as formas possíveis do mal, então a perversidade, mais fundamentalmente que a maldade, mostra que o mal é o triunfo sobre o Um e o limite (a lei) do múltiplo e do ilimitado (o desejo), disso que os gregos chamam de hybris – a desmedida, o orgulho do ser no qual desencadeia-se a vontade de potência. O mal é a coisa sem limites e indefinida: o mal infinito. É vago e indeterminado. (Rosenbaum)³¹⁶.

6- Mulheres e maldades

O conceito de maldade foi usado aqui como algo providencial e necessário; concomitantemente, o conceito de perversidade é traduzido pelo estado elevado da potência do mal, é aniquilador e provocador de um contexto lascivo e cruel-é proposital; de todas as formas assume o lugar de um desastre.

³¹⁵ Vignoles, Patrick. **A perversidade: ensaio e textos**. Campinas: São Paulo, Papyrus, 1991.

³¹⁶ Rosenbaum, Y. **Metamorfoses do mal: uma leitura de Clarice Lispector**. Op. Cit. P. 47.

Carmem, analisanda da contemporaneidade, utiliza-se da maldade e, sobretudo, da perversidade para destruir todos ao seu redor, seu desejo é denunciado pelo dilaceramento daquele que se opõe ao seu caminho. Em oposição a Glorinha, personagem de Nelson, menina embebida em um cenário perverso, Carmem é movida pela agressividade, goza com esse cenário. É uma Joana da contemporaneidade, precisa do mal para ser. Ao mesmo tempo, dores esparramam-se por seu corpo e impedem-na de viver. Nessa alternância entre dores e atos contra outrem, ela permanece mergulhada nesse ensimesmamento fatalício. Deseja a morte e nada consegue fazer para alcançá-la. Assim, entre o desejo e o gozo, opta pelo segundo e distancia-se do coração, traindo-se rotineiramente e, assim, adoece.

Theresa, outra analisanda, adora as atrocidades que pode propiciar contra alguém, seus maiores encantamentos são as peripécias sexuais que balizam sua relação com os homens, mulheres e animais. Ela sente-se viva, é para isso que vive. Enamora-se por uma dama, tal qual a paciente de Freud (1920)³¹⁷. Amar outra mulher a faz feliz e, simultaneamente, angustiada, porque não sabe como lidar com esta situação. Amante das mulheres deseja sexualmente os homens - é esta sua posição subjetiva. Os homens devem ser destruídos e as mulheres veneradas, amadas; afinal, são “encantadoras”, como ela diz. Certa vez apaixonou-se, na transferência, pela analista, sua “amiga”, e, diante desse fato, impedida de assumir seu desejo abandonou a análise. Diferentemente de Joana que sofre as vicissitudes de seus entraves angustiantes, Theresa trai a si mesma.

A clínica atual, denominada como clínica do real, traduzida pelas imersões gozantes, de certa maneira, afasta do sujeito seu particular enfrentamento desejante. É muito usual a sociedade buscar subterfúgios e amparos para culpar o outro por seus infortúnios, fracassos e dramas. É o componente divino, ora um neurônio, ora a política e a economia, ora os pais, ou mesmo o marido - responsáveis pelos desequilíbrios que levam cada qual aos seus atos desenfreados e fracassados- estas são as explicações mais triviais para o mal-estar cultural. Assim, ocorre, inevitavelmente, um afastamento do assumir as conseqüências pela própria escolha e, cair num mergulho no trágico abismo, catastrófico do não-ser, do vazio subjetivo.

³¹⁷ Freud, S. **Jovem homossexual**-1920.op. cit.

Até aqui a idéia central girou em torno de um questionamento das atrocidades construídas e edificadas na atualidade como formas de não culpabilizar o estatuto social pelos atos, tampouco de culpar o sujeito pelas suas escolhas; mas o ponto é responsabilizar cada qual pelos seus atos, emprestar-lhe conseqüência, como assinalou Forbes em seu seminário (2002)³¹⁸.

Foi desenhado um panorama representado pela literatura brasileira que invadiu a sociedade em plenas décadas de 40 e 50. Os escritores trazem em si um poder fantástico de antecipação dos fatos que advirão. Com suas escutas refinadas aproximam aquilo que ainda não aconteceu, lêem nas entrelinhas dos fatos sociais e das tragédias humanas possibilidades dramáticas para o futuro da humanidade. Embora nossos autores supracitados estejam em meados do século passado, portanto em início do que nomeamos de contemporaneidade denunciam de maneira pontual o vacilo de suas personagens diante do próprio desejo.

Joana e Glória, respectivamente, não sabem como assumir suas posições enquanto sujeitos desejanter. Vacilam, basculam em suas escolhas, caem nas artimanhas da verdade absoluta, da plenitude subjetiva e mesmo da maldade elevada à sua máxima potência. Contudo, assumem seus atos maldosos como maneiras de serem ou de defenderem-se de outrem e somente assim podem *aproximar-se do coração*.

Carmem e Theresa, analisadas do final da década de 90 e início dos anos de mudança de milênio, são traídas por si mesmas. Estas mulheres preferem culpabilizar o outro pelas suas ciladas, elevar a verdade à sua plenitude e mergulharem no terror; não ofertam brechas para a incerteza, assim sendo, tem certeza absoluta das fidelidades e são, desta maneira, traídas pelos seus desejos e, finalmente, acabam por traduzir a maldade como forma de viver e única possibilidade de sobrevivência na sociedade voraz da atualidade-sua verdade é um desastre. Estas mulheres não se autorizam vacilar nas suas escolhas, preferem renunciar ao desejo e distanciarem-se do coração e aproximarem-se da traição.

³¹⁸ Seminário do Forbes **Sobre o amor**. HC. 2002.

A fala dessas mulheres, tais como Carmem e Theresa, resumir-se-ia em: *perdoa-me por me traíres*. É essa traição que afasta as mulheres de seus desejos e, portanto, a partir disso, são mergulhadas em continentes gozantes e assombrosos. Não são Antígonas, tampouco Medéias, são mulheres distantes de si mesmas, usando a maldade como uma tentativa de acesso aos seus grandes amores - como em um Banquete. Não o de Platão, talvez *o da vida como ela é...*

PARTE III - CONCLUSÕES

CAPÍTULO VIII - O LAÇO SOCIAL- UMA POSSIBILIDADE DE POSICIONAMENTO SUBJETIVO DIANTE DO MAL-ESTAR SOCIAL.

*Toda coerência é, no mínimo, suspeita.
Nelson Rodrigues.*

1- O retorno (e)terno

Em noticiários corriqueiros, jornais e revistas de circulação nacional, indagações a cerca da falência da psicanálise tornam-se o filão de venda para os livros de auto-ajuda e remédios da alma para aplacar o sofrimento do sujeito. Por que o divã ainda resiste às avassaladoras críticas sociais? É neste lugar que as subjetividades podem aparecer e as individualidades explodem num balé de ordenação e vertigem. *Por que a psicanálise?* Eis o título de um livro de Elisabeth Roudinesco (2000). É mais fácil, menos problemático, mais tranqüilizador atribuir ao outro a responsabilidade, ou mesmo a culpa pelos percalços, tropeços e intempéries de nossas vidas. O que temos de ver com cada pedra no meio do nosso caminho? Qual a nossa responsabilidade perante nossos próprios atos? Qual a consequência de nossas escolhas? Viver é perigoso- diz Riobaldo, personagem de Grande Sertão Veredas do escritor Guimarães Rosa. Perigoso sabemos que é basta olhar ao redor e cruzar a visão pelas cenas de violência corriqueira, mas viver também pode ser encantador, disto esquecemos.

Freud, em seu texto de 1930, - *O mal-estar na civilização*, traz à tona inúmeras considerações para apresentar o sofrimento de uma nação. O ponto central de sua tese é a dicotomização atribuída às exigências da força pulsional e às possibilidades psíquicas de satisfação. Diz que esse conflito origina, de soslaio, um desamparo no sujeito que jamais será tamponado e, simultaneamente, é a tentativa de aniquilamento desse desamparo um dos maiores alvos de cada qual durante toda a existência. Concluimos que o desamparo (*Hilflosigkeit*)- é inaceitável para o sujeito. Por isso sempre está imerso em uma rede conflitiva. Uma das formas de escapar desse horror que nos acomete e de negá-lo é pela busca constante de proteção que vamos encontrando e escavando em nossos cotidianos: explicações religiosas, científicas e ideológicas para todos os atos. Todavia, lá estava Freud

em plena modernidade. E nós? Estamos aqui em plena contemporaneidade, com um século de distanciamento e questionando nossas dores. Vamos tentar fazer uma viagem por construções sociais para que possamos abrir as portas d'alma e re-significar as atrocidades sociais, assim como fez Bento Santiago, nosso Dom Casmurro de Machado de Assis. Mas, este personagem fez o retorno à beira da cova. Podemos fazê-lo constantemente, sem aguardar o fim do caminho, porque “*navegar é preciso, e viver também é preciso*”.

O mal-estar da civilização contemporânea, segundo nossa hipótese, é conseqüência de atos que estão *longe do coração*; portanto, distantes do âmago desejante e, concomitantemente, *perto da traição* de si mesmo, traição de seu desejo. Logo, o sujeito da atualidade trai a si e mergulha no terrorífico daquilo que é mais denunciado pelo social. Para Joel Birman (2000), o grande mal-estar social estaria ancorado no ceticismo e no excessivo crescente de drogas no mercado. De uma ou d'outra forma, como resultado desse caos social, deparamo-nos com um sujeito apagado e diluído em sua própria essência.

2- O enfadonho olhar para o social

Ao abriremos os jornais flagramos imagens que nos atravessam e cortam os corações mais sensíveis. São sobre-determinações às nossas vidas. Assistimos aos miseráveis desfalecendo de fome diante dos nossos olhos, as crianças assaltando com armas brancas nos semáforos, os idosos enrolados em trapos em toda esquina, as pessoas oferecendo seus corpos como objeto sexual isentas de qualquer tipo de prevenção às DST e Aids. Além dessa realidade que assistimos há as guerras sangrentas em que nossos poucos heróis são destruídos - e a orfandade é o nosso destino. Este é um dos maiores exemplos da atualidade, nosso embaixador da ONU, Sérgio Viera de Melo, um dos representantes mundiais em nome da paz foi morto há pouco. Com ele a esperança de uma vida mais branda estava sendo edificada, com suas intervenções brilhantes no Oriente transformava os escorregões humanos. A partir de sua morte perdemos uma sensata ancoragem no naufrágio da vida.

Virando a página das notícias sanguinolentas, do lado direito do jornal encontramos um outro tipo de notícia: descobertas magníficas na ciência que revolucionam a vida humana. Foi encontrada a pílula da felicidade e, mais ainda, assistindo à TV nos últimos dias, em uma propaganda de mulheres, relativamente gordinhas a proposta de emagrecer cinco quilos e ficar feliz foi lançada e, obviamente, a medicina tinha a receita mágica. Fiel impostura. Todas as formas de sofrer estão reduzidas a uma mecanicidade cerebral que poderá ser solucionada com apenas uma dose a mais.

Uma contradição tremenda está sendo vivida na contemporaneidade. Por um lado, encontramos os transtornos alimentares em crescente desenvolvimento: a anorexia, a bulimia, a obesidade e mesmo a vigorexia; de outro: as depressões, a síndrome do pânico e os toxicômanos que se tornam a grande peste negra. É nesse cenário que medicações são elaboradas para diluir o mal-estar do sujeito e devolver-lhe sua verdadeira filiação: o capital. É claro que diante de qualquer uma dessas psicopatologias, enquanto o investimento libidinal do sujeito está sendo revertido para o seu corpo, nada mais entra nesta economia, ou seja, quem não é feliz, não consome. O deprimido atrelado a sua cama e enrolado ao seu cobertor não se aproxima de um desses megacentros de compras para sair de sua angústia inominável. Dessa forma, as pílulas são oferecidas para acabarem com a tristeza cristalizada nesses corpos em esfacelamento.

As áreas responsáveis pelo cuidado psíquico, enviesadas por excelência numa horrenda tentativa, compactuam com os preceitos sociais atuais e ordenam imperativamente que a existência seja enaltecida e estetizada. O resíduo, fruto desse imperativo categórico, é um corpo biológico que necessita da máxima psicofarmacológica para sobreviver. Assim, assistimos de camarote a medicação ocupando um lugar privilegiado de suposta cura das dores subjetivas, enquanto o inconsciente humano é relegado ao lugar periférico e caído no esquecimento ou, transformado em um lugar cerebral. Os antídotos são mais fortes do que as terapêuticas do espírito.

Diferentes construções são arquitetadas. Roudinesco, em outro livro: *A família em desordem* (2003), levanta um questionamento que me captura. A autora apresenta a nova jurisprudência francesa que autoriza o casamento entre homossexuais e, quando discute essa nova construção familiar, indaga sobre a necessidade, ainda, nos tempos atuais,

da instituição familiar ser um resíduo do amor cortês apresentado na era vitoriana. Todavia, seu trânsito é pelas novas formações familiares que destituem o pai de seu lugar. Notadamente, não é sobre o pai biológico, ou mesmo daquele encarnado na figura de alguém que ela fala, mas é do que ordenaria uma sociedade, como Freud mostra em *Totem e Tabu* (1913). Diante da possibilidade de uma mulher sair às compras, direcionar-se ao banco de esperma e negociar o valor de um quantum de sêmem necessário para gerar um bebê, perguntamo-nos se nesse ato ela estaria descartando a necessidade de um outro para gerar uma criança: estaria comprando um objeto de consumo?- uma vertigem e transformando seu filho em um objeto fetiche? Estes exemplos servem para pensarmos algumas das questões sociais que explodem no cotidiano e que poder-se-iam estar atreladas às montagens ditas perversas no laço social. Continuemos.

3- A busca pelo pai destruído

Para Roudinesco a família também está pervertida em sua própria função de célula da base da sociedade (2003:10). Isso se deve ao fato de ter destruído, em sua essência, seus tabus. A partir deste posicionamento, a historiadora categoriza a constituição familiar em dois eixos cardinais: o horizontal é o que ela nomeia de eixo do *parentesco*, lugar em que as trocas são elaboradas, em que a união é sua causa princeps. O outro eixo, o vertical, é aquele designado como *família*, fonte de continuidade, em que duas pessoas dão origem a uma terceira. Esta é a esfera questionada pela sociologia e pela psicanálise, é história; enquanto o eixo do parentesco é organizado pela antropologia, é de contigüidade.

Teoricamente esses eixos devem se encontrar para o bom andamento da sociedade, o que acontece é um distanciamento de cada qual produzindo uma união dita a-histórica e a-temporal. Ao pai caberia a transmissão ao filho do sangue, das semelhanças e do nome, do prenome e do patronímico. Quando o pai não transmite o sangue deve transferir ao filho suas semelhanças pelo ato da palavra, da fala. Re-situa a criança em construções históricas familiares oferecendo-lhe sua filiação cultural e familiar. O que os pais têm transmitido aos filhos na atualidade? Quais os valores que estão sendo oferecidos às crianças?

Tentemos recuperar um organizador social, até então em decadência.

Freud, escavando as construções antropológicas viaja pelo mundo da cultura para construir em seu arcabouço teórico, o que de fato é o organizador maior de uma sociedade. Ele insere a idéia, capturada de um mito proposto por Darwin, de um pai totêmico, um pai da horda primitiva necessário e preponderante ao processo civilizacional. Conta o mito que, numa determinada sociedade, os filhos estavam irados com o Pai que dominava todas as formas de organização social. Ele ditava as leis e normas e tinha acesso a todas as mulheres. Os filhos descontentes mataram-No e dividiram as mulheres, incorporando Seus pedaços, instituindo, assim, uma forma de canibalismo, porque acreditavam que Ele era a encarnação do poder. Contudo, em pouco tempo, a sociedade perdeu o freio e foi acometida por atrocidades, violações e estrondosas intempéries. Freud trabalha esse tema dizendo que toda organização social necessita de uma ordenação, de uma lei que *nunca* deverá ser violada. No caso da civilização ocidental, temos uma lei que, além de nos reger, também nos protege do enlouquecimento, da violação e da transgressão constantes: é a lei do incesto instituída pelo pai totêmico.

Nesse mergulho ao abismo abissal da contemporaneidade, percebemos o desfalecer tanto dessa lei quanto do lugar do Pai organizador social, assim o totem é violado e a civilização é despejada no escárnio. Porque onde há totem há lei, sem totem resta o quê? Simplesmente tabus? A questão é qual o lugar e o estilo do sujeito contemporâneo, onde iremos parar, estacionar nossa locomotiva movida a raios solares que desviamos da nossa atmosfera.

Em outro texto, *Psicologia de massas e análise do eu* (1923), Freud trabalha a idéia da religião e da ideologia que, muitas vezes, funcionaram como organizadoras sociais. Assim, podemos verificar o quanto, na atualidade, está ocorrendo a re-evangelização no social. O mergulho no divino, tal qual Jung pronunciava. Diante da ausência de um organizador social as pessoas, comumente, tendem a se enfronhar por formas de organização rígidas e controladoras para não se perderem e, no entanto, não se haverem com o abandono, com o desamparo fundamental.

4- Uma nova sociedade: a pós...

A modernização da sociedade, porém, embute em si novas exigências para a subjetividade. Mas, surgem modelos de subjetividade em que são silenciadas as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo. O sujeito atual é aquele fora-de –si, completamente imerso no ter e no parecer, esquecido de sua essência- do ser- é por aquele viés que suas demandas sociais são construídas. Temos, então a exaltação do eu e estetização da existência. Nessa vertigem, o sujeito vê-se diante da perda da sua relação com o tempo e com a história, aquilo que chamamos de memória tende a silenciar pelo excesso do presente. Nesta jogatina temporal, o horizonte do futuro, do devir, desaparece. Logo, se o passado e o futuro silenciam, como pode haver o presente? Chegamos a conclusão de que o presente é uma construção, talvez, uma ilusão do capital.

A partir das décadas de 60 e 70 dois pesquisadores têm questionado o movimento social em que estamos imersos. São eles Debord e Lasch. Os dois consideram, respectivamente, a sociedade como um espetáculo e uma cultura narcísica.

Debord lendo o sistema capitalista avassalador e repleto de mortandade que banhava a atualidade daquele tempo, sustenta o princípio que o estilo de época era o do engendramento espetacular. Constrói uma metáfora relacionando o cotidiano de cada um com os balizamentos de exibições e teatralidades; cada qual ocuparia o lugar de um ator, um personagem na cena social. Ele diz que os sujeitos se vestem de máscaras para se inscreverem e desfilarem no palco social. Um *mise-em-scène* demarca a exterioridade e a exaltação do eu e a estetização da existência realizadas pelo indivíduo. Este autor analisa o espetáculo da sociedade capitalista, calcada na mercantilização de absolutamente todos os objetos e na produção de um fetichismo generalizado. Marx enfatiza que a sociedade capitalista surgiu como uma imensa coleção de mercadorias. Dessa forma, relendo o mestre, Debord pontua esse processo social como uma acumulação de espetáculos, tudo é uma representação para ele. Vale ressaltar que o que tange ao conceito de espetáculo é a relação das pessoas permeada e mediada por imagens, como uma cosmovisão. Esta é a sociedade da reificação, a passagem do ser para o ter é exclusivamente mediada pelo parecer.

Para ele, uma das únicas possibilidades de esvaziamento desse engodo e de salvação desse espetacular é a tentativa ou reinvenção de uma linguagem de comunicação na comunidade do diálogo. Uma das possibilidades é a via denunciada pela arte.

Enfrentando essa idéia trazida por Debord remetemos o leitor a uma exposição que esteve presente no Centro Cultural Banco do Brasil anos atrás com o nome *Ordenação e Vertigem*. A idéia do curador era demonstrar que, em várias formas de expressão artística contemporânea, da dança à escultura, passando pela pintura e pela música, sobretudo nas imagens visuais, como em toda ordenação, naquilo que é obsessivamente acumulado e organizado há uma forma latente de vertigem e, contrariamente, em toda vertigem, naquilo que é considerado loucura, no *no sense*, há uma ínfima tentativa de ordenação. O maior representante daquele trabalho, em nossa opinião, foi Arthur Bispo do Rosário, paciente psiquiátrico que viveu confinado em um antigo manicômio no Rio de Janeiro por longos 51 anos e que, de certa maneira, encontra na expressão artística uma fonte de constatação de seus delírios e alucinações e de retorno à realidade.

Re-situando a discussão da sociedade do espetáculo e a cultura do narcisismo, Lasch (1983) constrói sua idéia atravessando o tema das sociedades modernas das últimas décadas; de 70 para cá. Sua tradução enfoca o que ocorre com o sujeito contemporâneo: uma transformação de incertos percalços de uma vida em uma empobrecida e parca obra de arte, evidenciando, assim, o narcisismo que o indivíduo deve cultivar na sociedade do espetáculo. As pessoas passam a ser ligadas e reguladas pela *performatividade*, seduzem o outro, exclusivamente, para deixá-lo ser tragado por suas entranhas, ou melhor, devorado em sua essência e dilacerado em seu desejo.

Este outro acaba sendo aportado no lugar de *...objeto predatório para o gozo daquele e para o enaltecimento do eu*³¹⁹. Os sujeitos passam a ser considerados objetos descartáveis, como assistimos em Matrix, controlados pelo grande computador. A imagem é a condição para a sedução e para o fascínio; a imagem é o espetáculo na cena social e para captação narcísica do outro. O ser é acoplado ao parecer.

³¹⁹ Birman, Joel. Ibidem. P. 188

Lasch denuncia que a cultura narcísica é uma cultura sem coração. Sua justificativa para esse narcisismo norteador e desnorteante do social é seu enraizamento na idéia de utilitarismo, lugar em que a máxima é a felicidade. Aquilo que foi considerada como a grande apologia da modernidade, a célebre frase de Descartes: Penso, logo existo; hoje é substituída pela famosa capitalista: consumo, logo existo.

O que confronta o status quo atual é a própria mistura de um sistema capitalista e utilitarista que vem sendo representado pelo mundo da imagem e da mídia. Marcuse já dizia que o cidadão moderno é um ser dominado pela mídia. Mills fala que a TV apareceu para ensinar cada pessoa a ser aquilo que a sociedade pregava como ideal e normal, ou seja, adequado e, para nosso espanto, o adequado é consumir. A televisão funcionava, desde sua criação em meados dos anos 50, como uma extensão do sistema nervoso do sujeito; hoje, ela se tornou o próprio sistema nervoso, e o pior é que o sujeito sucumbiu. Com esta idéia saltitante de cultura do narcisismo Lasch mostra como os cidadãos visam serem homogêneos socialmente, iguais, todos com os mesmos carros, mesmos ideais, mesmos corpos, porque ser feliz é ser igual àquele sujeito X ou mesmo Y. A cultura narcisista não tem futuro, pois ela é considerada uma eternidade. Mais um exemplo de a-temporalidade e a-história. Mas, Freud dizia que o sujeito só existe de acordo com a sua história. Então nesta cultura o sujeito desejante desapareceu?

5- O assassinato da alma

Nessa corriola em que o próximo acaba sendo objeto capitalista do sujeito, tendo sua alma assassinada, os parâmetros éticos são banidos e os estéticos têm supremacia, o outro, aquele supostamente diferente, sucumbe. A este movimento podemos nomear de discurso perverso. Este discurso provocaria uma *homeostasia narcísica do ser*.(Birman,2000).

Zizek, em artigo publicado em um jornal do estado de São Paulo, comenta o filme Matrix. Uma das questões por ele levantada é que a dicotomia que aparece em decorrência daquele computador que controla as mentes humanas, o Matrix,

simultaneamente, produz uma “*redução da realidade a um domínio virtual regido por regras arbitrárias que podem ser suspensas*”, e, por outro lado, “*reduz o sujeito a uma passividade instrumentalizada absoluta*” – a isto ele nomeia de aspectos da perversão na contemporaneidade.

Pode-se pensar que essa forma de laço social, ou seja, montagem perversa propiciando o apagamento subjetivo, pela sociedade do espetáculo, pela cultura do narcisismo; além, obviamente, da crescente da indústria farmacológica e dos pequenos grandes aglomerados que conduzem fanáticos religiosos a proferir suas crenças e excluïrem-se do convívio geral, esteja, de fato, edificando um dos maiores epifenômenos vividos: *o sujeito alienado na imagem, distante do seu desejo e traidor de suas fantasias*.

Retomando a tragicomédia da cultura, no consumo regular de drogas, tanto as permitidas quanto as proibidas, Birman prega uma separação entre o usuário de drogas e o toxicômano. O primeiro é o consumidor regular ou mesmo irregular, que faz uso da droga para seu deleite e, concomitantemente, para sua angústia. É aquele que adentra na dependência psíquica; para o segundo, entretanto, a droga torna-se a razão de sua existência e, ainda, é utilizada como fetiche; a dependência, portanto, é, ao mesmo tempo, psíquica e física. O que os diferencia de fato é a dimensão compulsiva da ingestão da droga. O toxicômano faz pela droga um sacrifício masoquista com seu próprio corpo e é marcado por perfurações devastadoras e disfunções mortíferas³²⁰.

A toxicomania tornou-se o maior imperativo ético da pós-modernidade, o paradigma atual, e o pânico e a depressão são, conseqüentemente, seus maiores fracassos. Isto quer dizer, que a dependência é o norte social e aquele cidadão que não consome, que não é dependente do capitalismo, ou é tragado por um desses sintomas psicopatológicos: depressão e pânico, ou simplesmente é expurgado da sociedade.

Em Freud, na explosão da psicanálise, na escuta às histéricas foi descoberto que os sintomas são formações de compromisso do sujeito, produzem uma operação quase impossível de negociação entre as volúpias e as interdições do cotidiano. Entre o que é permitido e o que é proibido, uma negociação com os tabus sociais. Freud demonstrou que

³²⁰ idem. P. 225.

o sofrer, ou mesmo a dor faziam parte da constituição subjetiva do humano. O desamparo era fundamental para que o sujeito pudesse encontrar-se com aquilo que a ele faltava e movimentar-se, sair do lugar, buscar a felicidade particular.

Com a pílula da felicidade e a sociedade do espetáculo é vetada a possibilidade de indagação, de sofrimento e de re-pensar as possíveis escolhas individuais. O que conduz o espectro atual é o imperativo categórico do: Ter e do Parecer.

Rassial (2000) estuda a fundo o sujeito adolescente e verifica que, na atualidade, existem formas de implicabilidade subjetiva que resistem à velha e boa psicopatologia moderna. Sua tese é que o sujeito em seu estado limite apresenta três pontos de ancoragem: a ansio-depressão, a pseudoperversão e as distorções entre corpo e pensamento. Em primeiro lugar, ele questiona esse excesso que acomete os ditos pós-modernos, uma infelicidade é tragada e funciona como o alimento da atualidade. Emparelhado a isto, a tentativa de banimento e destruição daqueles que nos rodeiam é o ápice social, em contrapartida, o corpo é a máxima e o pensamento é relegado ao esquecimento. A querela intelectual é forjada pelo corpo, em seus arrebatamentos destrutivos, como: cirurgias plásticas feitas simplesmente por uma insatisfação geral, moldam os corpos como em uma brincadeira pueril; corpos são perfurados e marcados por *piercings* e, na maior novidade do mercado, a língua pode ser fatiada como máxima da mutilação corporal.

A nova social é o sujeito adolescente que permanece numa elasticidade temporal diante da sua não escolha. Cada vez mais encontramos jovens que antes tinham 20 anos, hoje com 40 anos e, ainda, dependentes da família, sem escolher uma profissão, sem posicionarem-se diante do mundo. Sem crescer...

Assistimos de camarote ao assassinato das almas. Nasce nesse panorama, como alerta Birman uma constante masoquista e perversa³²¹. Este novo estilo de subjetividade, se assim podemos chamar, o estilo perverso de ser, denuncia a não-existência do outro. O outro é reduzido a um corpo a ser destruído, aquele que jaz na passividade absoluta; um instrumento da ação predatória, um marionete do social. Este novo estilo marca uma atividade absoluta, num excesso de gozo psíquico que condena cada qual a ser petrificado,

³²¹ Ibidem.p. 17.

como a Medusa fazia em tempos clássicos. O ponto a ser pensado e discutido é essa forma tirânica de homogeneidade. Lembremo-nos sempre que Freud em *Psicologia de massas e análise do eu* (1923) critica essa maneira homogênea de viver, de negar as diferenças. Diz o mestre vienense que negar a diferença é além de ser um mecanismo perverso, uma tentativa de destituição do potencial desejante particular e, analogamente, uma redução dos recursos simbólicos.

Na era viajante do *time is money* estamos fadados ao apaziguamento das diferenças e as formatações gerais. Todos têm de ser bonitos, ricos, magros, inteligentes; assim como, todos devem ter carro automático, casa no campo e na praia, visitar o exterior e, ainda, têm de parecer as musas e os craques culturalmente eleitos. Todos tem que

6- Uma possibilidade: a palavra e sua supremacia

É muito comum a sociedade buscar subterfúgios e amparos para culpar o outro por seus infortúnios, fracassos e dramas. Ora é o componente divino, ora um neurônio, ora a política e a economia, ora os pais ou mesmo o marido/a esposa- estes são os desequilíbrios que levam cada qual aos seus atos desenfreados e fracassados- estas são as explicações mais usuais para o mal-estar cultural. Assim, ocorre, inevitavelmente, um afastamento do assumir as conseqüências pela própria escolha e o mergulho no trágico, catastrófico do não-ser, do vazio subjetivo.

Jurandir Freire Costa eleva uma das indagações psicanalíticas ao estatuto social e propõe-nos uma direção de abertura àquilo que aparentemente parece estar perdido, dissipado. A questão é: como acolher a incerteza sem torná-la desamparo?

Sua resposta é única e retomada do pai da psicanálise: o retorno à palavra. É exclusivamente pela palavra que é possível recomeçar, é a única alternativa ao (e) terno retorno. É pela palavra, em livre associação, que é permitido falar de nossas dores, de nossas angústias e do desamparo, para podermos repetir, recordar e elaborar. Não simplesmente uma fala ecológica como a das marionetes televisivas, mas uma fala que alcança o âmago do sujeito, uma fala Antígona, ou mesmo Medéia.

A ferida da existência não tem cura, todavia, é preciso que a auto-criemos. Isto só se tornará possível, não simplesmente pela estética, mas pela ação ético-estética, porque iniciar é propor o inusitado- e este sempre nos assusta...

Para finalizar, levantaremos dois exemplos estéticos do que se pode considerar ética, devolvendo ao sujeito o que este deseja e podendo caminhar em busca da tão procurada felicidade.

Antígona foi grande insígnia do amor fraternal e filial, enquanto Medéia foi considerada representante do amor conjugal. Lacan em seu seminário sobre a ética da psicanálise, debruça-se por longas páginas em trazer Antígona como o paradigma do que denomina de ética do desejo.

Conta a mitologia que Antígona, filha de Édipo e Jocasta e irmã de Ismênia, Etéocles e Polinice, autorizou sua própria morte em nome do irmão e vagou durante anos junto ao pai que furara seus olhos por saber da tragédia que havia feito ao casar com sua própria mãe. Assim, sobre a dinastia de Édipo um mau presságio recaiu.

Etéocles e Polinece, irmãos de Antígona, combinaram de reinar em Tebas, após o afastamento do pai, em alternância. Assim foi feito. Contudo, quando chegou a vez de Polinice assumir, o irmão recusou-se em delegar-lhe o poder. Uma briga foi travada entre os dois que tiveram um fim trágico e fatalício. Creonte, o tio-irmão de Jocasta- ofereceu a Etéocles um sepultamento conforme as honras gregas. Todavia para Polinece a insepultura foi seu fim, pois atribuíram-lhe um caráter traidor.

Antígona, diante disso desesperou-se e foi ela mesma enterrar seu irmão com as próprias mãos. O tio ordenou-lhe a morte. Enquanto isso, seu amante, filho de Creonte – Hêmon tentou salvá-la, não conseguiu e suicidou-se. Mesmo assim, esta mulher resolveu enfrentar até o fim as conseqüências de seu desejo e pagou com o preço da morte por enterrar seu irmão.

Em outro canto da mitologia, Medéia apaixonada pelo herói Jasão, salva-lhe a vida oferecendo seus poderes de feitiçaria, tanto para dar-lhe um bálsamo protetor contra os inimigos, quanto para assonar o dragão gigante que possuía um grande tesouro que ele

almejava. Medéia vaga nove noites em busca de ervas poderosas para devolver ao pai de Jasão- Esão - a juventude, pois este estava preste a morrer e seu amado amante desesperava-se. Matou o maior inimigo de Jasão em nome de seu amor e recebeu como pagamento pelo seu ato a traição. Jasão apaixonou-se pela princesa de Corinto e com ela vai casar-se. Medéia, inconformada, presenteia a rival com um vestido enfeitiçado. Ao vesti-lo a futura noiva desfalece em chamas. Assim, a feiticeira mata seus filhos e foge em um carro puxado por serpentes para Atenas. Medéia, a mulher que trabalha em nome do amor é outro exemplo que podemos chamar de ético.

Por este baile mitológico foi-nos marcado através de Antígona e Medéia que a felicidade só existe naquele lugar que denominamos de desejo. No cenário psíquico nos resta re-significar nossa história em movimentos retroativos e sustentar nossa falta primordial enfrentando-a e construindo formas interessantes de viver.

Porque nos disse Clarice Lispector: *não se preocupe em entender, viver ultrapassa todo entendimento.*

CAPÍTULO IX - O LAÇO E O NÓ NA PERVERSÃO FEMININA

No capítulo anterior falamos de uma construção da montagem perversa no âmbito geral, agora o faremos a partir do refinamento da clínica. Alguns pontos foram levantados ao longo do texto, formando uma tessitura em cortes desiguais, todavia, é este o momento da finalização da tese lugar em que a costura dos tecidos devem unir-se para montar uma colcha e cobrir o tema proposto. É importante que na amarração o alinhavo mantenha-se sorrateiramente afrouxado, permitindo, deste tanto, uma abertura para novas possibilidades de pesquisa e de estudo.

Começemos por Hillary e Geoff e Ricardo e a ex- Lilly. Estes dois pares, independente de estarem estampados pelo timbre da maldade marcam uma complementaridade em suas relações. Geoff, o pedófilo precisava de uma menina para atar-se a ela, contudo era preciso que alguma brecha fosse aberta por ela para que suas atuações ocupassem as lentes de sua câmera fotográfica. Todavia, o lugar de ingenuidade certamente não lhe foi atribuído, Hilary posicionava-se com um empuxo fascinatório para as questões das bordas sociais.

Lilly, tal como Wanda de Sacher- Masoch, providencialmente, ligou-se a um homem que prestou-lhe servidão durante toda a vida. Tomou-se pelo enamoramento quando, de fato, gostaria de viver aventuras aquecidas pelo sexo e pela imprevisibilidade, que o encontrou em Fukuda. A cena do encontro sexual entre ela e Ricardo, sendo assistida pelo amante japonês, traduz a condição relacional com que este par apresenta-se ao mundo.

Aqui duas cenas foram recuperadas, caso queiramos aproximá-las de uma estruturação perversa o trabalho será absolutamente em vão, visto que é somente possível e cabível fazer um diagnóstico clínico sob efeito e condição transferenciais, o que não vem ao caso. O mesmo vale para a abertura para a idéia de traço ou mesmo de gozo. Que as duas cenas estão recobertas de traços ou mesmo de fantasias perversas, assim como de um certo gozo isto é evidente e impassível de discussões e questionamentos., Todavia restringir o tema da perversão a estas aparições deixaria o trabalho com pouquíssima sustentação teórica.

Contudo, tanto em uma cena quanto em outra há de se prestar elogios aos escritores por conseguirem retratar de forma coerente uma quantidade de atos absolutamente presentes nas ditas montagens perversas. A leitura do epifenômeno social que os autores conseguem traduzir é de supro rigor e riquíssimos detalhes.

Retomando a construção de Lacan, já apresentada, no seminário da angústia sobre o ato podemos discuti-lo como sendo : *uma saída de cena, ou seja, um salto no vazio em que o sujeito se reduz a ser um objeto reduzido ou rejeitado*. Neste tanto é notória a presença do ato nas ditas montagens perversas em que o sujeito da cena reduz-se a ser um objeto, assim como nos encontros sexuais de Theresa em que se punha a ser olhada e em Carmem, quando armava cenários para ser posta como resto, resíduo das ações, sobretudo diante dos médicos. Nestas construções é possível usar a designação de perversão no feminino desde que haja um cenário perverso que o propicie. Um outro exemplo desta combinatória é o revelado pela tese através da personagem Glorinha de Nelson Rodrigues.

Diante do mecanismo da perversão, *Verleugnung*, é impossível caracterizá-la como uma possibilidade ao feminino, visto que a premissa fálica e em certos tons, a anatômica impõe-se ao seu uso. É impossível afirmar e negar, simultaneamente, o falo se desde sempre ele não teve um representante no corpo feminino. Talvez por esta razão que Lacan, em seu seminário, livro 5, credencie a perversão na maternidade como normal, afinal a partir dos estudos freudianos podemos ler a presença de um filho como um comprovante fálico.

Os dois casos clínicos que aparecem como protagonistas da tese, a saber, Carmem e Theresa, provocaram desde seus primeiros contatos com a analista uma certa indagação e algo que remetia à clínica da perversão, todavia, as únicas pistas eram os atos da primeira, contra si ou contra outros, assim como as relações sexuais com homens e amorosas com mulheres no segundo caso.

Investigar a perversão feminina endereça-nos a vários encontros teórico-práticos. Durante o percurso da escrita vimos, evidentemente, a aparição da perversão atrelada às práticas de gozo com os posicionamentos sobre o tema, especialmente, em Freud e Lacan. Carmem e Theresa gozam com a angústia do Outro,

destroem e são invadidas por um excesso que as paralisa. Portanto sabemos que todo gozo porta em si o caráter de transgressor e absolutamente fora dos limites. Os atos das duas, sobretudo de Carmem, contra o marido, demarca um gozo específico que o mortifica e o paralisa diante da mulher amada.

Com os ensinamentos de Kant com Sade, texto de Lacan, e o conceito de vontade de gozo fica evidente uma outra categoria do uso da palavra perversão, ou seja, como traço de caráter ou de fantasia. Na introdução deste texto discutimos a escrita de Sade como perversa, era ela quem autorizava a fantasia dos mais comuns neuróticos, visto que enquanto eles fantasiavam não precisariam atuar seus fantasmas. A fantasia de Sade, assim como a de Gide, e da Vinci enfeitiçaram suas sociedades típicas e dizem um pouco de cada ser humano. Theresa fantasiava com o dia de sua efeminação, ou melhor, sua transformação em homem. Durante todo o seu percurso de análise estas questões não passaram de fantasias, inclusive perdendo qualquer possibilidade de atuação. No entanto Carmem tinha como seu traço maior de caráter a maldade e a destruição, supunha que todos estavam em dívida com ela, em função de sua posição de vitimação, logo, o único fim que poderia ditar diante dos demais seria pela agressividade e destruição.

No que diz de uma clínica estrutural seria necessário que as mulheres, ditas perversas, obedecessem a mesma condição da perversão no homem, a denegação da falta, o desmentido da castração e, em grande parte, assumir o fetiche como objeto fonte de desejo.

Quanto à quarta possibilidade de uso do termo perversão podemos recorrer a Ricardo Goldemberg em *Goza!* e Peixoto Junior entre outros, lugar em que as teorias psicanalíticas da cultura são discutidas e a forma de relação entre o humano é apresentada. Como fruto deste embate enfrentamos a montagem perversa como laço social possível, para tanto, reportarmos o leitor ao encontro de Theresa com os diversos homens em zonas de extrema promiscuidade e submundo em que estar sendo observada a conduzia as maiores peripécias sexuais. Por outro ponto os encontros causais e amorosos com mulheres favorecia-lhe uma forma de entrecruzamento com o feminino que obedece ao desmentido num sentido mais amplo. As montagens de Carmem com o marido tornam-se exemplos fecundos de montagem s perversas e angustias alheias.

Outra montagem perversa que surge com Theresa é a imagem que tem da mãe como prostituta, para salvaguardá-la em seus pensamentos transporta-a para os travestis, especialmente, e vive uma serie identificatória com eles que sustenta seu status quo.

Há de convir que os atos de Carmem são monótonos, repetitivos e confusos, com dúbia informação e no que diz dos atos de Theresa estes são calculados e infundáveis.

Os atos repetitivos da primeira analisanda, ocupando uma cadeia que se comporta da seguinte maneira: masoquismo- sadismo- masoquismo produzem fantasmas que são da ordem do roteiro. Contrariamente, a forma de gozo não caracteriza em hipótese sequer a perversão. Vale apostar muito mais na voz, objeto libidinal, pulsional. Todavia, estes tons de voz deixam pistas fundamentais para o estudo do perverso. Estas mulheres de Carmem a Theresa e de Gradiva a Wanda falam baixo e gélido. Sua voz é praticamente nula e seus pequenos arroubos em entonação demarcam pequenas transgressões que carecem de interdição.

Nas montagens principalmente entre Wanda e Séverin, o outro se submete a mulher como mestra, obedecendo a placidez e destimbramento de sua ordenação de gozo através da voz imperativa. Nestas ocasiões diante do par sexual , a mulher é convidada pelo seu desejo tanto quanto pelo do outro a se vestir de falo , de objeto ou mesmo de sintoma do homem. Wanda e Gradiva respondem ao sintoma do homem, enquanto Carmem e Theresa sintomatizam-se na relação de laço social como homem.

Vejamos. Podemos exclusivamente dizer da perversão destas mulheres no laço social, ou seja, na rede de relações que estabelecem , sobretudo, como estes homens, isto não autoriza ao dito de que seria por esta via a explicitação de sua perversão. O laço entre o homem é uma exemplificação do laço social diante do mundo, os enlaçamentos, quaisquer que sejam, traduzem esta montagem. Assim para além da teoria do laço social presente em Lacan , estas mulheres estão laçadas por esta montagem perversa, mais ainda, é a partir do laço que se amarram e propiciam o enodamento de sua linha da vida. É pelo laço e pelo nó que se ligam às relações transgressoras, com contratos assinados, anulando-se enquanto sujeitos, portanto, dessubjetivandos-se. Eis suas éticas!

CAPÍTULO X - FECHAMENTOS E ABERTURAS NA CLÍNICA DA PERVERSAO FEMININA

*É num mundo onde qualquer corpo é um modelo
virtual que eu posso olhar-me no espelho com prazer.
Henry- Pierre Jeudy*

*Para começar, é preciso que eu insista nisso-
No campo escópico, o olhar esta do lado de fora, eu
Sou olhado, quer dizer, eu sou quadro.
Jacques Lacan- seminário XI.*

Ao decidir fazer uma pesquisa em psicanálise as portas da investigação permanecem abertas e a conclusão tarda para ser produzida. O saber não cessa de se inscrever, ou melhor, a busca pelo saber é sempre infundável. Todavia, chega, definitivamente, o momento de concluir e de colocar um limite nas páginas escritas e produzidas. Muitas das vezes é necessária uma antecipação para chegar o tempo de basta, foi o que ocorreu com o final desta pesquisa. Antecipei numa conclusão para colocar um ponto de basta na compulsão a escrita. Portanto, passado dias deste fechamento minha opção foi a de reler aquilo que estava escrito e reconstruir, como um novo sujeito que se impõe neste dia, alguns alinhavos e re-significar alguns escorregões e muitas precipitações. Ainda é tempo desta produção.

A escrita produz esta re-significação permanente, ao ler, reler, desler, o leitor- autor recoloca-se subjetivamente e reconstrói seu caminho das esmeraldas, como os passos de Dorothea para Oz. Algumas respostas foram encontradas com o percurso investigativo do tema da pesquisa: perversão feminina, contudo, mais aberturas foram produzidas do que fechamentos. Como em um processo onírico questões emergiram e continuam, numa ebulição permanente, a se impor a cada página que tem sido virada e revirada desta tese.

No momento exato em que a última tecla do computador foi tocada, na última linha deste trabalho de doutorado, duas cenas me ocorreram, referem-se a dois casos clínicos. Um deles ainda em atendimento, uma mulher que frequenta análise há cerca de cinco anos, o outro, um homem que veio em algumas entrevistas anos atrás.

Lembro-me que era uma manhã escura e chuvosa e uma mulher de cerca de 45 anos entrou no consultório e, sem fitar-me os olhos, sequer cumprimentar-me, sentou-se ao chão, abriu as pernas e pôs-se a falar. *Cansei de falar sobre isto. Já passei por alguns psiquiatras e cá estou para continuar a peregrinação, meus pais me obrigaram a vir. Eu vim porque fui violentada. Ele enfiou a mão dentro de mim, ou melhor, o braço todo e desmaiei. Antes disso, quando tinha três anos foi a vez do meu avô, que além de caolho era cego e depois meu marido que me estuprou várias vezes e outros tantos. Eu vim porque fui violentada e continuo pronta para continuar nestas violências.* Levantou-se e saiu. Nas entrevistas seguintes e durante o processo de análise outras questões emergiram e muitas delas me conduziam a produções delirantes desta analisanda. Vinha ela do norte do país e muitos ditos me assustavam quanto aos abusos sexuais, as falcatruas políticas e malfeitorias constantes. Em sua fala foram surgindo articulações em que ela mesma produzia muitas destas *sacanagens*, palavra por ela nomeada.

Em outro momento, foi-me encaminhado um candidato à análise que veio queixando-se da constante compulsão por salas de bate papo da internet e porque ele mentia tanto que chegou ao ponto de marcar encontros, iniciar relacionamentos e não saber mais quem era pelo mergulho constante na ficção. Relatava frequentemente seus encontros como internauta e a angústia, trazida pela primeira entrevista, saltou do cenário analítico e o que apareceu foram as redes sexuais que fazia parte como navegador e a busca interminável pelo universo da angústia das mulheres que punham-se diante dos computadores para serem convocadas sexualmente. Seu fetiche pelas teclas que atravessavam o corpo feminino e podiam produzir o desmentido da castração o invadia e, de fato, angustiou-se quando teclava com alguém e a luz acabou. Foi tomado por uma dor tão profunda que a compulsão, segundo ele, surgiu para evitar este momento. Passava o dia todo na frente do computador antecipando uma conclusão para evitar que a máquina desligasse e ele fosse interrompido sem fazê-lo pela própria vontade.

Constance e Viriato, nomes ficcionais, tomaram-me muito tempo, não somente em suas análises pessoais, mas durante horas de estudo e tempos de discussões e supervisões diante do incômodo que ambos me causaram.

Uma mulher e um homem, corpos anatomicamente distintos, contudo endereçados para a mesma construção psíquica: uma montagem necessária e fundamental para suas sobrevivências. Corpos diferentes, mas produtores de um resto que se conjuga com um discurso feminino.

Freud, embora tentasse muitas vezes, conduziu-se durante todo seu percurso de pesquisa, embasado na premissa orgânica, desde sua teoria sexual infantil e a distinção anatômica entre os sexos até a afirmação da anatomia e destino, direcionou seu trabalho na desconexão entre o masculino e o feminino em suas articulações ao redor do falo. Relendo Freud, é possível ter acesso a suas afirmações que o falo não é um órgão, mas o representante psíquico daquilo que falta, então se pode dizer da inveja do pênis, ou daquilo que pode estar sob ameaça e vir a faltar, ou seja, a ameaça de castração – como bem nos ilustra Hans a partir da fala da mãe em que ameaça cortar-lhe o pênis. Assim, inveja do pênis e ameaça de castração apontam, inevitavelmente, para a premissa fálica que Freud tanto estudou e investigou.

A partir da construção feminina de feminilidade uma confusão foi evidenciada no que tangia a conexão entre mulher e mãe, ou em outras correntes psicanalíticas, logo, a preponderância em relação ao destino anatômico da espécie, transformando a mulher em fêmea apoderou-se de muitos estudos sobre o feminino desde a descoberta freudiana. Foi justamente com Lacan que este impasse, de certa forma, tendeu a uma resolução. Primeiro pela sua concepção de primazia do significante e segundo pela tese do inconsciente estruturado como uma linguagem, tendo como consequência uma mudança na idéia do drama edípico trazido por Freud e de sua transmutação de mito para estrutura, resultando numa clínica estrutural a partir, inclusive, da redefinição de falo, agora como significante.

A ênfase mais gritante a discussão sobre a mulher na obra lacaniana, surge, sobretudo, em início da década de 70 com a lapidação do seminário XX, mais ainda, lugar em que a feminilidade pode ser articulada a dialética de ser e ter o falo. Disto inclusive

resulta o título desta tese sobre a perversão feminina e não a perversão na mulher. Lacan com a apresentação da frase, **A mulher não existe** muda o estatuto biológico vigente e oferece-lhe um estatuto próprio endereçado à cadeia significativa. Ou seja, a tese lacaniana, neste tempo, era a indagação de como criar um lugar mais além para a mulher sem que prescindisse do falo e, simultaneamente, como fazer isto, já que é esta a condição de acesso ao simbólico. A saída para este dilema conduzida por Lacan é a de que, recorrer a lógica seria a melhor construção. A operação lógica por Lacan proposta é a de que **a mulher não seria toda, não-toda** é sua expressão. *Não-toda submetida à castração*. Deste tanto, sua fórmula permite, exclusivamente uma leitura num contexto apropriado, o da lógica, decorrendo em uma teoria positiva da mulher, assim não haveria mulher que não fosse submetida a função fálica, portanto não-toda submetida. Eis sua genialidade, é esta abertura, neste *não-toda* que o estatuto do feminino é edificado.

A clínica diante desta elaboração pode ser lida pelo nó de apresentação do feminino que privilegia o real, o simbólico e o imaginário amarrados pelo o que Lacan chamará do Sinthome, ou ainda, em momentos mais tímidos de sua teorização de objeto a .

O título da tese, do laço ao nó, traduz uma possibilidade da existência da perversão feminina não vinculada à clínica estrutural, embora tenha sido esta que ofereceu um lugar à perversão diferente daquele proposto pela sexologia. Sua vinculação surgiria neste resto que aparece no *não-toda* da mulher e que amarra os elos da organização borromeana. Leríamos, neste contexto, que a perversão estaria no resto, como montagem perversa, como articulação necessária para o sujeito feminino.

Retomemos Constance e Viriato, tanto um analisando quanto outro trazem, de maneira sutil o tema da perversão em seus discursos. A lembrança destas clínicas, embora não escrita nas garatujas iniciais tampouco no percurso da pesquisa, consolidou-se na decisão de que sua aparição foi evidente como lembrança e ponto final do trabalho. A partir das quatro categorias trazidas pela investigação do uso do conceito de perversão, a saber, como modo de gozo, como laço social, como estrutura ou como traço de caráter podemos dizer então, fugindo do ponto da anatomia, de que lugar surge este tema nestes dois sujeitos.

Embora um prescinda do pênis não é a ele que se refere. Independente da sua referencia ao Nome-do-pai ou a sua Verlegung na lei, sua perversão estava ativada na rede de relações, internéticas, portanto. No seu uso cotidiano nada mais havia de referencia ao desmentido, todavia, era ali que mentia e desmentia-se como identidade e como ser sexual, contudo, afirmava-se como sujeito desejante. Necessitava das mulheres que punham-se em amarras perversas para existir e era nestes laços que se manifestava- este é Viriato..

Constance, da mesma forma, embora com vida apática e repleta de resignações levava momentos de sua vida com queixas e pesares, além de submeter-se a obrigações que não almejava. Contudo, no cenário sexual, diante dos pares punha-se como objeto residual, esfacelado e dilacerado para apresentar-se como sujeito desejante. Suas montagens sexuais, violentas e transgressoras produziam-lhe a razão da vida.

Estas mesmas construções surgiam camufladas em suas tentativas profissionais. Articulavam, remanejavam, angustiavam os demais com suas aparições vorazes, fosse pela melancolização ou pelo poder, no caso de Viriato.

Assim, cabe em primeiro terreno colocar no cenário que tanto um quanto outro, embora anatomicamente determinados pela existência de um órgão, seja pênis ou vagina, não eram determinados pela anatomia, pelo gênero. Todavia, a dialética presente sempre foi a de ser e ter o falo. Constance, mesmo submetida a castração, transparecia que no resto que lhe escapava era possível estar além dela e desmenti-la

Viriato, seguindo os anagramas lacanianos, conclui que: todo homem é castrado e ao menos um não o é. Que está todo submetido a castração é inegável, contudo, abre uma fissura no todo, como um não-todo posiciona-se e ali pode deixar algo escapar. Suas montagens perversas o invadem em seu foro mais íntimo.

Não-todos em seus restos abrem as portas para as montagens perversas que os re-significa e os coloca como sujeitos desejantes. No que diz respeito à ética da psicanálise é o seu distanciamento daquilo que diria que é a norma respeitável e tradicional, ou seja, tomar estes sujeitos como degenerados, desviantes e mal feitores, tentando bani-los dos

olhares mais conservadores e autorizar seus desejos, mesmo que estes sejam mortais, como o desejo antigona de ser, isto é, o que a escuta do analista pode propiciar nestas clínicas.

Recuperando na filosofia os ensinamentos de Badiou, podemos arriscar em dizer que as montagens perversas sustentam a hipótese sobre as dimensões de verdade no processo da maldade. Emparelhemos as formas de maldade com aquilo que é inerente às montagens perversas. Logo, toda verdade contém um acontecimento, uma fidelidade e uma potência. Quando o acontecimento é tido como pleno, temos um simulacro ou terror; quando a fidelidade torna-se absoluta, certa, temos a traição e, quando a verdade está identificada, exclusivamente, com a potência total temos o desastre.

Caracterizar a montagem por esta via abre três dimensões que fazem sentido a partir da construção tecida nesta tese. Estas mulheres, de corpo anatômico feminino e, em sua perversão feminina, tomam seus cenários e transformam seus acontecimentos em plenos, a fidelidade ao gozo em certeza absoluta e potencializam seus atos, deste tanto constroem hipóteses de terror, traição e desastre.

Em seus *não-toda* investem em terror, traição e desastre, segundo as nomeações de Badiou, contrariamente, mergulham num universo de desejo e destituição subjetiva que marcam sua própria subjetivação e sua demarcação inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- ANDRÉ, Serge. *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.
- ASSADI, Tatiana Carvalho. *A efígie da feminilidade; uma trama de Machado de Assis a Freud*. Dissertação de Mestrado, Núcleo de Família e Psicanálise, Universidade São Marcos: São Paulo, 2000.
- ALLOUCH, Jean. *Letra a Letra: transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro: Campo Matemico, 1995.
- ASSOUN, Paul -Laurant. *O olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- AULAGNIER-SPAIRANI, Piera. *Observações sobre a feminilidade e suas transformações*. In O desejo e a perversão. Jean Clavrel (org). Campinas: Papirus, 1990.
- IER-SPAIRANI, Piera. A perversão como estrutura. In Revista de Psicanálise. Paris. 1º. ano n. 2- abril-junho 1967- PUF-
- BADIOU, Alain. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaio sobre os fenômenos extremos*. São Paulo: Papirus, 2001.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BLEICHMAR, Hugo. *Introdução ao estudo das perversões: a teoria em Freud e Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.
- BULFINCHE, Thomas. *O livro de ouro da Mitologia: história de Deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CAILLOIS, Roger. *Psicastenia legendária*. In Che voi? Psicanálise e cultura. Porto Alegre: cooperativa cultural Jacques Lacan, ano um , número zero, outono de 1986.
- CASTRO, Rui. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Ética e estética da perversão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

CID 10- *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento* Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Coordenação Organização Mundial de Saúde, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CLAVREL, Jean e outros. *O desejo e a perversão*. Campinas, SP: Papirus, 1990.

A Correspondência completa de Sigmund Freud com Wilhelm Fliess. (1887-1904). Editado por Jeffrey Moussareff Masson. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

COUREL, Raúl. *Psicoanálisis en el campo del goce*. Buenos Aires: Los Ensayos, Manantial, 1994.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Degas e o movimento. Texto de Luiz Marques. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand.

DELEUZE, Gilles. *Sade- Masoch*. Cadernos Penisnulares, nova série, ensaio 4.

DEUTSCH, Hélène. *La psychologie des femmes*. Paris: PUF, 1974.

Dicionário ilustrado de língua portuguesa. Editora Gamma. 11^a edição e 18 a tiragem.

DOR, Joël. *Clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

DOR, Joël. *Introdução da leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DOR, Joel. *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Amar se aprendendo Amando*. Rio de Janeiro: Record: 1985.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *A imagem entre o olho e o olhar*. In sobre arte e Psicanálise. Org. Tânia Rivera e Vladimir Safatle. São Paulo: Escuta, 2006.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta, 2002.

DOSSE, Ferdinand. *História do estruturalismo I. O Campo do Signo, 1945-1966*. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp: 1993.

ENRIQUEZ, Micheline. *Nas encruzilhadas do ódio: paranóia-masoquismo-apatia*. São Paulo: Escuta, 1999.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Tradução de Antonio Carlos Vianna. Porto Alegre: L & PM, 1997.

FARIA, Michele Roman. *Constituição do sujeito e estrutura familiar- o complexo de Édipo de Freud a Lacan*. Taubaté, São Paulo: Cabral Editora, 2003.

FERRAZ, Flávio Carvalho. *Perversão*. Coleção crítica psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FERREIRA, Neto. *Perversão ou perversões*. In Estilos da Clínica. Revista da Infância com problemas graves. Instituto de Psicologia, USP. São Paulo: IPUSP, 1999.

FINGERMANN, Dominique e DIAS, Mauro Mendes. *Por causa do pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FORBES, Jorge. *Seminário sobre o amor*. Hospital das clínicas. São Paulo, 2002.

FRAIZE- Pereira, João. *Recepção, estética em exposição de arte: ilusão, criação, perversão*. In A invenção da vida. Sousa, Tessler e slavutzky (org). Porto alegre, Artes e ofícios, 2001.

FREIRE COSTA, Jurandir. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1986.

FREIRE, Joyce Marly Gonçalves. *Do delirante ao ficcional: um estudo sobre a situação psicanalítica em um caso de paranóia*. Tese de doutorado defendida na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Área de concentração Saúde Mental em 2004.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Editora Standard Brasileira, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Sigmund. (1905a). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

FREUD, Sigmund. (1905b) *Fragmento da análise de um caso de histeria – o caso Dora* (1901).

FREUD, Sigmund. (1907). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*.

FREUD, Sigmund. (1908 a). *Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade*.

FREUD, Sigmund. (1908 b). *Escritores criativos e devaneio*.

FREUD, Sigmund. (1908 c). *Sobre as teorias sexuais das crianças*.

FREUD, Sigmund. (1910). *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância*.

FREUD, Sigmund. (1911). *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia*. (Dementia paranoides). O caso Schreber.

FREUD, Sigmund. (1913). *Totem e Tabu* .

FREUD, Sigmund. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*.

FREUD, Sigmund. (1915). *Pulsão e suas vicissitudes*.

FREUD, Sigmund (1917). *Luto e Melancolia*.

FREUD, Sigmund. (1919a). *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*.

FREUD, Sigmund. (1919b). *O estranho*.

FREUD, Sigmund. (1920). *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*.

FREUD, Sigmund. (1923a). *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*.

FREUD, Sigmund. (1923b). *Psicologia de massas e análise do eu*.

FREUD, Sigmund. (1923 c). *O ego e o id*.

FREUD, Sigmund.(1924a). *O problema econômico do masoquismo*.

FREUD, Sigmund (1924b). *A dissolução do complexo de Édipo*.

FREUD, Sigmund. (1925). *A negativa*.

- FREUD, Sigmund. (1927). *Fetichismo*.
- FREUD, Sigmund. (1930). O mal-estar na civilização.
- FREUD, Sigmund (1931). *Sexualidade feminina*.
- FREUD, Sigmund (1933). *Feminilidade*.
- FROMM, Erich. *O medo é a liberdade*. Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 1983.
- GOLDEMBERG, Ricardo. (org). *Goza! Capitalismo, globalização, psicanálise*. Coleção discurso psicanalítico. Salvador, Bahia: Ágalma, 1997.
- GRANOFF & PERRIER. *Lê désir et lê féminin*. Paris: Champs/ Flammarion, 2002.
- GRIMM, Willelm. *Os contos de Grimm: Branca de Neve*. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 1989.
- HANNS, LUIZ. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- JENSEN, Wilhelm. (1903). *Gradiva: uma fantasia pompeiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- JIMENEZ, Stella & MOTTA, Manoel (orgs.) *O desejo é o diabo: as formações do inconsciente em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1999.
- JULIEN, Philippe. *A feminilidade velada: aliança conjugal e modernidade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- JULIEN, Philippe. *O estranho gozo do próximo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- KAUFMANN, Pierre. (org). *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise: o legado de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor., 1996.
- KANCYPER, Luis *Ressentimento e remorso: estudo psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.
- KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KHAN, Masud. *Alienación em las perversiones*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1987.

- KRISTEVA, Júlia. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LACAN, Jacques. (1932). *Da psicose paranóide em sua relação com a personalidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. .
- LACAN, Jacques. (1938). *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge zahar Editor, 2003.
- LACAN, Jacques (1945). *O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada*. In *Escritos*. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editora: 1998.
- LACAN, Jacques. (1948) *A agressividade em psicanálise*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. (1949) *O estádio do espelho como formador na função do eu*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1998.
- LACAN, Jacques. (1955). *O seminário sobre a Carta Roubada*. In *Escritos*. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. (1956/57). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- LACAN, Jacques. (1957-58) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- LACAN, Jacques. (1958). *Juventude de Gide ou a letra e o desejo*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. (1959/60). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- LACAN, Jacques.(1960a). *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. (1960b) *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1960 c) *O seminário: livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1960 e) Posição do inconsciente. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. (1962-63). *O seminário: a identificação*. Cópia impressa pelo círculo Psicanalítico de Recife, 2003.

LACAN, Jacques. (1962-63) *A angústia. Seminário de 1962-63*. Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudiano do Recife. Recife: 2000.

LACAN, Jacques. (1963). *Kant com Sade*. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1964). *O seminário: livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1966-67) *A lógica da fantasia*. Resumo do seminário de 1966-67. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1968). *De um Outro ao Outro*. Seminário 16. Impressão mimeografada não autorizada.

LACAN, Jacques. (1969-70). *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1970). *Radiofonia*. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1972/73). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. (1973). *Televisão*. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2003.

LACAN, Jacques. *Conférences et entretiens dans les universités nord-américaines*. Paris: Scilet 6-7, Seuil.

- LASCH, Christopher.. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LAURAENT, Eric. *Versões da clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.
- Les homosexualités aujourd'hui: un défi pour la psychanalyse? Cliniques Méditerranéennes. Psychanalyse et Psychopathologie Freudiennes. N. 65:2002.*
- LEITE, Adriana Campos de Cerqueira. *Em busca do sofrimento histórico: a histeria e o paradigma da melancolia*. Tese de doutorado em regime de co-tutela. Unicamp e Universidade de Paris VII, Capinas, 2002.
- LÉVI- STRAUSS, Claude. *Estruturas Elementares de parentesco*. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1982.
- LIMA, Márcia Mello de. *Gozo e perversão: um percurso na teoria de Freud com Lacan*. Tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira. São Paulo: 2001.
- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração Selvagem (1944)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- LLOSA, MARIO VARGAS. *Travessuras da menina má*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- MARCUSE, H. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1964.
- MANNONI, Octave. *Eu sei, mas mesmo assim...* In *Psicose: uma leitura psicanalítica*. Katz (org). São Paulo, Escuta, 1991.
- MASOCH, L. S & CREPAX, G. *A Vênus das Peles*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- MEZAN, Renato. *Escrever a clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- MIJOLLA- MELLOR, Sophie de. *Crueldade no feminino*. Rio de Janeiro: companhia de Freud, 2005.

MILLER, Jacques Alain. *Os seis paradigmas do gozo*. In Opção Lacaniana. Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, abril de 2000, no. 26-27.

MILLOT, Catherine Horsexe. *Essai sur le transsexualisme*. Paris: Point Hors Line, 1983.

NASIO, Juan- David. *Os grandes casos de psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

NASIO, Juan- David. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

NASIO, Juan- David. *Psicossomática. As formações do objeto a*. Com intervenções de Pierre Benoit e Jean Guir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

NIETZSCHE, Frederich. *A genealogia da moral (1887)*. In: Os pensadores. São Paulo: São Paulo. Editora Abril, 1978.

OPÇÃO LACANIANA. *Há perversão nas mulheres?* Leda Guimarães (Salvador). Revista Brasileira Internacional de Psicanálise. São Paulo, abril de 2000, n. 26-27.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. *Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura psicanalítica sobre a perversão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

PEREIRA, Mário Eduardo. *A paixão nos tempos do DSM: sobre o recorte operacional do campo da psicopatologia*. In ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2000.

PEREIRA, Mário Eduardo. *Mineirinho ou o horror do gozo: o desamparo e o Outro*. In Psychê revista de Psicanálise. Universidade São Marcos. São Paulo, 2000.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. *Solidão e alteridade na Hora da Estrela de Clarice Lispector*. In Leituras da Psicanálise: estéticas da exclusão. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1998.

PLATON. *Le banquet. Ou de l'amour: genre moral*. Texte établi et traduit par Paul vicaire avec le concours de Jean Laborderie. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

QUEIROZ, Edilene F. *A perversão no feminino*. Texto no prelo, a ser publicado pela Revista de Psicopatologia Fundamental em 2002.

- RASSIAL, Jean-Jacques. *O sujeito em estado-limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- REICH, William. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo: Martins fontes, 1972.
- RODRIGUES, Nelson. *Perdoa-me por me traíres (1957)*. In Teatro completo de Nelson Rodrigues. Tragédias Cariocas I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é...* Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1989.
- ROSENBAUM, Yudith. *Metamorfoses do Mal: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 1999.
- ROSSET, Clement. *O princípio da crueldade*. Rio de janeiro, Rocco, 2002.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SACHER MASOCH, Léopold & CREPAX, Guido. *A Vênus das peles*. São Paulo: Martins fontes, 1984.
- SADE, Marques de. *A filosofia na alcova (1795)*. Salvador, Bahia: Ágalma: 1995.
- SAFATLE, Vladimir. *O ato para além da lei: Kant com Sade com ponto de viragem do pensamento lacaniano*. In Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise. Org. Safatle. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- SARAMAGO, Jose. *A bagagem do viajante: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: cultrix, 1975.
- SCHULTE, W. & TÖLLE, R.. *Manual de psiquiatria*. São Paulo: EPU, Springer, 1981.
- SCHERMANN, E. Z. *O gozo en-cena: sobre o masoquismo e a mulher*. São Paulo: Escuta, 2003.
- SÓFOCLES. *Antígona*. Tradução de Millor Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução Mello e Souza. Rio de janeiro: Ediouro, 1997.

- SOLER, Colette. *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa livraria, 1998.
- SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- SOUSA, Edson Luis André. *A burocratização do amanhã*. Texto no prelo.
- SOUSA, Edson Luis André. *Monocromos psíquicos: alguns teoremas*. In sobre Arte e psicanálise. Org. Tânia Rivera e Vladimir Safatle. São Paulo: Escuta, 2006.
- SOUSA, Edson Luis André. *Freud*. Coleção para saber mais. Revsita Super Interessante. São Paulo: Editora Abril, 2005.
- SOUSA, Edson Luis André. *Mimesis e narcisismo em psicanálise*. In Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise. Org. Raul Pacheco, Nelson coelho Junior e Miriam Debiex Rosa. São Pulo: Casa do Psicólogo, 2000.
- SOUZA LEITE, Marcio Peter & CAZOTTE, Jacques. *O deus odioso: psicanálise e representação do mal e O diabo amoroso*. São Paulo: Escuta, 1991.
- SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil: as identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: escuta, 1994.
- STOLLER. *Sex and gender*. New York, 1978.
- Traits de perversion dans Les structures cliniques..* Volume préparatoire à la Vième Rencontre internationale du champ freudien. Paris: Navarin Editeur, Juillet 1990.
- VALÈRY, Paul. *Degas Dança Desenho*. São Paulo: Cosac & Naify edições, 2003.
- VALAS, Patrick. *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1990.
- VIGNOLES, Patrick. *A perversidade: ensaio e textos*. Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- ZIZEK, SLAVOJ. *Lás metástasis del goce: seis ensayos sobre la mujer y la causalidad*. 1ª. Ed. 1ª reimp. Buenos Aires: Paidos, 2005.
- ZIZEK, Slavoj. *Aspectos del malestar em la cultura*. Buenos Aires, Manantial, 1989.